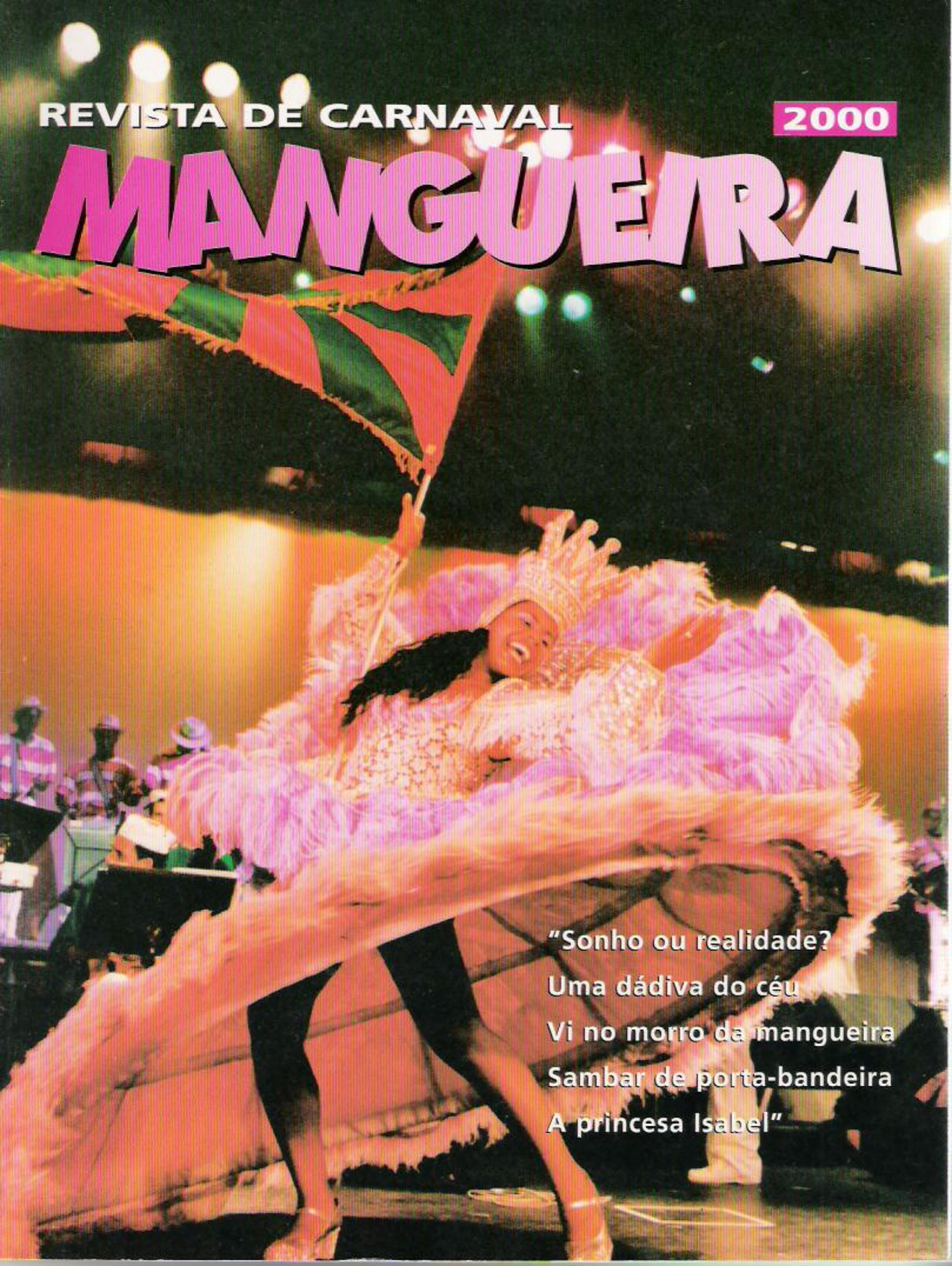


REVISTA DE CARNAVAL

2000

MANGUEIRA



"Sonho ou realidade?
Uma dádiva do céu
Vi no morro da mangueira
Sambar de porta-bandeira
A princesa Isabel"

**Estados Unidos, Europa e mais 40 países
direto e sem escala na telefonista.
Roaming Internacional TCO.**



A TCO lança mais um serviço exclusivo. Ela é a primeira e a única empresa de celular da região a oferecer roaming internacional. Assim fica muito mais fácil e econômico fazer ligações locais e internacionais quando você estiver nos Estados Unidos, Europa, Ásia, Oceania ou África. E você recebe suas chamadas onde quer que esteja, sem a interferência de telefonistas. Para solicitar o serviço, ligue 1404 e boa viagem.

Central de Atendimento
NT
 24 HORAS
0800-90-0808
www.nbt.net.br

NBT
 NORTE BRASIL TELECOM
 É mais coração. É mais Brasil.

TCO CENTRO OESTE
 celular
 A gente toca no coração do Brasil

Central de Atendimento
TCO
 24 HORAS
1404
www.tco.net.br

Alô, Nação Mangueirense!

Mais uma vez soam caixas, surdos, repiques e tamborins da Verde-e-Rosa, anunciando o momento tão esperado. Foram 365 dias de muita luta, vitórias e derrotas, alegrias e tristezas.

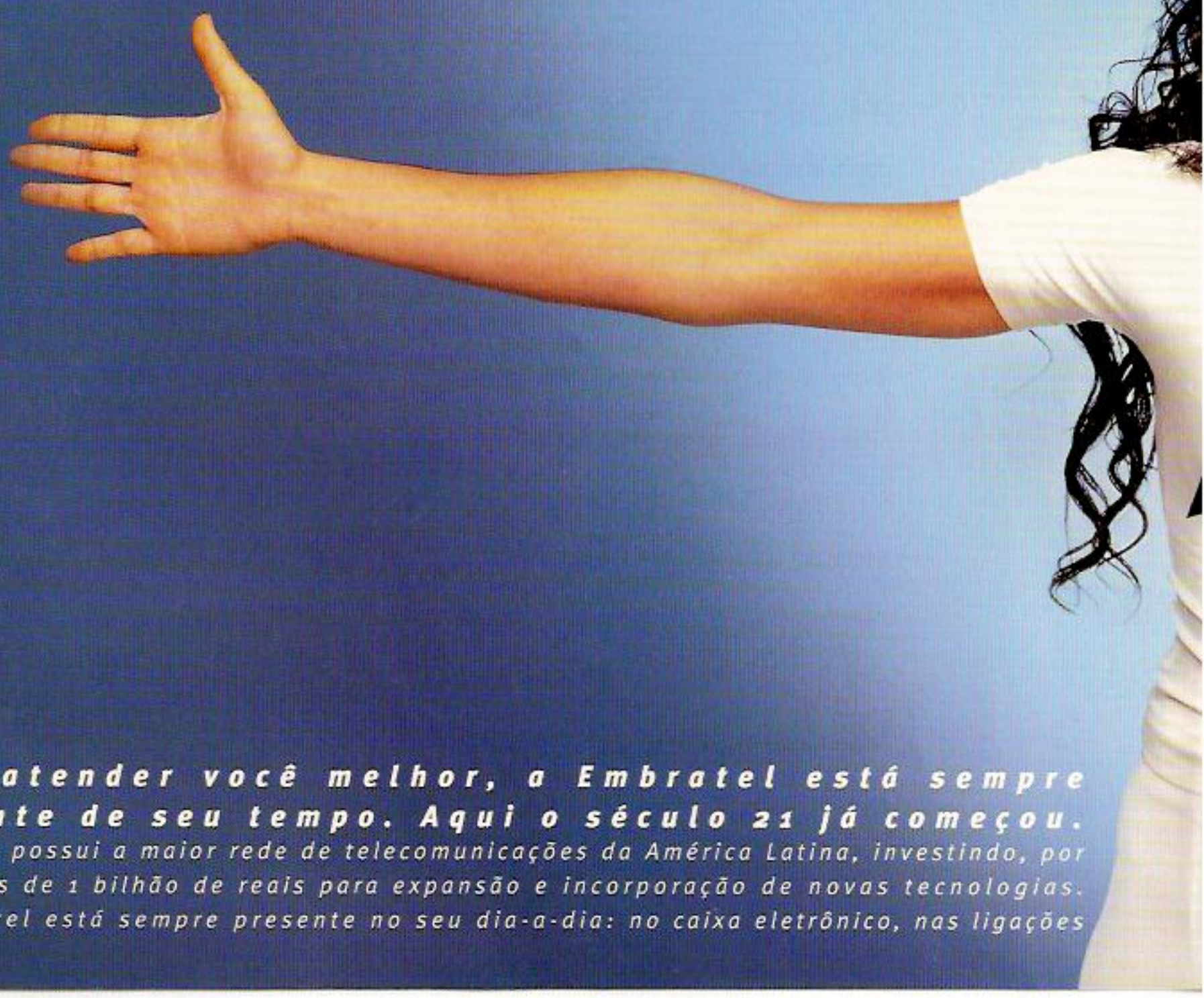
O ano de 1999 não foi dos melhores para a nossa Escola. Eu, particularmente, sofri perdas irreparáveis e o nosso Grêmio até hoje amarga o resultado do carnaval passado.

Mas como disse o nosso poeta, o Jequitibá do Samba enverga mas não quebra. Ressurge sempre com mais força, com mais raça e com mais garra, não medindo esforços para alcançar o tão desejado título.

E hoje, neste momento, queria pedir ao meu Papai do Céu que derrame todas as bençãos sobre nossos componentes, que nos ensine o melhor caminho e que marche junto conosco para a vitória. A vitória da nossa escola de samba, a vitória da nossa escola de vida, a vitória do nosso amor maior: Mangueira.



Bem-vindo ao sé



Para atender você melhor, a Embratel está sempre à frente de seu tempo. Aqui o século 21 já começou. Hoje, ela possui a maior rede de telecomunicações da América Latina, investindo, por ano, mais de 1 bilhão de reais para expansão e incorporação de novas tecnologias. A Embratel está sempre presente no seu dia-a-dia: no caixa eletrônico, nas ligações

culo da Embratel.



DDD e DDI, na televisão, na Internet, nas compras online, nas reservas de passagens e em muitos outros lugares. Com a Embratel você chega mais perto das pessoas e do século 21.

21
Embratel
Você chega mais perto Via Embratel.

Informações 0800 900 021 - www.embratel.com.br

DIRETORIA DA MANGUEIRA

PRESIDENTE: Elmo José dos Santos
VICE-PRESIDENTE: Walter Martins de Miranda
SECRETÁRIAS: Eli Gonçalves da Silva (Chininha) e Margarida Jesuino da Silva
VICE-PRES. DE FINANÇAS: Elias João Richa Filho, Nilton de Oliveira e Márcio Garcia
VICE-PRES. DE PATRIMÔNIO: Edson Marcos Gaspar de Andrade, Telmo José dos Santos, Ednaldo Carlos de Souza Lima e Amauri Ribeiro Wanzeller
VICE-PRES. DE ESPORTES: Francisco Manoel de Carvalho
VICE-PRES. SOCIAL: Célia Regina Domingues
VICE-PRES. JURÍDICA: Alcyone Barretto
VICE-PRES. MÉDICA: Luis Carlos Caetano dos Santos e Nádia Pereira Christino
VICE-PRES. CULTURAL: Paulo Ramos, Terezinha Labruna e Fernando Antônio Guerra Peixe
VICE-PRES. DE PROJETOS ESPECIAIS: José Maria Guimarães Monteiro
VICE-PRES. DE EVENTOS: Álvaro Luiz Caetano, Osny Santos de Melo (Chuchu) e Guilherme Alexandre
VICE-PRES. DE DIVULGAÇÃO: José Manoel Lombardi Filho, Anésio dos Santos (Comprido), Alberto Miranda (Beto Fim de Noite) e Luiz Eduardo Bahiana
VICE-PRES. DE HARMONIA: Olivério Ferreira (Xangô), Sérgio Alberto Lucchesi, Edson Goes, Dilmo Ferreira e José Carlos Netto
DEPARTAMENTO FEMININO: Márcia da Silva Machado (Guezinha) e Suely Moreira Barnos
ASSESSOR DO PRESIDENTE: Elso da Costa Santos
ASSESSORES DA DIRETORIA: Avelino Pacheco Filho, Carlos Alberto da Silva, João Carlos Alves dos Santos, Paulo Barros, Sebastião Ramos, Ubirajara da Silva, Ubirajara Maximino e Waldir José Claudino
ASSESSORES DA VICE-PRES.: Flávio José de Almeida, Marco Antonio Gomes e Milton Caetano



CONSELHO DELIBERATIVO

PRESIDENTE: Lomelino Ribeiro
VICE-PRESIDENTE: Moacyr Barreto da Silva Júnior
1º SECRETÁRIO: Heitor de Oliveira
2º SECRETÁRIO: Celso dos Santos Rodrigues

CONSELHO DE CARNAVAL

PRESIDENTE: Percival Pires
VICE-PRESIDENTE: Eli Gonçalves da Silva (Chininha)
MEMBROS: Alcyone Barretto, Amauri Ribeiro Wanzeller, Álvaro Luiz Caetano, Célia Regina Domingues, Edson Marcos Gaspar de Andrade, Elias João Richa Filho, Elmo José dos Santos, Francisco de Carvalho, José Maria Guimarães Monteiro, Margarida Jesuino da Silva, Moacyr Barreto da Silva Júnior, Nilton de Oliveira, Osvaldo Martins e Walter Miranda
CARNAVALESCO: Alexandre Louzada

ADMINISTRAÇÃO DO BARRACÃO DE ALEGORIAS: Nilton de Oliveira

ADMINISTRAÇÃO DO BARRACÃO CULTURAL - PRAÇA ONZE: Osny Santos de Melo (Chuchu)

ALA DA BATERIA

PRESIDENTE: Gerson Lima de Oliveira
VICE-PRESIDENTE: George Teixeira Gomes (Bill)

VELHA-GUARDA DA BATERIA

PRESIDENTE: Waldir José Claudino
VICE-PRESIDENTE: Orlando Silva Cabral

ALA DOS COMPOSITORES

PRESIDENTE: Anésio dos Santos (Comprido)
VICE-PRESIDENTE: Rodemir Rodrigues Pereira (Rody)

ALA DAS BAIANAS

PRESIDENTE: Neuci da Silva Morais
VICE-PRESIDENTE: Apalais Miranda Rosa

GRC MANGUEIRA DO AMANHÃ

PRESIDENTE: Terezinha Labruna

REVISTA DE CARNAVAL MANGUEIRA 2000

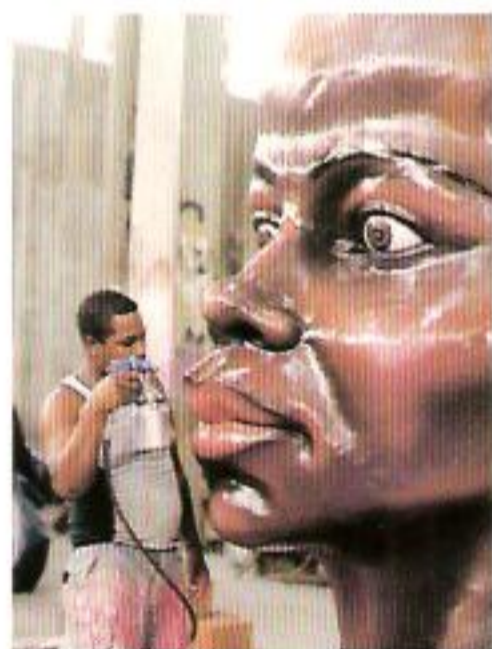
Uma publicação da ZMM Rio Comunicação e Marketing em parceria com a Coordenadoria de Marketing da Mangueira:
 Elmo José dos Santos, Avelino Pacheco, Álvaro Luiz Caetano, Célia Regina Domingues, Edson Marcos Gaspar de Andrade, Elias João Richa Filho, Moacyr Barreto da Silva Júnior, Jorge Luis Fernandes e Walter Miranda

COORDENAÇÃO GERAL: José Maria Guimarães Monteiro
PROMOÇÃO E VENDAS: Projetos Especiais da Mangueira
COORDENAÇÃO EDITORIAL: Cláudia Bensimon
EDIÇÃO E COORDENAÇÃO EXECUTIVA: Letra Viva Comunicação (Elane Maciel e Flavia Cavalcanti)
COLABORADORES DESTA EDIÇÃO: Antonio Henrique Lopes Brandão, Fernando Paulino, Lena Frias, Luciana Conti,

Nani Rubin (reportagem); Romildo Guerrante (copidesque); Marcia Lemos (revisão); Gilberto Zavarezi (mapas)
CAPA, DIAGRAMAÇÃO E EDITORAÇÃO: AllType Comunicação
FOTOS: Fernando Rabelo, Walter Firmo, Agência O Globo e Arquivo do GRESEP de Mangueira
FOTOLITO: Dressa Color
IMPRESSÃO: Gráfica JB



A primeira porta-bandeira Geovana, em foto de Fernando Rabelo



• ENREDO

No carnaval do Ano 2000 a Mangueira pede licença às figuras ilustres da nossa história oficial e elege um personagem "do lado de lá" – D.Obá II – para ser o destaque do seu enredo.

• **HERDEIROS DA TRADIÇÃO**

Na Estação Primeira o samba é permanente e une passado, presente e futuro. Hoje todos estão juntos – Velha Guarda, comunidade e diretoria – em torno de um objetivo comum: modernizar a Escola sem desprezar suas raízes.

18



• **PROJETOS SOCIAIS**

À frente dos projetos sociais, a primeira-dama da Mangueira, Célia Regina Domingues, conhece bem os problemas e as necessidades da comunidade mangueirense.

30



• **MESA DE BAMBAS**

A Revista da Mangueira reuniu um time de bambas, todos mangueienses de carteirinha, para um bate-papo. Veja o que os bambas têm a dizer sobre a força e o carisma da Mangueira.

60

• **VERÃO 2000**

Show da Mangueira abre o carnaval 2000 em grande estilo, com o público lotando o Canecão, no Rio, e o Olímpia, em São Paulo.

68



• **MODELO DE GESTÃO**

A partir da administração do presidente Elmo, a Mangueira inaugurou importantes parcerias com empresas em torno de projetos voltados para a comunidade.

70

E MAIS...

- **CENTRO DE MEMÓRIA**
- **ENSAIO FOTOGRÁFICO**
Walter Firmo
- **CORDILHEIRA DO SAMBA**
A história dos morros da Mangueira
- **HOMENAGENS**
Seu Tinguinha
Carlos Cachaça
Albino Pinheiro
- **MEMÓRIA DO SAMBA**
Velha Guarda lança CD
Projeto resgata sambas de terreiro
- **PERFIL**
Jamelão, o solista maior do samba
- **ARTIGOS**
- **ROTEIRO DA FOLIA**
- **DICAS PARA O CARNAVAL**

AXÉI

D.Obá II pede passagem

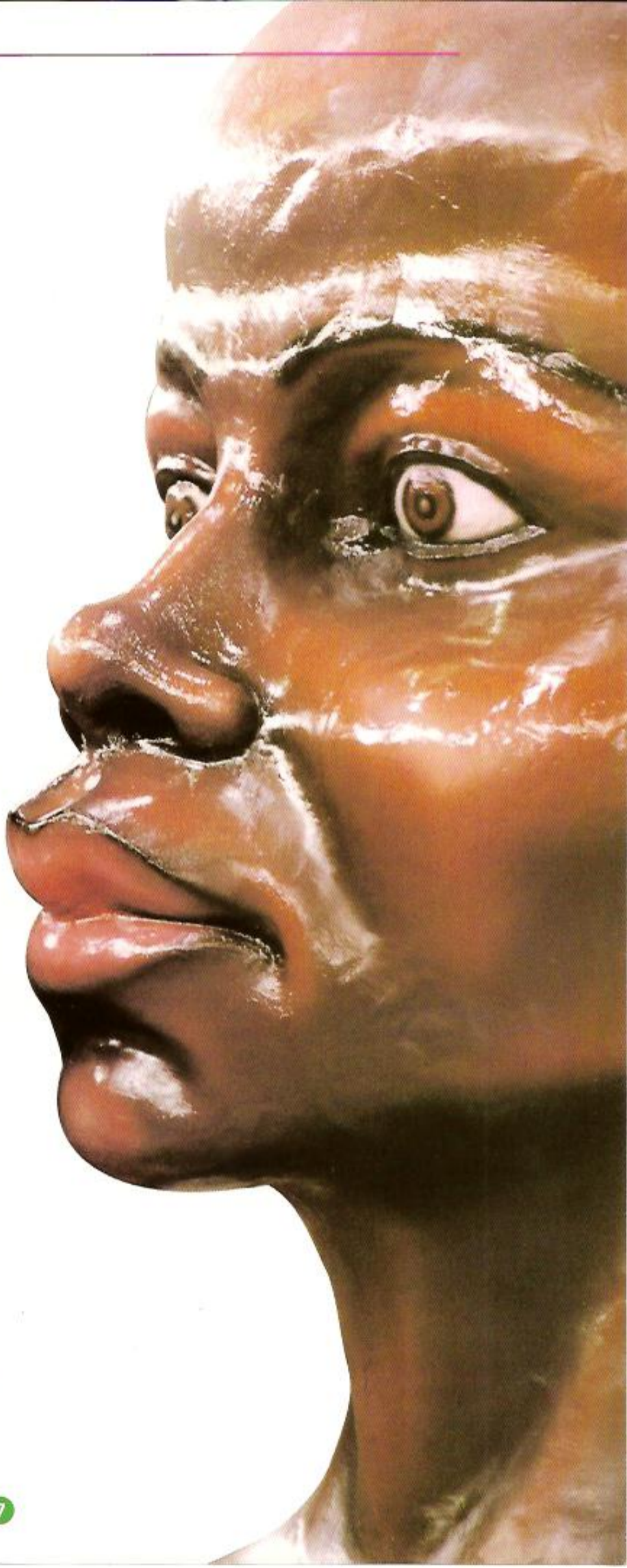
NO CARNAVAL DO ANO 2000, QUANDO SE COMEMORAM OS 500 ANOS DE DESCOBRIMENTO DO BRASIL, A MANGUEIRA PEDE LICENÇA A D. PEDRO II E À PRINCESA ISABEL, FIGURAS ILUSTRES MAS JÁ MUITO EXPLORADAS DA NOSSA HISTÓRIA, PARA RELEGÁ-LOS A COADJUVANTES DE SEU ENREDO. O DESTAQUE DA VERDE-E-ROSA, ESTE ANO, É UM PERSONAGEM PERIFÉRICO, DESSES QUE COSTUMAM PASSAR AO LARGO DA HISTÓRIA OFICIAL, E CUJA ÚNICA SEMELHANÇA COM OS MEMBROS DA FAMÍLIA REAL PORTUGUESA ERA TER, ELE TAMBÉM, SANGUE AZUL: DOM OBÁ II D'ÁFRICA.



Negro, pobre e filho de escravo forro, Dom Obá estava fadado a não sobreviver, como personagem, à época em que viveu: a segunda metade do século XIX. Mas a Mangueira resgatou para o povo essa figura inusitada e curiosa, que participou de momentos importantes e testemunhou transformações decisivas no Brasil do Segundo Reinado. Na avenida, a Verde-e-Rosa canta D. Obá e, através do percurso singular desse brasileiro, recupera a violência cometida contra os negros africanos, arrancados de sua terra para serem escravizados num país distante, que um dia seria a sua terra também.

“Com esse desfile, fazemos uma homenagem à saga do negro, à contribuição da raça negra ao Brasil. A história, normalmente, se esquece dos personagens comuns”, diz Alexandre Louzada, carnavalesco que realiza seu terceiro desfile na Mangueira. Louzada se inspirou, para criar o desfile, no enredo elaborado por Osvaldo Martins, que, por sua vez, foi buscar no livro do historiador Eduardo Silva, *D. Obá II D’África, Príncipe do Povo – Vida, tempo e pensamento de um homem livre de cor*, as informações sobre este personagem que se tornou, em seu tempo, uma dessas deliciosas figuras folclóricas que dão alma às cidades. No caso, o Rio de Janeiro de D. Pedro II, onde a riqueza da corte convivia com a pobreza da população negra (o “Rio de lá” e o “Rio de cá” de que fala o contagiante samba-enredo de Marcelo D’Aguiã, Bizuca, Gilson Bernini e Valter Veneno).

UM REI AFRICANO NA CORTE. D. Obá II era filho de africano – um rei africano, dizia ele, da nação iorubá, capturado em Oyó para vir trabalhar como escravo no Brasil, onde adotou o nome de Benvindo. Depois de alforriado, o pai se juntou à leva de trabalhadores que correram para os garimpos de diamantes do sertão baiano. E foi lá, em Lençóis, interior da Bahia, que teria nascido o filho Cândido da Fonseca Galvão, futuro D. Obá II. Cândido era negro e livre numa sociedade que fundara seus alicerces econômicos e sociais na escravidão. E, ►



ao contrário da grande maioria da população brasileira da época (63,82% em 1872), trazia um trunfo: sabia ler e escrever. Mas sua ascensão social se daria por outro meio, muito comum então: o alistamento militar, que teoricamente igualava brancos, negros e mestiços na defesa do país. Cândido se ofereceu como “voluntário da pátria” para lutar na Guerra do Paraguai. Com isso, saiu de Lençóis – a rica e opulenta Corte do Sertão – e conheceu pela primeira vez a verdadeira Corte, no Rio de Janeiro, a caminho do Rio Grande do Sul. Quando voltou da guerra, decidiu ficar na capital.

No Rio de Janeiro, o alferes Galvão se tornou figura popular ao participar, em 1880, da Revolta do Vintém, manifestação popular contra o aumento da passagem de bonde. Seria seu trampolim para a “política” informal, transformando-o num porta-voz da população miserável. Elegante vestido, de casaca, cartola, luvas, *pince-nez* e guarda-chuva (este último, objeto raro e símbolo de poder em Oyó), D. Obá se tornou uma espécie de líder da comunidade – morava na rua Barão de São Félix, área de cortiços superpovoados, refúgio de “capoeiras, prostitutas e feiticeiros”, destaca o historiador Eduardo Silva. Na mesma rua, um pouco mais acima, ficava o Cabeça de Porco, célebre cortiço carioca, que viria depois a dar nome a todas as habitações coletivas que, a partir de então, surgissem na cidade. Foi nessa região de desvalidos, que incluía ainda Gamboa, Saúde, Santana – a chamada África Pequena, como Heitor dos Prazeres a batizaria mais tarde – que D. Obá recolhia a ajuda financeira da população. O “patrocínio” tinha boa causa: era assim que pagava artigos nos jornais, nos quais, sempre com estilo rocambolês, demonstrava seu apego aos

valores monarquistas (não fosse ele próprio um rei), criticava a elite e defendia questões fundamentais para a população que vivia no “rio de cá”.

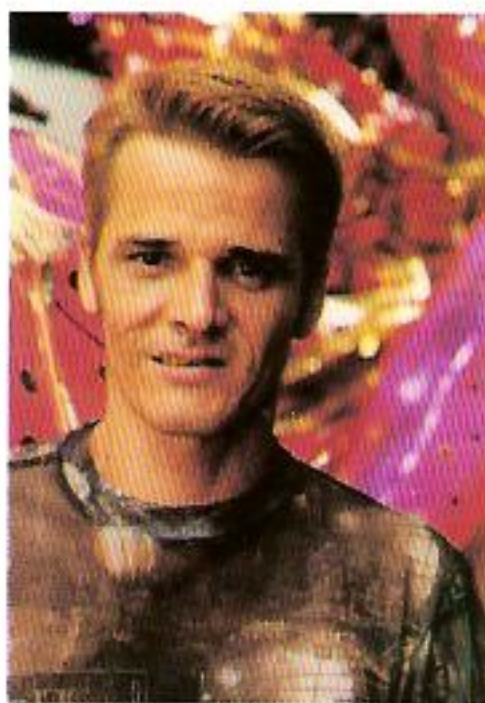
Também representava o povo comparecendo às audiências públicas concedidas por D. Pedro II todos os sábados no Palácio da Quinta da Boa Vista. Entre junho de 1882 e dezembro de 1884 ele foi a todas as 125 audiências concedidas pelo Imperador, conforme consta do livro de registro do palácio. Com bastante frequência era o primeiro a chegar, e várias vezes fazia questão de apresentar-se junto ao corpo diplomático, como dignitário estrangeiro, e dialogar com D. Pedro “de soberano para soberano”. Para a

elite branca, era meio amalucado, um negro pernóstico e metido, de quem volta e meia saía uma caricatura nos jornais. Para seus súditos negros, era o “príncipe do povo”. Morreu só e pobre, em julho de 1890, mas deixou atrás de si, nas notícias e nos artigos que fazia publicar, um registro importante de sua participação na vida do país.

A MANGUEIRA CONTA D. OBÁ II. Na avenida, o enredo criado por Oswaldo Martins ganha ares majestosos na interpretação cênica desenvolvida por Alexandre Louzada.

A Mangueira sai na Sapucaí com sete carros (na verdade, oito, sendo que dois deles acoplados) e 29 alas, num total de 4.500 componentes. Ao longo do desfile, a escola vai contar de forma cronológica a história de D. Obá, desde a vinda de seu pai da África, num navio negreiro, até a abolição da escravatura.

A comissão de frente, com 15 bailarinos – dez homens e cinco mulheres – representa a “Corte dos Esfarrapados”, os súditos de D. Obá que viviam nos cortiços da Pequena África. “Vamos mostrar a irreverência carioca”, promete Carlinhos de Jesus.



O CARNAVALESCO ALEXANDRE LOUZADA



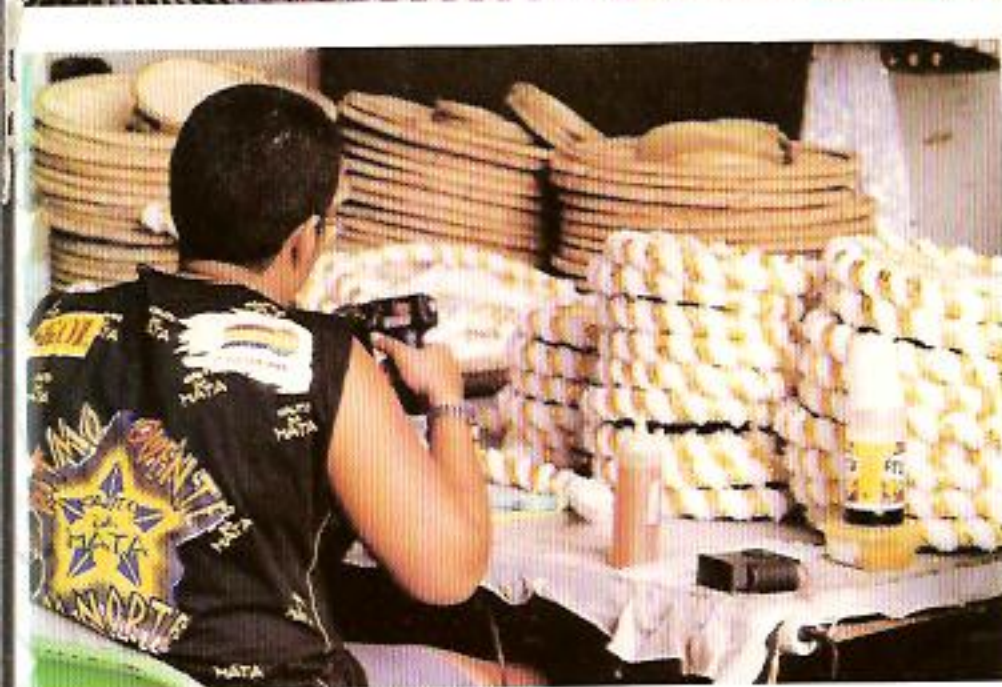
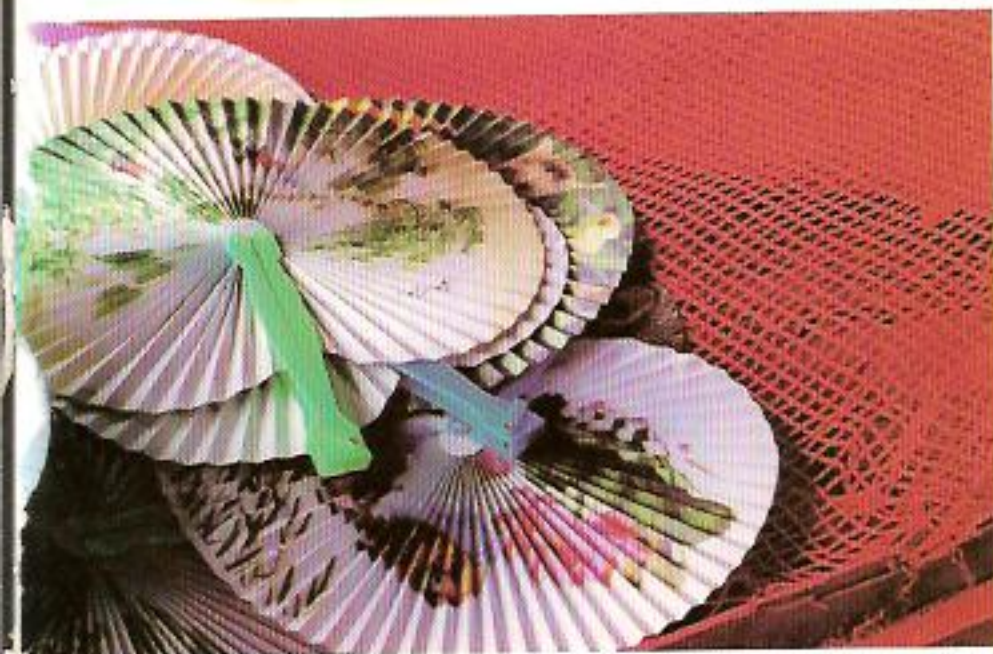
O coreógrafo, que faz este ano seu terceiro desfile pela Mangueira, criou a movimentação dos componentes da comissão, que virão vestidos com figurinos do estilista Luiz de Freitas. “Fazemos uma chamada para a sociedade prestar atenção no que está acontecendo”, diz Carlinhos. “Queremos trazer à discussão que em 500 anos o Brasil não evoluiu na questão racial e social, que ainda existe preconceito e muita coisa a ser feita.”

Em seguida, vem o carro abre-alas: o “Reino de Oyó”, onde nasceu o pai de D. Obá. O carro simboliza a Mãe África, e traz várias máscaras gigantes, representando cabeças de antílopes, animal-símbolo de Oyó. As quatro alas seguintes são formadas por membros da comunidade, todos negros. “É importante ser assim, diz Louzada, pois foram negros os que vieram para cá. Não se trata de barrar a entrada de brancos, a Mangueira nunca faria isso, eles estão desfilando em várias outras alas. Mas queremos que o início do desfile, que mostra a África, passe essa verdade histórica.” A miscigenação acontece a partir do terceiro carro.

A massa de 500 componentes negros se divide numa primeira ala de guerreiros africanos; em seguida, duas alas de africanos celebrando festivais antes da chegada do navio negreiro. A quarta ala é a das baianas, com 120 componentes caracterizadas como Yabá, feiticeira africana.

AS BAIANAS. As baianas merecem um capítulo à parte no desenrolar desse enredo. Se o coração da Escola bate na bateria, na ala das baianas está a alma da Verde-e-Rosa, um símbolo da tradição do samba. Elas vêm caracterizadas como “Mãe África”, com materiais rústicos ▶

NO BARRACÃO
TODO MUNDO
TRABALHA
DIA E NOITE
PARA VESTIR
OS 4.500
COMPONENTES
DA ESCOLA



O QUE O CARLINHOS DE JESUS FEZ FOI APROVEITAR O GINGADO NATURAL DAS BAIANAS

na fantasia, como palhas e búzios, e passaram por um trabalho de valorização de seu movimento, feito por Carlinhos de Jesus. Aqui, melhor esclarecer: não se trata de coreografia. “Não sou doido de querer coreografar baiana”, avisa Carlinhos. “Até porque já era sambista antes de me tornar dançarino. Não caí de pára-quedas na escola de samba.” O que Carlinhos fez foi aproveitar o gingado natural das componentes da ala para torná-las mais presentes na avenida. “Dei dicas para o alinhamento delas, mostrei para onde devem olhar quando rodam, para que tenham a consciência do movimento.” Além disso, no refrão “Rio de lá, Rio de cá”, elas vão apontar matreiramente para um lado e outro da avenida, interpretando a música. O trabalho de Carlinhos foi

como cúica no samba para aumentar a auto-estima das senhoras.

NAVIO DOS INFERNOS. Depois da beleza das baianas, entra o inferno do tráfico de escravos. O segundo carro da escola é o “Navio Negro”. “Não é uma nau comum”, explica Louzada, “mas um barco demoníaco, que mostra o sofrimento por que o negro passou”. Transparente, para que o público possa ver o seu interior (africanos sendo chicoteados por brancos), o barco tem esculturas de negros crucificados fazendo o papel dos mastros das velas. Outros negros, acorrentados à embarcação envolta em chamas, simulam estar arrastando a embarcação, como se carregassem o próprio sofrimento. O lema é: nada de romantismo. Navio negro dá samba sim, mas sem ôba-ôba.

O quilombo Mangueira

Quando a Mangueira escolheu o enredo de D. Obá II ela queria ser coerente com a sua própria trajetória, já que o carnaval do ano 2000 girava em torno de história. “Eu queria falar da saga do negro”, diz Elmo José dos Santos, há quase cinco anos presidente da Verde-e-Rosa. “A escola tem legitimidade para falar disso.” Elmo comenta com paixão o belo enredo desenvolvido por Osvaldo Martins, D. Obá II, Rei dos Esfarrapados, Príncipe do Povo – no qual não há espaço para

ufanismo ou romantismo em relação à história dos africanos trazidos para cá. “A Mangueira vai para a avenida exaltar o negro e falar do sofrimento que ele teve ao ser capturado em sua terra e trazido para o Brasil”, diz Elmo, observando pelo menos um episódio nada lisonjeiro da nossa história: “O Brasil foi o último país a fazer a abolição da escravatura. Isto é muito triste”. Essa visão da história pelo lado não-oficial, pelo ponto-de-vista de um negro filho de escravo que trazia nas veias o

sangue da realeza iorubá e na carne a herança do sofrimento de seu pai, poderia ter servido de senha para os segregacionistas de plantão. “A Mangueira em nenhum momento deixou que fizessem do enredo dela trampolim partidário. Não somos uma escola só de negros. Somos também brancos, mestiços, amarelos...”

Mas o enredo é sobre os negros, e aí torna-se inevitável dizer que, em cinco séculos, pouca coisa mudou. “O samba é muito



Os carros da escola vão marcar as várias etapas da vida de D. Obá. O terceiro carro, “Corte no Sertão”, representa, por exemplo, a vida do pai e do filho no garimpo de Lençóis. Ele mostra as montanhas escarpadas da região, com um pequeno rio de onde se extraía o diamante. Em volta, os zuavos, representando a companhia em que D. Obá se alistou para lutar na Guerra do Paraguai.

O quarto carro é a “Corte dos Esfarrapados”, o Rio miserável onde D. Obá era rei. Alexandre Louzada tomou a licença poética de colocar D. Obá num imenso trono dourado, onde ele, já calibrado por generosos goles de parati, imaginava a si próprio, em seus delírios de monarca, governando seu reino de desvalidos. “É uma visão bem-humorada desse cidadão que não dispensava uma cachaça”, diz o carnavalesco. Acoplado a este carro, vem o cortiço onde

D. Obá “reinava”, puxado por uma carruagem esfarrapada, cães vira-latas em vez de cavalos portentosos.

O carro seguinte é a corte real, a “Corte do Império”, e tem o clima suntuoso do Palácio Imperial, um luxo e requinte que contrastam com o da “Corte dos Esfarrapados”. Era ali, nas audiências públicas concedidas pelo imperador, que D. Obá defendia seus “súditos” e agia como representante diplomático, o que D. Pedro II, de acordo com relatos da época, permitiria para não causar maiores problemas.

No sexto carro, está representada a “Liberdade”, com a assinatura da Lei Áurea: sua luta e conquista, tão sonhadas pela população negra e escrava do país, são simbolizadas por uma escultura gigante, de um negro com asas enormes, arrebatando as correntes da escravidão.

O sétimo e último carro é o “Quilombo da

claro quando diz ‘500 anos! Brasil/ e a raça negra não viu/ o clarão da igualdade’”. O “rio de lá” e o “rio de cá” do samba são os mesmos daquela época. “A Mangueira vai gritar na avenida esta diferença social.” Elmo lembra que a área que servia como espécie de quintal do Palácio da Quinta da Boa Vista é onde hoje está a comunidade mangueirense, onde a escola realiza seus trabalhos sociais. As cores que mestre Cartola deu à escola, o rosa e o verde, representam, a primeira, o amor, e a segunda, a esperança. “É o amor que faz com que 4.800 crianças sejam atendidas pelo nosso projeto social, e é a esperança que faz

com que eles, que andavam com barro até a canela, não precisem mais andar por valas imundas. Posso dizer que através desse verde e rosa somos amor, somos esperança, somos Mangueira até morrer.”

Sim, rolou uma emoção. Mas esta é uma escola movida a emoção, enfatiza o presidente. Por isso, na avenida, vai bater forte no peito de cada mangueirense o samba deste ano, pela primeira vez cantado em primeira pessoa. “Isso faz de cada um de nós um D. Obá”, diz Elmo, “incorporando o personagem e interpretando o samba. Nós somos D. Obá. Somos o rio de cá, mas esta-

mos fortes, resistindo.” A Mangueira, completa Elmo, “se tornou o grande quilombo deste país. Ela resiste dando dignidade a seus cidadãos”.



Mangureira”, onde vêm os baluartes da escola: Dona Neuma, Dona Zica, Dona Miúda, Mocinha e delegado, entre muitos outros. Simboliza a resistência negra contra a dominação branca e, no caso da Verde-e-Rosa, a resistência às transformações por que passou o samba. É um brado de fidelidade às tradições. Nesse quilombo, numa nova licença poética, a Mangureira se insere no enredo. Na verdade, a comunidade da Mangureira se originou no local que funcionava como um quintal do palácio, onde ficavam a senzala e a cocheira imperiais. Osvaldo Martins, ao desenvolver o enredo, imaginou a princesa Isabel comemorando a assinatura da lei com a gente simples do morro, sambando de porta-bandeira. Isso mesmo: Isabel, a princesa, de porta-bandeira, empunhando o estandarte da Mangureira, celebrando com seus (ex) escravos a lei que acabara de assinar.

O LUXO E O LIXO. Até chegar a esse último carro, a Escola mostra situações e personagens do enredo, como cavalheiros e damas da Corte, nobres da favela, a quebra das correntes. A Velha Guarda vem de “Mangureira em noite de festa”, festejando o negro depois da libertação e seu novo status na sociedade. Além desta, uma outra ala vai chamar a atenção do público: a de “Negros ilustres”, organiza-

da pela primeira-dama do morro, Célia Regina Dominguez: 80 políticos, artistas, atletas e empresários negros, como Robson Caetano, Toni Garrido, Milton Gonçalves, Chica Xavier e Antonio Pitanga saem com o traje “raça negra em noite de festa”, uma roupa que Alexandre Louzada descreve como “afro-fashion”. E, fechando o desfile, uma interpretação radical do Rio de lá e do Rio de cá: 100 componentes com figurinos luxuosos e 100 com figurinos pobres atravessarão a avenida lado a lado, mas sem se misturar, “como se uma linha imaginária os separasse”, diz Louzada. Com isso, a Escola mostra que a desigualdade do tempo de D. Obá, e que penalizava principalmente os negros, ex-escravos com praticamente nenhuma chance de ascender socialmente, persiste até hoje – de um lado luxo e riqueza, do outro lixo e pobreza. A escravidão acabou, a injustiça social não. A Mangureira poderia fazer suas as palavras de D. Obá II, publicadas no jornal “O Carbonário” em setembro de 1882, mais de um século atrás: “Que época estamos atravessando, tão cheia de espinhos e economias para um lado onde é mais preciso a fartura, (que) é para o lado da pobreza”. Nos 500 anos de Brasil, a Mangureira mostra samba no pé e faz pensar. ■

NA QUADRA
SUPERLOTADA,
O SAMBA DE
D. OBÁ II
RECEBEU
NOTA 10





OSVALDO MARTINS ESTREOU NA MANGUEIRA COM O ENREDO EM HOMENAGEM A TOM JOBIM

“Ser Mangueira é uma questão de caráter”

Oswaldo Martins nasceu em Santos, mas no seu peito bate um coração verde e rosa. Para o autor do enredo, ser Mangueira “é uma questão de caráter”. Jornalista, secretário de comunicação do governo Mário Covas, Osvaldinho, como é conhecido, costumava passar todas as férias escolares no Rio, com o ramo carioca da família (o pai nasceu aqui), o que incluía, necessariamente, ver o carnaval passar. E gostar daquilo.

A aproximação propriamente dita com a Verde-e-Rosa vem do começo dos anos 80, através de um amigo mangueirense, José Maria Monteiro, vice-presidente de Projetos Especiais da Man-

gueira. O envolvimento foi total. Martins participava da festa e também ajudava a solucionar alguns problemas de financiamento da escola, “tendo em vista que a Mangueira não tem patrono”. Era o início de um projeto vitorioso de captação de recursos, que permitiu extinguir o livro de ouro. “A Mangueira não pede mais ajuda, trabalha”, diz, com orgulho, esse verde-e-rosa da gema.

D. Obá II é o quarto enredo que Osvaldo Martins cria para a escola. Em 1992, estreou com *Se todos fossem iguais a você*, sobre Tom Jobim; em 1998, fez *Chico Buarque*, baseado no universo do compositor; no ano seguinte,

O século do samba. Quando a Escola decidiu fazer um enredo ligado à população negra, ele lembrou-se de um artigo que lera sobre o livro do historiador Eduardo Silva, *D. Obá II D’África, Príncipe do Povo*. “Me apaixonei pelo livro, pela história, pelo personagem”, diz. Osvaldinho fez leituras do enredo para a diretoria e para a ala dos compositores, conversou com o carnavalesco Alexandre Louzada, e considera que há um casamento perfeito entre a história do enredo, a história desenvolvida por Louzada para o desfile e a história que a letra do samba conta. “Vai ser um belo desfile”, promete.





Uma história que se conta

Era impossível disfarçar a ansiedade naquela noite quente de abril, quando cheguei à pequena sala do barracão da Praça Onze com o texto debaixo do braço. A escolha do enredo já havia sido decidida semanas antes, logo após informarmos à Liga que nosso tema seria a saga do povo negro nesses 500 anos de Brasil. Havia então três propostas de abordagem, mas a história de Dom Obá II, resumida em dez linhas, foi a que mais agradou a todos, eu incluído.

Apaixonei-me pelo personagem antes mesmo de ler o magnífico livro de Eduardo Silva, alertado para ele por uma reportagem de Roberto Pompeu de Toledo na revista Veja. Conversei com o Roberto, li o livro e fiquei fascinado não apenas pelo que realmente foi Dom Obá II, mas também pelas fantasias que povoavam seus atos e seus pensamentos. Uma história real, mas com tantos escapes nos delírios do personagem que quase obrigavam o autor do enredo a delirar também. Afinal, se Dom Obá II podia imaginar um trono dourado em pleno cortiço, por que não poderia eu idealizar a Princesa Isabel de porta-bandeira?

Agora estava ali naquela pequena sala, diante da cúpula da Escola, todos aguardando a minha chegada, aparentemente tão ansiosos quanto eu. Elmo, Célia, Alvinho, Perci, Zé Maria, Alexandre, todos me olhavam com um olhar de “e então... o que temos aí?” Mal houve tempo, entretanto, apenas pude cumprimentar a todos. A minha cadeira, no centro da roda, estava reservada para os finalmentes. Tirei os papéis do envelope, concentrei-me por alguns segundos e comecei a ler.

Caprichei na interpretação, e todos se postaram na mais absoluta e silenciosa atenção. Célia olhava para o chão, Alvinho para o vitró que estava fechado, Elmo mirava um ponto infinito na parede e Alexandre, de olhos cerrados, provavelmente viajava, tentando visualizar a Escola desfilando a partir daquela narrativa. Quando terminei (...um menino franzino, de nome Saturnino), houve aplausos. Ufa!, que alívio!

Alívio e emoção. Menos pelo aplauso, que sei carregado da generosidade de amigos tão queridos. A emoção de verdade, vinha de saber que aquele momento era uma singularidade da Mangueira, um dos aspectos que a fazem diferente de todas as outras Escolas. Aqui na Verde-Rosa a escolha do enredo passa por esse ritual, e muita gente participa da decisão final. A velha e boa democracia mangueirense nunca perde a forma.

Sendo o desfile uma ópera de rua, o enredo é uma história que se conta, com começo, meio e fim. Se, em abril do ano passado, o texto do enredo era o ponto de partida (do qual derivam o samba, a narrativa plástica das alegorias e fantasias e o próprio roteiro do desfile), na reta final quem dá as cartas é o samba. E poucas vezes, como este ano, o samba da Mangueira captou com tanta precisão os principais aspectos do enredo. O Rio de lá e o Rio de cá são talvez a melhor referência ao cordão sanitário que separa ricos de pobres, a opulência da miséria. E, tal como Dom Obá II, a Mangueira mora no Rio de cá.

OSVALDO MARTINS

A PETROBRAS ESTÁ ENVOLVIDA NA CRIAÇÃO DE UM NOVO CENTRO CULTURAL. ELE TEM 8 MILHÕES



DE QUILÔMETROS QUADRADOS E CAPACIDADE PARA MAIS DE 150 MILHÕES DE PESSOAS. JÁ TEM ATÉ UM NOME:



BRASIL.



A cultura é a identidade de um país. Sabendo disso, a Petrobras investe na construção do patrimônio cultural brasileiro através do patrocínio de exposições, festivais de cinema, restaurações, projetos literários e musicais. É a Petrobras acreditando na cultura, uma das maiores riquezas que um país pode ter.



PETROBRAS

www.petrobras.com.br

Os 500 anos do descobrimento do Brasil

Quando a Liga Independente das Escolas de Samba (Liesa) anunciou o carnaval temático do ano 2000, em homenagem aos 500 Anos do Descobrimto do Brasil, algumas pessoas reagiram negativamente, criticando: “Vai ser uma chatice, um monte de caravelas e nobres desfilando pela avenida...”

Os carnavalescos, a princípio, também ficaram desconfiados, imaginando que a Liesa ia impor os enredos, seguindo uma cronologia para contar a série de acontecimentos.

A comissão foi formada por Afonso Carlos Marques dos Santos, doutor em História, professor da Escola de Belas Artes da UFRJ, coordenador do Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ e mestre em História da Arte, e por Hiram de Araújo, pesquisador, autor do livro *Carnaval, seis milênios de história* e assessor cultural da Liesa.

A comissão apresentou o projeto aos presidentes das Escolas de Samba do Grupo Especial no dia 19 de abril de 1999. De acordo com o documento, o projeto tem por intenção desvendar um painel de acontecimentos históricos o mais abrangente possível (temas), dos quais seriam extraídos, posteriormente, 14 enredos, com o objetivo de comemorarmos os 500 Anos do Descobrimto do Brasil.

A apresentação dos temas no desfile não busca esgotar ou abranger toda nossa História e não obedecerá à ordem cronológica, uma vez que tais atitudes, se impostas, tenderiam a reduzir a apresentação das escolas de samba a uma sucessão seqüencial de fatos, conduzindo o desfile dos fatos históricos e a

ordem de entrada das escolas durante o carnaval.

De 21 de abril a 4 de junho de 1999, a comissão se reuniu individualmente com os carnavalescos interessados e forneceu-lhes informações, sugerindo fontes de pesquisa e bibliografia apropriadas para o aprimoramento dos enredos.

Em minhas pesquisas, tenho observado a forma como os enredos vêm sendo tratados na Avenida. Parece até que os carnavalescos contemporâneos se inspiraram nos estruturalistas da Escola Francesa dos Annales.

A história não é mais contada segundo o clássico modelo dos acontecimentos políticos, militares e diplomáticos com seus heróis emblemáticos. Parte-se de um determinado episódio e movimenta-se a história dialeticamente entre o passado e o presente, sem a preocupação cronológica dos fatos. É a história estruturada em planos superpostos, como conceituava Fernand Braudel. Assim será o carnaval temático do ano 2000.

No caso específico da Mangueira, a Verde-e-Rosa de Cartola buscou uma figura que não pertence à galeria dos heróis da história oficial para contar a saga da raça negra nos 500 Anos de Descobrimto do Brasil.

Dom Obá II D'África, o Rei dos Esfarrapados, Príncipe do Povo, foi extraído do Rio dos desvalidos, da ralé dos cortiços, como dizem seus autores Osvaldo Martins e Alexandre Louzada.

É mais uma contribuição de grande valor cultural para o Brasil.

•HIRAM ARAÚJO É HISTORIADOR•



Carnaval mesmo é o que Dona Neuma e Dona Zica fazem cada vez que vêem seus meninos vencendo na vida.

Dona Neuma, Dona Zica, Jamelão, Néelson Sargento, Carlos Cachaca... Quem deu duro para fazer da Verde e Rosa a mais querida não iria suportar ver toda essa garotada nova se perdendo sem educação e sem trabalho. Por isso, desde 1987, a Xerox e a Mangueira trabalham em parceria num projeto que tem sido decisivo para a formação do caráter e integração comunitária de milhares de crianças: Projeto Olímpico Mangueira/Xerox, que além de despertar novos valores também incentiva a frequência escolar. Outro projeto muito bem-sucedido é o CAMP Mangueira, que orienta, pessoal e profissionalmente, e facilita a entrada dos jovens da comunidade no mercado de trabalho. Nada disto é feito por obrigação, mas pelo puro prazer de ver no desenvolvimento de milhares de crianças e adolescentes a continuidade de uma tradição de vitórias que vão muito além do carnaval e do samba. No que depender da Xerox, a alegria de Dona Neuma e Dona Zica não vai ter nunca quarta-feira de cinzas.

XEROX



sem perder as raízes



A UNIÃO DA
VELHA GUARDA
COM A NOVA
MANGUEIRA

A Velha Guarda se une na passarela à juventude da Mangueira para mostrar a todos que na Estação Primeira o samba é permanente e une passado, futuro e presente. São esses herdeiros que hoje tomam conta do legado de

seus pais, avós, amigos e ídolos, como Nelson Cavaquinho, Cartola, Saturnino Gonçalves, Neide e Mestre Valdomiro, entre tantos que já deixaram o morro.

São gente como Elmo, Célia, Chininha, Alvinho, Chiquinho,

todos da diretoria, que travam a guerra santa de manter viva a tradição da escola nascida em 1928 das entranhas do Bloco dos Arengueiros, que há dois anos ressurgiu em desfiles pré-carnavalescos na Avenida Atlântica.

“Nosso objetivo é modernizar a Mangueira sem desprezar suas raízes, sem jogar no ralo suas tradições”, explica Elmo José dos Santos, que aos 44 anos preside a escola há cinco carnavais. O envolvimento de Elmo com a Mangueira pode ser considerado uma herança de família. Seu pai, Homero José dos Santos, Seu Tinguinha, foi fundador da ala da bateria e seu presidente por anos. Sua mãe, Hilda



Rosa dos Santos, foi baiana a vida toda. Morreu mês passado, às vespéras do carnaval.

A Mangueira entrou cedo nas veias do filho de Dona Hilda, garoto nascido no morro pelas mãos da parteira dona Manoela. Aos 9 anos, Elmo entrou para a primeira bateria mirim criada na escola por mestre Valdomiro, comandante dos ritmistas na avenida. “A bateria da Mangueira era guardada na minha casa, porque lá chovia menos do que na antiga sede da Escola”, lembra Elmo.

A proximidade com os instrumentos fez o menino descobrir cedo sua vocação para o ritmo. Começou com o tamborim, que lhe valeu o apelido de “Rato de Tamborim”, mas foi na caixa de guerra que descobriu seu amor. “O

Valdomiro dizia que a gente tinha que tocar quatro instrumentos para ser da bateria mirim, mas tinha que provar amor por apenas um”, recorda.

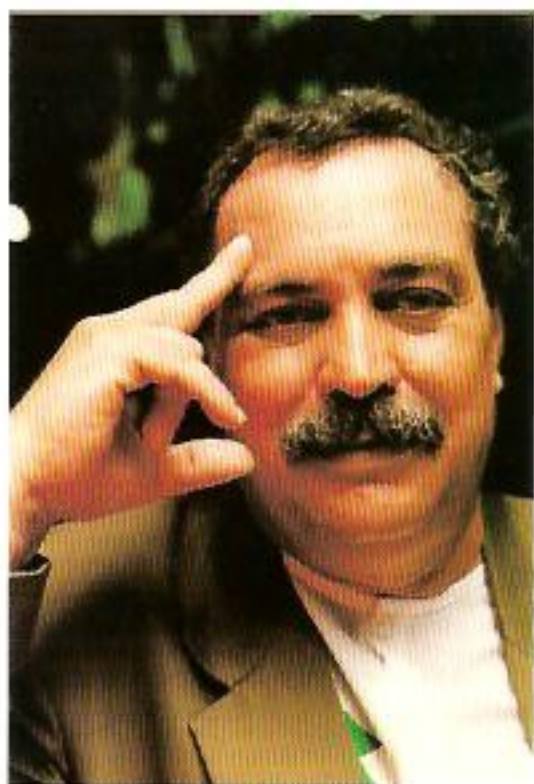
O amor também veio pela escola de seu pai, morto ano passado, sua maior referência. “Meu pai sempre foi meu espelho”. E não só ele. A tradição da Verde-e-Rosa é o norte de sua passagem pela presidência da escola. Para isso existem os conselhos superiores, um deles formado por 22 “baluartes”, os representantes da tradição mangueirense. “Eles são os grandes guardiões da história da escola”, reverencia Elmo.

NOVOS HORIZONTES. Mas não é só o passado que conta na Estação Primeira. O futuro também é querido por quem ama a

Mangueira desde o berço. E o futuro exige modernidade, parcerias com a iniciativa privada e com os governos, iniciativas sociais, envolvimento da comunidade. Boa parte dessa visão pode ser percebida nas ações de Célia Regina Domingues, 42 anos. “Na verdade, o trabalho social na Mangueira começou na casa da Dona Neuma, que criou várias crianças e orientou muitas famílias no morro”,

explica Célia.

A responsabilidade não chegou nas mãos dela, também filha do morro, pelo casamento com Elmo. O envolvimento foi inevitável, porque Célia trabalhava em uma empresa vizinha à Mangueira. “As pessoas começaram a me procurar porque eu era do morro”, conta Célia, que saiu da Mangueira aos 16 anos, formando-se em Administração de Empresas e voltando à comunidade para ajudar e oferecer o que não teve. Este início passa longe da realidade atual dos projetos sociais da Mangueira. Na verdade, eram modestas ajudas da empresa em que trabalhava – a Leite de Rosas – para projetos das associações de moradores do morro. Coisa pequena, como patrocí- ▶



nio de torneios de futebol.

Depois de 15 anos das primeiras colaborações, o trabalho se organizou e ganhou uma vice-presidência na escola, que coube a Célia. Ela comanda um projeto que atende a 4.800 crianças na Vila Olímpica e na quadra, onde são ministradas 32 oficinas,



que ensinam desde dança até estética e informática. “A comunidade hoje é beneficiada por projetos que dão oportunidade aos adolescentes de terem novos horizontes. E eles estão entendendo isso ao se profissionalizarem”, diz Célia.

Esperança em um futuro melhor é a tônica do trabalho de Francisco Carvalho, 44 anos, o Chiquinho. Vice-presidente de esportes da Verde-e-Rosa, Chiquinho comanda a Vila Olímpica e vários projetos de profissionalização e assistência à quem mora no morro. “Eu tinha o sonho de poder ajudar aos moradores da Mangueira, mas nunca pensei que a coisa fosse ser deste tamanho”, confessa.

ALVINHO, CHININHA E NEUCI: UM TIME DE FÔLEGO À FRENTE DA VERDE-E-ROSA



PÉ NO SAMBA. Outro ator importante no cenário da moderna Mangueira é o militar reformado Álvaro Luiz Caetano, o Alvinho. Nascido e criado no Morro, Alvinho vive em torno da escola desde criança, quando tomava conta de carros na entrada da antiga quadra, no Buraco Quente. Os anos se passaram, Alvinho cresceu, arrumou o primeiro emprego, começou a desfilar em 1969 e a fazer samba.

A iniciação não foi na Estação Primeira, escola dos mestres Carlos Cachça e Cartola, mas nos blocos que havia no morro. Foi compositor e puxador de samba, até que um dia a porta se abriu. E do outro lado, em 1983, estava justamente a ala dos compositores da Verde-e-Rosa. “Fiz o teste para entrar na ala, que era fazer um samba de terreiro com o tema que nos davam. Não precisava fazer uma obra-prima, o importante era fazer um samba com sentido, andamento e divisão”, explica.

E foi o samba que levou Alvinho à diretoria da Mangueira. Depois de vencer com Hélio Turco e Jurandir a disputa pelos sambas de 1988/90/91/92, Alvinho afastou-se da ala dos

Por mais que os galhos cresçam,

compositores e, em 1995, envolveu-se em uma campanha para mudar a Mangueira “que culminou na eleição de Elmo”. Mas seu lugar na diretoria veio apenas depois da disputa pelo samba de 1996, que perdeu. “Nunca pensei que pudesse me envolver tanto na política da escola, como me envolvi”, diz. E o envolvimento não foi em vão, pois acabou fazendo dele um dos responsáveis pelos shows da Mangueira que durante todo o ano reúnem os artistas do morro e, às vésperas do carnaval, os artistas do asfalto que dão um pouquinho de si para realizar o sonho de ver a escola na Avenida Marquês de Sapucaí.

DEDICAÇÃO. Há mais gente importante no primeiro time da Mangueira, como Eli Gonçalves da Silva, a Chininha, que ganhou o apelido por ter nascido com os olhos apertados como um chinesinho. “Sempre participei da Mangueira mas aos 17 anos comecei a ajudar na organização porque trabalhava na fábrica do Roberto Fernando Paulino, que era presidente da Escola na época”, conta.

Desde então, Chininha foi acumulando obrigações. Além

de benemérita da escola, é a vice-presidente administrativa e de carnaval, a presidente das alas reunidas e a comandante da ala das mimosas. O que parece muito, para Chininha, não é. Apesar de morar em Inhaúma, passa todos os dias na escola, de junho ao carnaval, para acertar os detalhes de suas obrigações.

Tanta dedicação chegou a causar problemas em casa com

**NETA DE
D. NEUMA,
NEUCI
COMANDA AS
120 BAIANAS
DA ESCOLA**

seu filho Júlio César. Com 14 anos, o menino já sentiu muitos ciúmes da escola que ocupa seu pai, Nilton de Oliveira, responsável pelo barracão de alegorias, e a mãe. “Quando chegava perto do carnaval, ele sempre tinha uma crise de asma. A médica nos disse que era por carência. Mesmo assim, ele diz que um dia vai ser presidente da Mangueira”, conta Chininha.

ALA DAS BAIANAS. Chininha não é a única Gonçalves que pôs a mão na massa. Tem também sua sobrinha Neuci da Silva Morais, 31 anos, que cumpre importante papel no elenco mangueirense. De verve solta como a avó, dona Neuma, Neuci comanda as 120 baianas da Verde-e-Rosa com o entusiasmo de estar contribuindo com a escola fundada por seu bisavô, Saturnino Gonçalves.

O comando das baianas, no entanto, não lhe foi garantido pelo parentesco. A moça que começou a desfilar de baiana aos 13 anos, como castigo por não ter passado de ano no colégio de freiras em que estudava, apaixonou-se pelo rodado das saias – que a deixaram tonta no primeiro desfile – e hoje faz quase tudo pela ala. “Minha mãe quis me castigar porque só tinha passado em religião. Na época, chorei, mas o castigo não deu certo. Adorei desfilar de baiana”, conta.

Juntando tradição e raízes com administração moderna e inteligente, esse grupo põe a Mangueira na ordem do dia, sustenta o samba, integra a comunidade e ganha o respeito do mundo com seu trabalho para melhorar a vida de quem vive na comunidade. ■

o tronco sempre será maior

MESTRE ATALIBA

Marquinhos e Geovana: filhos de peixe...



A primeira vez que Marquinhos pisou na Marquês de Sapucaí, em 1978, era apenas um molecote de 6 anos, quando desfilou defendendo o enredo *Dos carroceiros do samba ao palácio do Imperador*. Debaixo da saia das baianas para poder entrar na avenida das pessoas grandes, Marquinhos cantava "quantas saudades do famoso Marcelino/ foi o grande mestre-sala/ desde os tempos de menino", de Rubens da Mangueira e Jurandir, sem nem imaginar que 14 anos depois defenderia a bandeira da Escola amada por Marcelino e Delegado.

Antes de pisar na Avenida dando a mão à primeira porta-bandeira da Escola, Marquinhos passou pela Mangueira do Amanhã.

Em 1979, escolhido em teste de rua para formar um grupo de meninos para o atletismo, acabou indo parar na escolinha de mestre-sala e porta-bandeira do Dalma. Cinco anos depois, já era mestre-sala mirim no memorável desfile de 1984, com o enredo supercampeão *Yes, nós temos Braguinha*. "Foi emocionante eu, criança, passar na avenida e ver todo mundo gritar o nome de minha Escola", lembra. Naqueles

dias, a porta-bandeira da Escola ainda tinha a elegante proteção de Delegado, que, em 1986, passou o posto para Lílico, pai de Marquinhos. O leque ficou na família por pouco tempo. Em 1990, Lílico abandonou a Escola para dedicar-se à Igreja Batista, e assumiu Robertinho.

Marquinhos passou então a segundo mestre-sala da Estação Primeira. Com a morte de Robertinho, um ano depois, o leque voltou às mãos da família. Marquinhos, então com 20 anos, entrou na Avenida como primeiro mestre-sala.

Herdeiro da tradição dos mestres, encontrou Geovana, sua parceira, em 1995. A moça vinha da escolinha do Dalmo e ganhou o posto de primeira porta-bandeira por se "entrosar bem" com Marquinhos.

Geovana, de 24 anos, também

traz no sangue a tradição da Escola. Seu pai, Orlando Justo, já foi vice-presidente da Mangueira. Filha de peixe, começou a desfilar aos 10 anos na ala mirim de Dona Neuma, a mesma da estréia de Marquinhos.

Mas os olhos da menina brilhavam mesmo é pela bandeira da Escola. Depois de pedir à mãe para entrar na ala de mestre-sala e porta-bandeira mirim do Dalma, Geovana foi à luta. "Implorei ao Dalma me deixar entrar na ala. Ele me pediu o boletim da escola para saber se eu tinha passado de ano. Só assim ele me deixou entrar", recorda.

Aos 16 anos, estreou na Sapucaí defendendo a bandeira do Tuiuti. Mas teve que parar ao engravidar de seu único filho, Emerson - hoje com 7 anos e já percussionista da Mangueira do Amanhã. Geovana tem em Neide sua referência. "Nunca a vi desfilar, mas todo mundo diz que ela foi uma grande porta-bandeira. Eu também queria ser lembrada como uma grande porta-bandeira", sonha Geovana.

De Valdomiro a Russo, uma batida que se repete

Com uma batida diferente - em que os surdões entram em moto-contínuo para orientar taróis e tamborins -, a Mangueira entra na Marquês de Sapucaí com a certeza de que não será igual às outras. A diferença da escola foi criada em sua origem por Lúcio Pardo, China e Baiano, mas foi com Mestre Valdomiro que a batida dos surdos traduziu a personalidade da bateria. Esta marca é ano a ano renovada com a insistência dos meninos em aprender as manhas do ritmo.

São esses meninos



Os novos poetas do samba

Cobiçada por todos, a ala dos compositores da Mangueira nunca fechou suas portas a novos integrantes. Mas, para entrar no seleto clube do qual já fizeram parte Nelson Cavquinho, Cartola e Carlos Cachça, é preciso mais que talento: dedicação. E dedicação foi o que não faltou aos compositores do samba enredo que a Verde-e-Rosa vai cantar este ano na Sapucaí.

"Desde que a Mangueira abriu a disputa do samba para compositores de fora, há cinco anos, venho concorrendo. Cheguei duas vezes na final com o Marcelo Tagian", conta Roberto Alves Pereira, o Bizuca, um dos autores.

O grupo é o segundo formado por compositores de fora a ganhar a disputa pelo samba-enredo da Estação Primeira – além de Bizuca e Marcelo, fazem parte Gilson Bernini e Walter Veneno. Eles vêm todos da



OS COMPOSITORES DO SAMBA-ENREDO D. OBÁ II

vizinha escola do Jacarezinho, mas já têm o coração verde e rosa. "Sou sócio da Mangueira e desfilo na escola desde 1986", conta Bizuca.

Há anos sem promover concursos para novos compositores, a ala só abre suas portas aos vencedores dos sambas-enredo e aos autores do samba do Bloco dos Arengueiros, que há dois anos voltou a desfilar. "É uma glória fazer parte desta ala tão maravilhosa", diz Bizuca.

Não é difícil entender por que é

uma glória fazer parte do grupo. Fundada por Cartola e Carlos Cachça, os compositores do primeiro samba para o desfile da escola, em 1929, a ala tem pouco mais de 30 compositores.

Comprido, Jurandir, Bitoco, Benildo e Jorge Magalhães têm em Hélio Turco seu componente mais antigo, autor de 16 sambas dos 71 desfiles da Mangueira. Mas tem

gente nova também, como Chiquinho Campo Grande, morador do morro, que é co-autor dos sambas de 1996/97.

A ousadia de permitir a participação de compositores de fora nas disputas de samba só é possível a uma escola que se garante na força de sua tradição. "A música não tem fronteiras e a Mangueira é querida em todo o Brasil. Isso não ameaça a tradição da escola, que está em suas raízes", diz o diretor Alvinho.

que, depois de crescidos, como Mestre Russo, garantem a sobrevivência da batida. Mestre da bateria da escola, Russo começou tocando na Mangueira do Amanhã, que dá espaço até para quem não abre mão da chupeta. Os pequenos não fazem feio, que o diga Pedrinho do Cavaco.

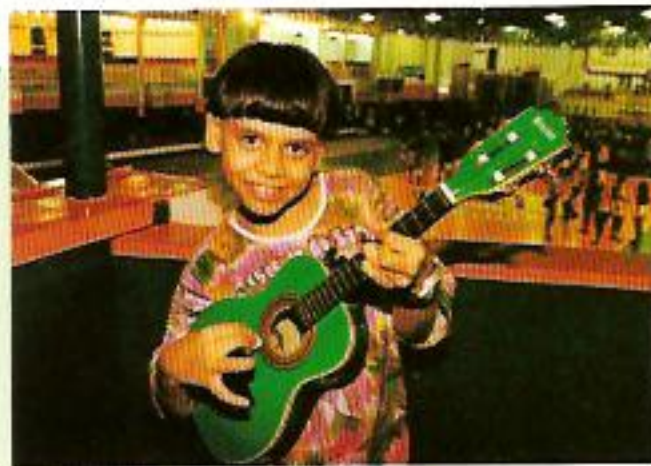
Pedrinho aprendeu a arte das cordas aos 9 anos, sozinho, e hoje participa dos shows da Mangueira como gente grande. Com pai mangueirense, foi descoberto em uma roda de samba no barracão da Praça Onze. "Aprendi a tocar sozinho, mas depois o Cesinha do Grupo Raça começou a me ensinar", conta Pedrinho, que mora em Piedade e foi adotado pela Escola.

Para quem quer aprender, o caminho é a bateria da Mangueira do Amanhã, que teve sua origem na primeira bateria mirim da Escola, formada em 1955 por Mestre Valdomiro. Elmo José dos Santos foi um dos garotos da primeira turma iniciada por Valdomiro, aos 9 anos.

Para entrar na bateria, tinha que saber tocar quatro

instrumentos. O que, afinal, não era difícil para quem vivia na periferia do samba feito pelos pais. Elmo, por exemplo, trazia o ritmo no sangue, por ser filho de mestre Tinguinha, diretor da bateria da Escola. Eram comuns os blocos de meninos que saíam organizando desafios para ver quem tinha a melhor bateria. O bloco do Elmo tinha cerca de 60 meninos. Os instrumentos eram feitos com latas de manteiga de 10kg cobertas com papel de saco de cimento com cola. Mesmo sem couro de gato e cabrito, essa precária percussão cobria todos os naipes das baterias de verdade.

Os ensinamentos da infância não foram esquecidos. Há quatro anos, o enredo da Mangueira do Amanhã era uma homenagem a Mestre Valdomiro, morto em 1983. "Quem o conheceu, viu um grande mestre", diz Elmo.



PEDRINHO DO CAVACO JÁ TOCA NOS SHOWS DA MANGUEIRA



SUAR A CAMISA VERDE

Para facilitar a sua vida é que existe a Fininvest. Com empréstimo pessoal, cartão de crédito ou financiamento de compras, sempre oferecemos as melhores opções de crédito. A cada dia que passa,

a Fininvest confirma sua posição de maior empresa de crédito do País. E o que você está esperando para ser nosso cliente? Passe o Carnaval tranquilo. Seja você também um cliente Fininvest.

E ROSA? SÓ NA AVENIDA.

*Quem disse que não dá?
Na Fininvest dá.*



www.finvest.com.br

A descoberta de uma nação

Se você acha que nada no Rio dá certo, convidando-o para o seguinte programa: descubra a Mangueira. Não propriamente a escola, mas um espaço inacreditável chamado Vila Olímpica da Mangueira. Fica embaixo, na parte plana, no pé do morro.

A primeira surpresa da visita é o tamanho do complexo. São 35.000 m². A segunda é a limpeza. A sensação é de que estamos em outra cidade. Não é possível um lugar tão limpo. A grama, impecável. As paredes, pintadas de verde e rosa, brilham. Há requintes como este: os 492 pés de árvores e arbustos plantados (hibiscos, espirradeiras, extremosas, etc) só dão flores de cor rosa. Em breve, não só as paredes, mas também a natureza estará revestida de verde e rosa.

No lado direito, um enorme ginásio de esportes, coberto (40 x 20 de quadra, me informam) com a última palavra em matéria de piso de borracha antichoque e antiderrapante. Nas pistas, à esquerda, crianças correm, saltam, treinam atletismo. Ali se formam craques. A Mangueira é tetra campeã brasileira de atletismo. Em apenas sete anos de funcionamento, quatro campeonatos. Na sala de troféus, atulhada, ninguém sabe mais dizer quantas são as taças expostas.

A fórmula do milagre é simples: o casamento

da escola com a empresa privada. Há 12 anos, a Xerox banca esse projeto esportivo sem alarde, quase na moita. Gasta e não ganha aparentemente nada, nem mesmo retorno institucional. “Para colocar o nome da empresa nas camisetas foi um custo, eles não queriam”, diz Chiquinho, coordenador do complexo.

Mais ao fundo, a presença de um ambulatório, hoje administrado em parceria com a Secretaria Municipal de Saúde. Se eu dissesse que é um mini-hospital, não estaria exagerando. Novamente, a limpeza é o que mais impressiona. Em poucas casas de saúde há um ambiente tão asséptico.

Aqui está a sala de ginecologia; ao lado, o gabinete dentário; em seguida, a pediatria, e por aí vai. A equipe médica é de fazer inveja à rede estadual. Há um orgulho risonho em cada cara. Quando passo, um jovem médico brinca: “Aqui, nós lutamos contra a cidade partida”. São dois clínicos, dois pediatras, dois ginecologistas, uma assistente social, dois auxiliares de enfermagem... e eu perco a conta. Foram 14 mil atendimentos num ano, mais de mil por mês. Gente da comunidade, mas também de fora.

A médica responsável pelo ambulatório fala, orgulhosa, do trabalho pedagógico (“a prevenção contra o câncer, por exemplo, é um sucesso”), dos

medicamentos que são fornecidos de graça e das causas mais comuns de doenças. 40% dos atendimentos são de pessoas hipertensas: “esse número aumenta nos dias de tiroteio no morro”, informa.

O que leva a Xerox e outras empresas a fazerem investimentos como esses em vez de gastarem o dinheiro em propaganda na televisão? Um empresário paulista que participa da visita, incógnito, para ver se vale a pena uma parceria idêntica, me explica que esse é um conceito moderno que não tem nada a ver com a concepção velha, mesquinha de toma-lá-dá-cá. “As ações comunitárias não devem ser ações imediatistas, marqueteiras, acintosas”, ele diz, e eu lamento que, se é assim, que pena que o Rio não tenha mais “empresas modernas”.

É tempo de colônias de férias. Há 800 crianças espalhadas por toda parte: correndo, nadando, estudando. “São crianças roubadas ao tráfico”, diz alguém da comitiva. Dali passamos para o Ciep, que faz parte do complexo. Ao lado, uma piscina de dimensões quase olímpicas. O calor que ameaça derreter os visitantes leva os olhares invejosos para a água cristalina. “É água de Primeiro Mundo”, garante Chiquinho, explicando em detalhes um sofisticado processo de purificação.

O Ciep é um capítulo à parte: uma co-gestão do Estado com a Mangueira. A comunidade administra o prédio. O resultado é um colégio de – vou plagiar Chiquinho – Primeiro Mundo. Deve ser o que Darcy Ribeiro um dia sonhou. Dona

Teresinha, a diretora, é membro também da diretoria da Mangueira, que frequenta há 20 anos.

O Ciep Nação Mangueirense é o único no Rio que tem funcionando no currículo da 8ª, 9ª e 10ª série um curso de Informática, “a menina dos olhos” de dona Teresinha. Ela já conta com oito micros, mas em breve terá mais doze, doados pela rede de colégios Santa Mônica, outro parceiro da Mangueira. A próxima ousadia de Dona Teresinha é fazer o Ciep funcionar 24 horas por dia. Isso mesmo: dia e noite. Fora de supermercado, alguém conhece experiência igual no mundo?

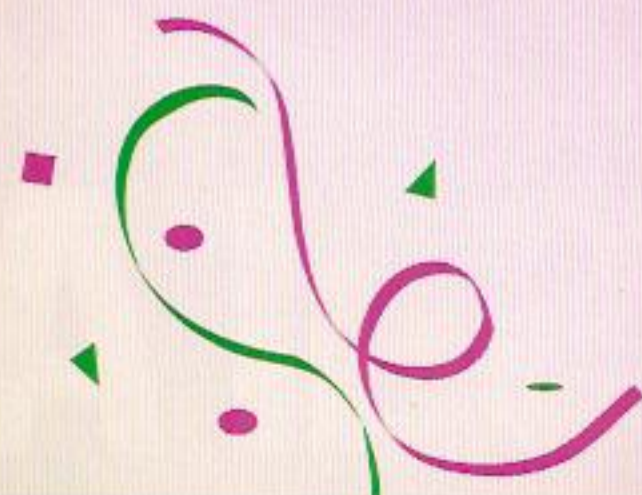
Uma manhã inteira não dá para conhecer os seis ou sete projetos sociais da Mangueira. Não vi, por exemplo, a Mangueira do Amanhã, da Alcione, nem a Banda Afro-Brasileira, que funciona à noite e da qual me falaram maravilha. Se algum eventual leitor-

empresário achar que estou exagerando, dê um pulo lá. Duvido que não saia disposto a construir uma Vila Olímpica em cada pé de morro.

Agora entendo por que no início Elmo José dos Santos falou com tanta naturalidade do encontro que tivera com Fernando Henrique, quando o seu colega lhe prometera visitar a Vila Olímpica antes do carnaval. Foi um encontro de igual para igual. Sua Excelência, o presidente Elmo, que nos acompanhou durante toda a visita, é presidente de uma gloriosa nação – a Nação Mangueirense.

Uma manhã inteira não dá para conhecer os seis ou sete projetos sociais da Mangueira

•ZUENIR VENTURA É JORNALISTA E ESCRITOR•



Quem tem Sul América Saúde, tem tudo. E mais 30% de desconto em medicamentos.

O Sul América Saúde garante sua saúde com a maior cobertura para consultas, exames, internações, cirurgias e tratamentos especializados e com direito a 365 dias de internação por ano, inclusive em UTI.

Você conta com uma ampla rede referenciada em todo o Brasil, que possui mais de 33.000 prestadores de serviços médico-hospitalares. E com a garantia de qualidade e eficiência da mais tradicional companhia de seguros do país: a Sul América Aetna.

E mais:

- **30% de desconto em medicamentos.**
- Livre escolha de médicos e hospitais, clínicas e laboratórios.
- **Grátis** Sul América Saúde S.O.S. USA - cobertura para urgências e emergências durante viagens aos Estados Unidos.
- **Grátis** Serviços de Assistência 24 Horas durante suas viagens.
- Estudamos compra de carências de outros planos. Informe-se.

Lembre-se: caminhar faz bem à saúde.

Na vida atual, está cada vez mais difícil encontrar tempo para praticar exercícios. Daí o grande valor da caminhada, um exercício saudável, ao alcance de todos, homens e mulheres, adultos, jovens, crianças e idosos.

Uma boa caminhada ativa a circulação e elimina o stress. Pratique.



Quem tem saúde,

Sul América Sa

tem tudo.

úde

Para mais informações,
procure o seu
Corretor de Seguros.



SUL AMERICA AETNA

www.sulamerica.com.br



O futuro, aqui e agora

Quadro negro de dia, quadra de samba à noite

Quem chega durante o dia na Estação Primeira de Mangueira esperando encontrar na sede da escola algum vestígio de samba, vai achar que errou de endereço. A quadra do Palácio do Samba, que ferve à noite com as rodas de samba e os ensaios pré-carnavalescos, se transforma durante o dia em sala de aulas para abrigar 28 cursos profissionalizantes que a Verde-e-Rosa oferece à comunidade. O samba no pé

dá lugar à habilidade manual, seja nos sofisticados cortes de cabelos, nas maquiagens caprichadas ou nos saborosos quitutes.

Este é apenas um dos projetos da gestão Elmo José dos Santos que desde sua posse, há pouco mais de quatro anos, segue à risca a determinação de investir na comunidade. Investir em projetos sociais para mudar a qualidade de vida das pessoas, capacitando-as profissionalmente. Para cuidar

dessa área tão importante, ninguém melhor que uma mangueirense nata, conhecedora dos problemas e necessidades da comunidade: Célia Regina Domingues, vice-presidente social e primeira-dama da Mangueira.

“Nós já ajudávamos a comunidade, mas o sonho de ampliar o trabalho social só começou a se concretizar com a eleição do Elmo”, conta Célia Regina, 42 anos, dona de uma indústria de

uniformes e distribuidora de materiais escolares e de escritório.

FORMAÇÃO PROFISSIONAL. Foram necessários três anos para implantar em bases sólidas a idéia das oficinas profissionalizantes, sempre com a colaboração das empresas mantenedoras, que ajudam a viabilizar os projetos. A Petrobras deu valiosa contribuição ao patrocinar a reforma dos 17 camarotes da quadra, que passou a se chamar Centro Cultural Mangueira-Petrobras, criando um espaço dublê de escola de samba e de escola profissionalizante.

Segundo Célia Regina, o objetivo é oferecer formação profissional em especialidades que permitam às pessoas começarem logo a trabalhar como autônomas. A opção tanto pode ser por cursos de dois meses de duração – como, por exemplo, de manicure, maquiagem, decoração de bolas e cestaria – ou pelos mais completos, de nove meses: culinária, estética, cabeleireiro, pátina, entre outros. Nos dois casos, as turmas têm em média 20 alunos, que dedicam diariamente duas horas de seu tempo para aprender os ofícios. Além desses cursos, a Verde-e-Rosa oferece os de informática, artes plásticas, inglês, espanhol, teatro, dança, mestre-sala, porta-bandeira, passista, percussão e muitos outros.

Os cursos são gratuitos e os alunos têm direito ao material, o

que estimula cada vez mais a procura. Todos os instrutores são selecionados na comunidade e passam por treinamento antes de iniciar as aulas. Eles são remunerados e, quando trabalham nos

INVESTIR EM
PROJETOS SOCIAIS
PARA MUDAR
A QUALIDADE
DE VIDA
DAS PESSOAS

cursos da área cultural, têm um atrativo a mais: assim como os alunos, recebem mensalmente uma cesta básica. Aliás, a ajuda alimentar motiva os pais dos participantes a se manterem alertas quanto à frequência do filhos aos

cursos. Eles não querem correr o risco de perder a cesta básica, reforço fundamental no dia-a-dia da famílias.

“Temos muito a comemorar. No primeiro ano de funcionamento das oficinas, formamos mais de 600 pessoas”, contabiliza Célia Regina, que dirige os trabalhos sociais com uma equipe de coordenadores, um à frente de cada projeto.

O sucesso alcançado pode ser medido não só pelo número de formados, mas pela constante procura de profissionais na comunidade mangueirense. Esse resultado incentivou a Escola a ampliar as oficinas profissionalizantes, oferecendo novas especialidades e maior número de salas. Para tanto, está realizando uma pesquisa com a finalidade de ►

TURMA DE
GINÁSTICA
RÍTMICA
TREINA NA
QUADRA



NA FESTA
JUNINA DO
PROJETO
CRECHES,
CÉLIA COROA
SINHAZINHA



identificar os cursos reivindicados pela comunidade. As novidades devem ser implantadas em abril deste ano.

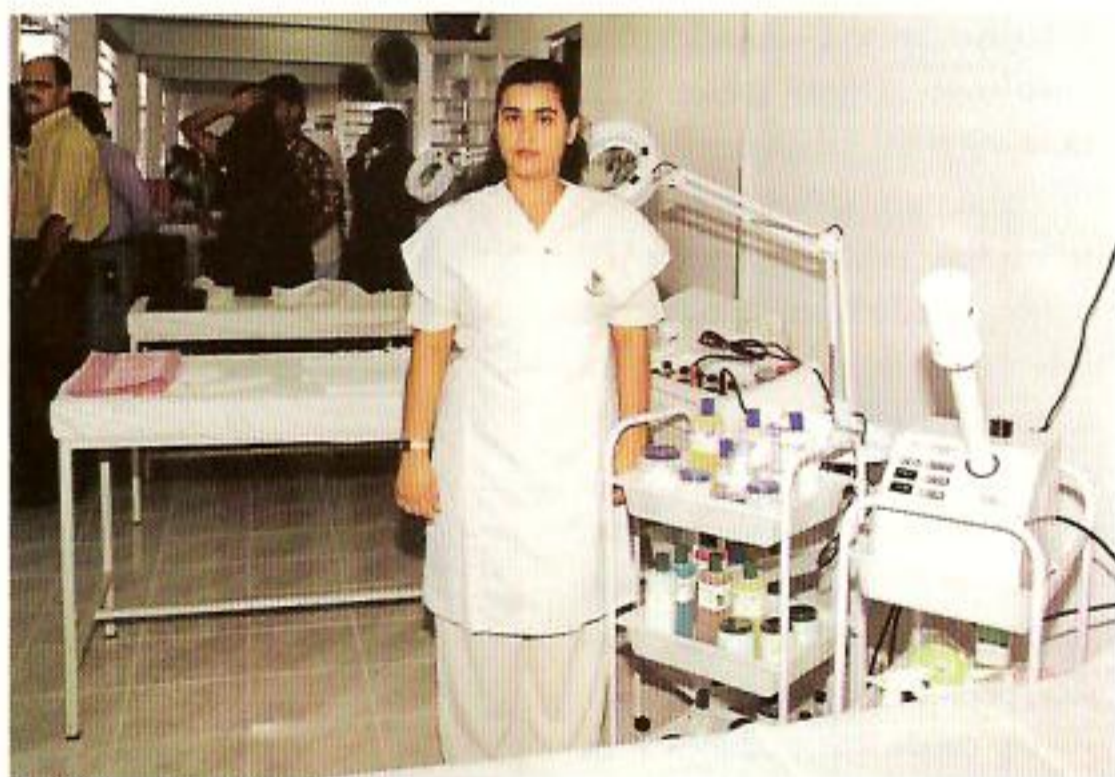
ESTÍMULOS. Os projetos sociais da Verde-e-Rosa não param por aí. Com a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social do Rio de Janeiro (SMDS) são tocados trabalhos em três creches na própria comunidade, além da escola mirim de percussão e do projeto com meninos de rua, no Barracão da Praça Onze.

As creches Nação Mangueirense-Tia Neuma, Vovó Lucíola e Eduardo Moreira, cada uma atendendo 100 crianças com até três anos e onze meses, são exemplos a serem seguidos. A prefeitura se responsabiliza pela estrutura básica – mobiliário, alimentação e folha de pagamento – e a Verde-

e-Rosa entra com o reforço alimentar (frutas, iogurtes, etc.), brinquedos e a parte de lazer: cinema, teatro, passeios e festas. As creches dispõem de assistência médica e salas equipadas com televisão e vídeo. “Os pais man-

gueirenses saem tranquilos para trabalhar, com a certeza de que seus filhos estão muito bem cuidados nas creches”, garante Célia Regina.

A escola de percussão mirim, que conta com 100 adolescentes



O CURSO DE ESTÉTICA ATRAI MUITOS ALUNOS E CONTA COM SOFISTICADOS EQUIPAMENTOS

FORMATURA DE
UMA OFICINA
DE CESTARIA
E CARTONAGEM



aprendizes dos instrumentos de bateria, é tocada em parceria com a Leite de Rosas e a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social do Rio de Janeiro. Os participantes deste projeto também recebem cesta básica todo mês, inclusive os instrutores. Os jovens percussionistas dão os primeiros passos na vida artística em shows da Mangueira. A partir daí surgem as oportunidades de trabalho.

CIDADANIA. O objetivo da Mangueira é melhorar a condição de vida das crianças, tirá-las da rua. Por isso mesmo, mantém uma bem-sucedida parceria com a prefeitura no “Projeto vem pra casa”, que funciona no barracão da Mangueira, na Praça Onze. Durante o dia, o local acolhe em média 110 meninos de rua, que

**CRESCER
PROFISSIONALMENTE
É SINÔNIMO
DE CRESCER
SOCIALMENTE**

fazem três refeições diárias e recebem acompanhamento de uma equipe composta por psicólogo, assistente social e logopeda. Alguns participam das oficinas profissionais – estamperia, instrumentos e circo – e acabam conseguindo colocação no mercado. “O objetivo deste projeto é reintegrar o menino de rua à família e à sociedade”, explica a vice-presidente social.

No mesmo local, 60 idosos

fazem cursos de pintura, costura e bordado. Assistem a palestras de psicólogos e médicos. O objetivo desse projeto é dar ocupação às pessoas de terceira idade e orientá-las para que tenham uma vida mais saudável.

Agora que a Mangueira conseguiu creches e escolas de primeiro e segundo grau, o maior sonho de Célia Regina é ter na comunidade um grande centro sócio-profissionalizante, que na prática quer dizer oficinas mais estruturadas, com cursos mais complexos e abrangentes.

“Crescer profissionalmente é sinônimo de crescer socialmente e melhorar a qualidade de vida. É isso que nós queremos para a comunidade. Trabalhamos com essa meta”, conclui a vice-presidente social da Mangueira. ■

Vila Olímpica

Receita que deu certo

Em Mangueira, todo mundo tem sua chance. Até mesmo quem precisa recomeçar, como é o caso de Estani da Silva, 28 anos, que, em novembro, ganhou liberdade condicional após ter cumprido seis anos de pena de reclusão por tráfico de drogas. E a porta para o futuro está lá, bem pertinho do morro, em um terreno na beira da linha férrea, onde se ergue o conjunto esportivo e educacional da Mangueira, com a Vila Olímpica e o Ciep Nação Manguereense.

parecerem carnaval.

“Quando fui preso, vi que precisava mudar de vida. Logo que saí da cadeia resolvi arrumar um emprego para não cair na tentação de voltar ao tráfico”, diz o rapaz, que está em liberdade condicional.

PORTA ABERTA. Este desejo, e a certeza de que não é fácil para um ex-presidiário recomeçar, levaram Estani a bater na porta de Francisco Carvalho, o Chiquinho da Mangueira, vice-presidente de esportes da Estação Primeira e coordenador das atividades da Vila Olímpica.

“Soube que dois colegas meus ex-presidiários estavam trabalhando aqui e resolvi procurar o Chiquinho”, conta. As experiências de Estani e mais quatro ex-detentos que trabalham na própria Vila Olímpica ou no CIEP Nação Manguereense chamaram a aten-

ção de Chiquinho, que resolveu brigar por um novo programa social para a comunidade.

“Estamos negociando uma parceria para iniciarmos em abril um programa de atendimento a ex-presidiários, com o objetivo de dar-lhes trabalho e profissão”, adiantou Chiquinho. A ideia é

estender a quem tenha pago suas dívidas com a sociedade as oficinas profissionalizantes oferecidas aos adolescentes.

E oportunidades não faltam na Mangueira. O programa desenvolvido no complexo da Vila Olímpica foi engordando ano a ano até tornar-se uma empresa eficiente e especializada em criar novas perspectivas para a comunidade.

OS NOVOS ATLETAS. O primeiro deles foi a própria Vila Olímpica, com a Xerox do Brasil financiando seu projeto esportivo. A cada ano a empresa investe R\$ 600 mil na formação de 1.300 atletas, que cursam escolinhas de atletismo, ginástica rítmica, futebol, futebol de salão, basquete e vôlei de praia. O projeto foi apontado pela Unicef e pela BBC de Londres como o melhor programa de assistência aos menores de países do Terceiro Mundo. Tudo nasceu da inspiração de Tia Alice,



Estani é mais um dos beneficiados pelo programa social da Escola, que desde o início, há 12 anos, vem recebendo uma série de prêmios nacionais e internacionais. O rapaz, que já foi um soldado do tráfico, hoje é um dos vigias da área em que 4.800 crianças e adolescentes fazem todos os dias



FRANCISCO CARVALHO, CHIQUINHO

hoje muito doente, e Agrinaldo Santana, já falecido, que usavam a quadra para treinar um time de futebol e ensinar ritmos folclóricos. Foi pela mãos deles que Chiquinho, então estudante de Educação Física, chegou, em 1979, à escola para ajudar na preparação física dos meninos.

Depois vieram novos parceiros e os programas de saúde comunitária; de educação, com o CIEP Nação Mangueirense; de educação para o trabalho, com o Camp Mangueira (Círculo dos Amigos do Menino Patrulheiro); de escolas profissionalizantes para operários; de ensino de informática; de cidadania; de esporte e saúde para deficientes físicos e as oficinas de artes para os alunos do CIEP.

“Hoje, a Mangueira é uma grande empresa, que recebe recursos de várias fontes, presta contas e apresenta resultado social”, diz Chiquinho. Ele lembra que o complexo conta ainda com a parceria dos governos estadual e municipal e já recebeu vários prêmios por sua excelência. “Para mim, o mais importante deles foi o atestado dado pelo juiz da Vara da Criança e do Adolescente, Siro Darlan, em 1993 e 1998, de que a comunidade da Mangueira é a que apresenta os menores índices de criminalidade infanto-juvenil no Rio”, diz, com o orgulho de quem sabe ser um pouco responsável por este resultado. ■



Um time que fez história

Na foto de 1974, jogadores do time campeão de handebol da Mangueira, reunidos no dia da decisão com admiradores e alguns integrantes da bateria mirim para comemorar a vitória nos Jogos Estudantis do Rio de Janeiro. O time era comandado pelo professor Amaro (14), do Colégio Orsina da Fonseca, que na época contava com a ajuda do estagiário Francisco de Carvalho, o Chiquinho, e tinha entre seus jogadores o atual vice-presidente de Patrimônio da Mangueira, Edson Marcos (2). Assim como Chiquinho (12), hoje responsável pela Vila Olímpica, muitos na foto histórica são hoje, 26 anos depois, personagens importantes da Escola: Darke Dias, o Sinhozinho (11), chegou à presidência da Verde-e-Rosa; Agrinaldo de Santana (3), já falecido, Tia Alice (5), Marco Antonio (1) e Baiano (13) foram diretores de esportes; José Ramos (6) faz parte do grupo de Baluartes; Seu Mano (7), já falecido, e Verinha Compositora (8) são integrantes da Velha Guarda. Da turma jovem, quase todos chegaram à bateria da Mangueira: José Roque (15) é ritmista; Carlinhos (4) foi vice-presidente; Thompson (10), atual diretor; e Alcir Explosão (16), já falecido, foi o primeiro diretor da bateria. Edgar Gaspar (9) é conselheiro da Escola.

A mãe do amanhã



ALCIONE FUNDOU A MANGUEIRA DO AMANHÃ EM 1987

Há 13 anos, a vida das crianças mangueirenses começou a mudar. A responsável foi a cantora Alcione, que, cansada de ver tanto menino ocioso no morro, decidiu criar a Mangueira do Amanhã, a escola de samba do futuro. A inspiração veio da Império do Futuro, escola mirim da qual a cantora era madrinha.

Alcione se reuniu com alguns mangueirenses – Chiquinho, que também tinha idéia parecida, tia Jô, Neuma, Zica, tio Jair e Dinorá – e foi procurar o presidente da Mangueira, Carlos Alberto Dória. “Dissemos a ele que se concordasse em criar a escola, nós íamos botá-la na rua sem ônus para a Mangueira. Seria um trabalho voluntário. O Dória aceitou e partimos para a ação”, relembra Alcione.

Naquele mesmo ano, 1987,

foi fundada a Mangueira do Amanhã, numa época em que era difícil conseguir recursos até mesmo para a escola principal. Alcione procurou o presidente José Sarney, seu conterrâneo, e ele conseguiu o terreno. “Ele concedeu o terreno à Mangueira por 10 anos pelo sistema de comodato. O terreno onde hoje fica a Vila Olímpica, que na época era só mato”, explica a cantora. A escola mirim começou com 800 crianças e chegou a ter 3.000, sendo 80% oriundas da própria comunidade.

Atualmente, estão na escola principal 40 ex-componentes da bateria mirim, além do 1º mestre-sala, Marquinhos, da 1ª porta-bandeira, Geovana e do mestre da bateria, Russo. “Valeu a pena apostar nas crianças. Hoje, a Mangueira dispõe de uma elite

do samba formada por passistas, percussionistas, mestres-salas e porta-bandeiras, todos garimpados na Mangueirinha”, diz Alcione, que há 2 anos deixou a direção da Mangueira do Amanhã.

Segundo a cantora, o trabalho é muito bem tocado atualmente pela professora Teresinha Labruna, com todo o apoio do presidente Elmo. Alcione ainda mantém duas alas de baianas com 150 crianças, para as quais faz questão de doar as fantasias. “Me sinto recompensada. Temos meninos que hoje já estão ganhando dinheiro, sobrevivendo com apresentações de shows com o que aprenderam na Mangueira do Amanhã”, se emociona Alcione. Este ano a Escola desfila com o enredo *Folia no matagal de um Brasil Legal*, de Alexandre Louzada. ■

A Mangueira e o Estandarte de Ouro

Desde que o Estandarte de Ouro foi criado, em 1972, a Mangueira foi premiada 54 vezes. Nasido do esforço do jornalista Heitor Quartim, que reuniu um grupo de jurados independentes e sem vínculos com a Prefeitura, o Estandarte tornou-se referência no mundo do samba, e é hoje a mais desejada e respeitada premiação do carnaval carioca. Ao contrário do júri oficial – que na sua origem foi formado, em sua maioria, por pessoas distantes do universo do carnaval – o Estandarte de Ouro agrega estudiosos da cultura popular, artistas, jornalistas e carnavalescos. No seu julgamento, respeita os valores fundamentais das escolas de samba, entendendo também que são organismos vivos e, portanto, em constante mudança.

ESTAÇÃO PRIMEIRA DE MANGUEIRA, a mais genuína de todas as escolas de samba, revela, com pureza e intensidade, a união perfeita entre o samba e a poesia.

Valorizada pelos estudiosos da cultura popular por preservar intactas as suas raízes, Mangueira é celeiro de geniais compositores, lendários mestres-sala e portabandeiras, extraordinários percussionistas e passistas, e carnavalescos da própria comunidade.

Mas não é apenas pela beleza e harmonia que a Mangueira se destaca. Na Mangueira, escola de samba e comunidade se fundem e se completam. Como exemplo disto, as diretorias da Mangueira sempre demonstraram grande empenho no ensino e na educação, tanto que as crianças só participam da bateria-mirim se

estiverem matriculadas e freqüentando a escola básica, conforme já nos informava há mais de trinta anos, com orgulho, o então presidente da bateria, Homero José dos Santos – Seu Tinguinha – pai do atual presidente da Escola, Elmo José dos Santos.

Elmo assumiu seu primeiro mandato em 95, tendo pela frente a difícil tarefa de reestruturar a Mangueira em conturbada fase de fracionamento e conflito. Articulando-se fortemente à comunidade, atraiu as antigas lideranças e trouxe de volta, à direção, “a prata da casa” com todos os brios. Elmo foi reeleito por aclamação em 98.

No ano seguinte, a Mangueira encantou com o maravilhoso carnaval sobre Chico Buarque, e ganhou por unanimidade o Estandarte de Ouro de Melhor Escola de Samba. Também em 99, Elmo dos Santos recebeu o Estandarte de Personalidade do Ano, uma justa homenagem ao seu notável trabalho à

frente da “Manga”.

Outro grande orgulho mangueirense é a sua Vila Olímpica, dirigida por Chiquinho – talento também resgatado por Elmo – e vista pelo mundo inteiro na ocasião da visita do presidente americano Bill Clinton.

Com certeza, de onde quer que esteja, o inesquecível Tinguinha terá motivos de sobra para tocar com alegria o seu tarol!!!

A Mangueira revela, com intensidade, a união perfeita entre o samba e a poesia

•BERNARDO GOLDWASSER É ARQUITETO E JURADO DO ESTANDARTE DE OURO•



A luta do negro para ser craque no futebol

O samba e o futebol sempre andaram de mãos dadas, não só na festa nos estádios como também na vida política e social.

É preciso voltar no tempo, ir ao fim da década de 10 e início da década de 20 para constatarmos que, se o sambista era perseguido pela polícia, apanhava sem dó nem piedade e acabava preso por ser considerado “marginal”, o jogador de futebol não podia sequer ser mulato. Tinha que ser alvamente branco, de boa família e, de preferência, universitário ou já acadêmico.

A música não ficava atrás e só devia ser tocada em saraus nas mansões, nunca nas ruas ou praças, ainda mais se o músico carregasse um simples cavaquinho, violão ou pandeiro. No caso da música, valia qualquer cor de pele, mas se o referido “meliante” fosse “homem de cor”, a carga policial era bem mais pesada e garantida.

Essa parceria de sofrimento e discriminação entre o futebol e o samba ocorreu, por coincidência ou não, na mesma época. Se o samba comandado pela Tia Ciata na Praça Onze e nos desfiles dos ranchos da Rua Visconde de Itaúna começou a se consolidar em 1924, um mulato filho de um alemão com uma negra, que atendia pelo nome de Artur Friedenreich, ganhava o respeito do público e as manchetes dos jornais ao marcar o gol da vitória brasileira sobre o Uruguai por 1 a 0 na final do Campeonato Sul-Americano, disputada no

campo do Fluminense, clube freqüentado pela elite da época. Daquele gol, daquela vitória espetacular e daquele título surgiu um chorinho até hoje tocado de Norte a Sul do Brasil – *1 a 0*, do inigualável Pixinguinha.

A trajetória a ser percorrida e vencida pelos negros no futebol brasileiro foi maravilhosamente bem narrada pelo jornalista Mário Rodrigues Filho em seu livro *O Negro no Futebol Brasileiro*. Mário Filho teve a sensibilidade e a clarividência de explorar o caráter e o desenvolvimento das relações raciais, mostrando de que forma o futebol, a partir da década de 20, serviu como instrumento para democratizar as relações entre as raças no Brasil.

O primeiro “não branco” do futebol brasileiro foi Francisco Carregal, único mulato e único brasileiro a participar, em 1904, do fechadíssimo The Bangu Athletic Club – fundado pelos tecelões ingleses contratados pela Companhia Progresso Industrial do Brasil. Em 1921, embalado pelo fenômeno Friedenreich, o América Futebol Clube escalou em sua equipe um mulato, marinho de profissão, que atendia pelo apelido de Manteiga. Um escândalo. Conta Mário Filho que Manteiga trocava de roupa depressa, de cabeça baixa, para que ninguém notasse que era mulato. Sua contratação causou tanta indignação que nove sócios brancos e ilustres, todos jogadores, abandonaram o

América e só voltaram quando Manteiga foi embora para morar na Bahia naquele mesmo ano de 1921, triste com a discriminação.

A discriminação racial no futebol também teve o seu lado folclórico e envolveu o mulato Carlos Alberto, que em 1916 trocou o América pelo Fluminense. O Fluminense era a fina flor da aristocracia, e para não ser discriminado, Carlos Alberto achou por bem passar pó-de-arroz no rosto e assim ficar “branco”. Pura ilusão. Ao vê-lo entrar em campo, a torcida gritava “é pó-de-arroz”, daí o apelido dado há 84 anos à equipe tricolor carioca.

Um outro fato que faz parte do folclore do nosso futebol envolve até um Presidente da República, o doutor Washington Luís, durante um jogo entre as seleções do Rio e de São Paulo, no Estádio de São Januário. Cinquenta mil pessoas no estádio, descreve o jornalista Mário Filho, entre as quais o Presidente. De repente, um pênalti contra a seleção paulista. Indignados com a marcação, os jogadores paulistas, comandados por Luís Macedo (o Feitiço), ameaçam deixar o gramado. Confusão formada, jogo interrompido, um assessor do Presidente da República desce ao gramado e impõe: o jogo tem que recomeçar por determinação do doutor Washington Luís. Feitiço toma a dianteira e diz ao assessor: “O doutor Washington Luís manda lá em cima (nas tribunas, no governo). Aqui embaixo (no campo, no time paulista) mando eu”. Final da história: a equipe paulista retirou-se de campo e o jogo não prosseguiu!

Feitiço foi apelidado “Imperador do Futebol” e seria consagrado em 24 de junho de 1928, ao mar-

car quatro gols na goleada do Brasil sobre a Escócia. Foi capa e manchete dos jornais da época, usando uma coroa de imperador na cabeça.

Mas é sem dúvida, a partir de Leônidas da Silva, que o negro alcança, definitivamente, o seu devido lugar e o devido respeito no futebol brasileiro. Leônidas era tão famoso que em 1942 os jornais brasileiros esqueceram por alguns dias as violências e atrocidades nazistas na Segunda Guerra Mundial para dar em manchetes a venda do craque

negro pelo Flamengo para o São Paulo. Na época, contava-se que alguns políticos evitavam viajar no mesmo avião de Leônidas temendo ficar no anonimato caso o aparelho caísse. Dizia-se que os jornais e as rádios só iriam noticiar a morte de Leônidas, deixando a dos políticos em segundo plano.

A partir do sucesso de Friedenreich, do carisma e liderança

de Feitiço e da genialidade do inventor da bicicleta, Leônidas da Silva, o futebol brasileiro produziu alguns dos negros, mulatos e mestiços mais famosos e mais artistas do futebol mundial. Podemos sintetizá-los nas figuras de Mané Garrincha, o gênio das pernas tortas, e Edson (Pelé) Arantes do Nascimento, o Atleta do Século que, para desespero dos racistas, é o incontestável Rei do Futebol e o primeiro negro a ser Ministro de Estado no Brasil, com a graça de Deus.

E que sobreviva e avance socialmente, mais e mais, a democracia racial no Brasil.

*Manteiga
trocava de
roupa depressa,
de cabeça
baixa, para que
ninguém notasse
que era mulato*

•ALTAIR BAFFA É JORNALISTA•

Um museu verde e rosa

A história da Estação Primeira de Mangueira não está só nos seus sambas e na memória dos baluartes da Escola. Desde o ano passado, funciona no terceiro andar do Palácio do Samba o Centro de Memória Verde e Rosa, um espaço que reúne fotos, fantasias, livros, quadros, discos, instrumentos musicais, alegorias, recortes de jornais e revistas, placas comemorativas e documentos preciosos que resgatam os 72 anos da escola.

Desde que foi inaugurado, em 30 de abril, um dia depois do aniversário da Mangueira, o Centro já recebeu mais de duas mil pessoas. No livro de presenças, constam assinaturas de visitantes vindos dos mais diferentes cantos do mundo – delegações do Japão, França, Bélgica, Itália, Dinamarca e Estados Unidos, entre outras – já estiveram por lá.

No acervo estão peças que fazem emocionar até mesmo quem é “ruim da cabeça ou doente do pé”, como o saxofone que pertenceu ao mestre Pixinguinha

e uma reprodução do jornal A Voz do Morro – a primeira publicação criada numa favela, em 1935, justamente por Saturnino Gonçalves, um dos fundadores da Mangueira. O jornal só tinha um exemplar na Associação Brasileira de Imprensa e foi reproduzido através de fotografia para constar do Centro de Memória.

A coleta de objetos históricos para o Centro foi feita junto aos moradores da Mangueira, inte-

grantes da escola e personalidades do mundo do samba. Hermínio Bello de Carvalho, por exemplo, doou toda a sua coleção de caricaturas, livros e outras peças que revelam aspectos curiosos sobre a Estação Primeira.

VIAGEM NO TEMPO. O Centro é integrado pelo auditório D. Zica, o salão de exposição D. Neuma, uma sala audiovisual e uma biblioteca. A área de exposição é dividida em módulos que abordam diferentes aspectos da história da Estação Primeira: o morro, os fundadores, as mulheres, os amigos, os projetos sociais, o carnaval e a poesia. Em cada um dos módulos estão reunidas fotos, letras de sambas, textos, instrumentos musicais e fantasias. E com um fone de ouvido pode-se acompanhar tudo isso ouvindo gravações originais dos idos de 1930.

Na sala audiovisual é possível assistir aos desfiles antigos das escolas de samba. Também estão lá, vídeos com depoimentos das diversas gerações da Mangueira.





mangueira

teu cenário é uma beleza

O Morro dos Telégrafos começou a ser ocupado no final do século XIX. Seus primeiros habitantes foram capatazes e militares do Palácio Imperial, que ficava na Quinta da Boa Vista. Foi por causa da Fábrica de Chapéus Mangueira, que se instalou nas proximidades, que esta localidade começou a ser conhecida popularmente por Morro da Mangueira. Quando a Central do Brasil inaugurou a Estação de Mangueira, em 1889, o morro onde se estava consagrado...



Mangueira do Amanhã

Teu cenário é uma beleza

Teu cenário é uma beleza

Teu cenário é uma beleza

O auditório D. Zica, por sua vez, tem múltiplo uso. É refrigerado, com 200 lugares, banheiros e cozinhas de apoio. Lá são realizados os mais diversos eventos: reuniões da comunidade, cursos, conferências etc. Em fevereiro, o espaço esteve lotado por participantes do seminário sobre Dom Obá – tema do samba da escola no carnaval deste ano. ▶

CÉLIA JUNTO AO PAINEL DOS MENINOS DA MANGUEIRA DO AMANHÃ

O CENTRO É UMA FONTE DE REFERÊNCIA PARA INSTITUIÇÕES LIGADAS AO TURISMO E À CULTURA

PARCERIA. A criação do Centro de Memória foi um projeto desenvolvido pela administração do presidente Elmo José dos Santos junto à Fundação Roberto Marinho, que destinou cerca de R\$ 300 mil para execução da obra. Ao longo do ano de 98 foi construído o terceiro andar do Palácio do Samba, onde está instalado o Centro. A Fundação contribuiu na reprodução e restauração das peças, reuniu imagens de arquivo dos

desfiles, gravou depoimentos de quem conta a história da Mangueira e produziu os textos.

Segundo a Diretora Cultural da Mangueira, Tereza Labruna, o Centro de Memória da Mangueira é uma fonte de referência para instituições ligadas ao turismo, à

cultura e à educação. O museu funciona durante a semana das 9h às 20h e nos fins de semana de 9h às 17h.

“Queremos receber um número cada vez maior de estudantes e pesquisadores interessados na história da mais antiga agremiação do samba brasileiro e estamos abertos para estabelecer parcerias e realizar projetos que mostrem a importância do carnaval, do samba, da cultura nacional”, diz Labruna. ■

A semente que só a Mangueira tem

Logo na entrada do salão, está a letra do samba *Sala de Recepção*, de Cartola. Em seguida, o quadro em que aparecem todos os fundadores da escola. A receita da tradicional feijoada da D. Zica consta do módulo sobre as mulheres. No painel sobre os amigos, fotos que mostram os responsáveis pelo que a Mangueira representa hoje na cultura nacional: Jamelão, D. Neuma, D. Zica, Carlos Cachaça, Cartola, Nelson Sargento, Nelson Cavaquinho, Delegado e toda a Velha Guarda, os Baluartes, sambistas que homenagearam a escola, como Paulinho da Viola e Beth Carvalho – todos reunidos em mesas de bar, festas, na inauguração da quadra, no barracão. Os meninos da Mangueira do Amanhã estão no módulo sobre os projetos sociais.



Quando trata do carnaval, a exposição reúne três blocos: o primeiro, sobre a bateria, com cuícas, surdos e tamborins e um vídeo mostrando o “toque da Mangueira”, a perfeita harmonia entre os instrumentos. Outro bloco aborda o aspecto visual, expondo fantasias e alegorias que marcaram alguns desfiles. Está lá a fantasia de baiana, pintada à mão para o desfile de 99, e inspirada no samba *Alvorada*, de Cartola e Carlos Cachaça. E também a piscina construída no Ciep Nação Mangueirense para o carnaval

de 97. Um outro bloco traz os principais destaques, como as máscaras usadas pela comissão de frente em 99, retratando algumas das grandes personalidades do Século do Samba.

Um patrimônio do Brasil

Afinal, qual é o verdadeiro patrimônio do Brasil? Os economistas dizem ser nossas empresas, bancos, força de trabalho, produto interno bruto. Os ecologistas apontam para a Floresta Amazônica, a Mata Atlântica, praias, rios e mares. Os arquitetos para nossas igrejas, cidades, patrimônio histórico, de Olinda a Brasília. Todos estão certos. Mas nosso patrimônio é mais. Não é apenas o que temos e possuímos. Como diz o samba:

“A vida não é só isso que se vê.
É um pouco mais.
Que os olhos não conseguem perceber
Que as mãos não ousam tocar
Que os pés recusam pisar”.

Nosso patrimônio é também aquilo que somos. Nestes tempos de globalização e de sociedade de massas, o desafio dos países é o mesmo das pessoas: diferenciar-se uns dos outros. Nós somos o que nos distingue. Assim como Manuel não é João, Brasil não é Japão. Ninguém é igual. Ser igual é ser ninguém. Por isto, pessoas e países buscam sempre identidade própria. Cada um tem sua maneira de ser. Essa maneira de ser, que nos distingue, chama-se cultura.

E o que distingue o Brasil no mundo? O que nos é mais peculiar? O que mais chama atenção dos estrangeiros? A Amazônia, sem dúvidas. O futebol, é claro. A música popular, é óbvio. E pode-se pensar nossa música, sem pensar o samba? O samba, sem pensar a escola de samba? A escola de samba, sem pensar Mangueira? Não. Não pode. Não porque Mangueira, que completa em abril 72 anos, tenha sido a primeira, ou das primeiras. Mas porque Mangueira é origem, invenção, matriz e paradigma. Além do Rio. Patrimônio do Brasil.

Mas o que inventou de tão peculiar, Mangueira? A resposta é simples. Misturou. Começou misturando

morro e asfalto, reis, rainha e povo, luxo e pobreza, alegoria e realidade, negros, brancos e mulatos, ritmo e sentimento, carnaval e trabalho. Ao som de Cartola, Carlos Cachça, nos pés de Delegado e de Neide, a porta-bandeira. Misturou até o imisturável: o verde e rosa. Hoje tão Brasil quanto o verde e amarelo.

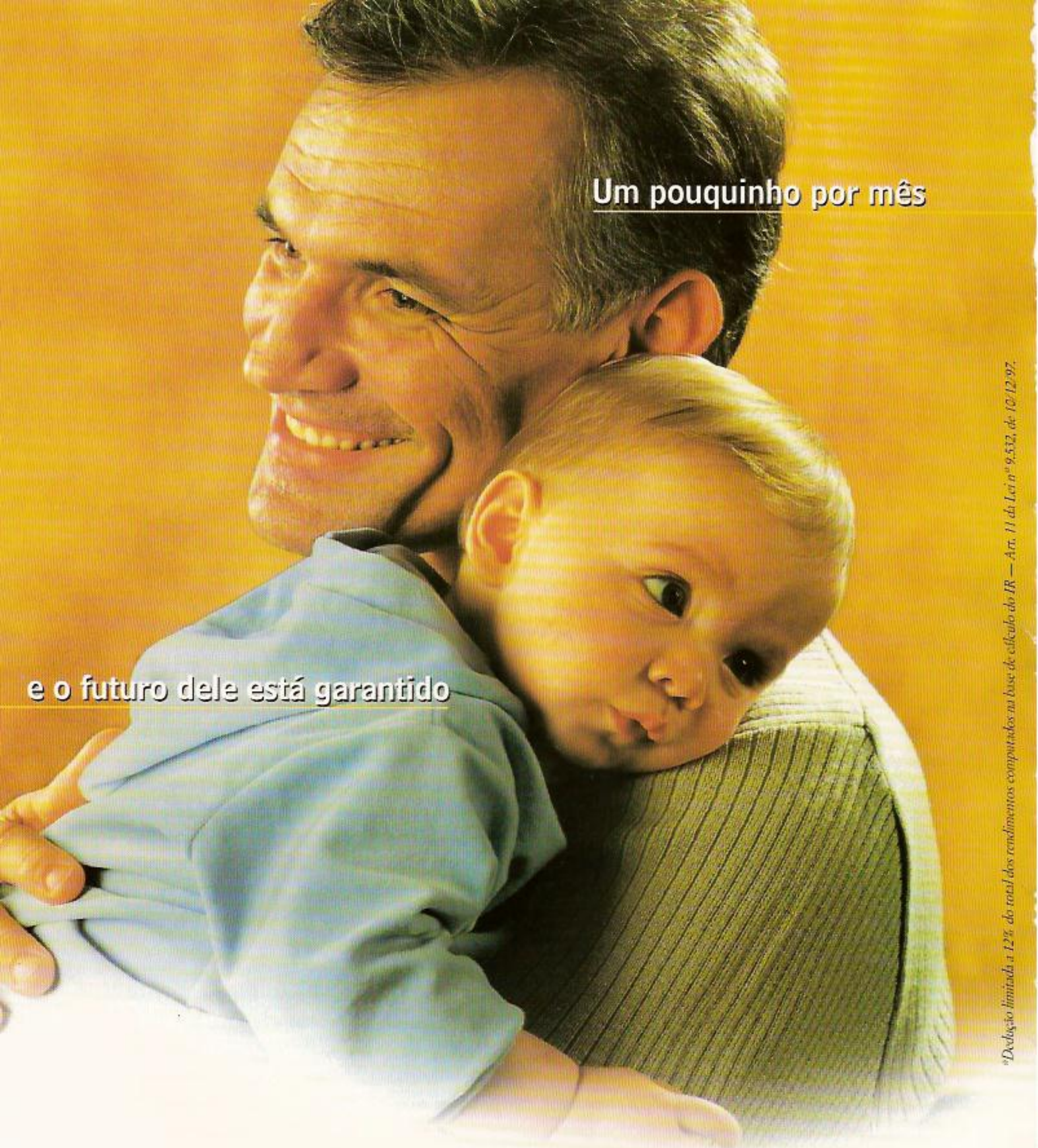
Nossa Constituição diz que nosso patrimônio cultural é integrado por bens materiais: museus, portinaris, ouros, igrejas, aleijadinhos, por exemplo. E também por bens imateriais. Os saberes e fazeres de nossa gente: a culinária, a música, a dança, as festas, a tecnologia, a literatura, por exemplo. Está na hora de começarmos a cumprir a Constituição, valorizar nosso patrimônio imaterial.

Outros países já fazem isto. Os Estados Unidos consideram seu cinema, seus artistas, sua indústria cinematográfica patrimônio cultural que o distingue do mundo. A França faz o mesmo com sua culinária e sua moda. Nós ainda, parece, não nos valorizamos o suficiente. Mas a elegância não está apenas nos desfiles de Yves Saint Laurent. Está também na evolução das porta-bandeiras, na Marquês de Sapucaí. Podemos nos emocionar com as suítes para violoncelo de Bach, tanto quanto com as rosas de Cartola, que “exalam o perfume que roubam de ti”.

Temos que encurtar as distâncias entre o que nossa elite acredita ser nosso patrimônio, e o que nosso povo vive como patrimônio. Conceder a Mangueira o título de patrimônio da cultura do Brasil, e através dele, valorizar o samba e nossa música popular. É reafirmar o que nos distingue entre as nações. Carteira de identidade. É sermos o que somos. É ir além do rio, mesmo porque: “A Mangueira é tão grande que nem cabe explicação”.

• JOAQUIM FALCÃO É SECRETÁRIO-GERAL
DA FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO •



A close-up photograph of a man with short dark hair, smiling warmly as he holds a baby. The man is wearing a light-colored, textured sweater. The baby is wearing a light blue long-sleeved shirt and is looking towards the camera with a neutral expression. The background is a soft, out-of-focus yellowish-gold color.

Um pouquinho por mês

e o futuro dele está garantido

O FederalPrev Crescer protege seu filho, garantindo a realização dos seus sonhos. Com um pouquinho por mês, você garante o futuro dele e ainda deduz o valor depositado do Imposto de Renda. Dê uma mesada para o seu filho sem ele pedir. Faça um FederalPrev Crescer.*

Central de Atendimento: 0800-16-6383
www.sassecaixa.com.br

**FEDERAL
PREV**

SASSE CAIXA
SEGUROS

CAIXA

*Dedução limitada a 12% do total dos rendimentos computados na base de cálculo do IR — Art. 11 da Lei n.º 9.532, de 10/12/97.

O luxo da Mangueira: solidariedade

Os sambas de enredo, invenção do negro carioca, são um curso de História do Brasil. Não a história oficial, que se ensina nas escolas e nos livros didáticos. Essa serve para reproduzir mentiras convenientes aos governos, aos magnatas e aos “homens de bem”.

Governos, magnatas e “homens de bem” nem sempre estão contra o povo, muitos até apresentam propostas de combate à pobreza, educação para todos, etc. Alguns, no Carnaval, ajudam escolas de samba e desfilam na Sapucaí. O problema não está neles enquanto pessoas. O problema é que enquanto grupo social eles estão de um lado e o povo está de outro.

Vejam o que ensina o nosso samba:

No Rio de lá
Luxo e riqueza
No Rio de cá
Lixo e pobreza

Obá II, Rei dos Esfarrapados, Príncipe do Povo, ensinou uma coisa: os pobres não devem aceitar a divisão do mundo em dois, o do luxo e o do lixo. Ele herdou dos seus antepassados africanos o gosto pelo luxo – beleza de roupas, de adereços, de gestos, de educação. E principalmente o luxo do espírito que é a solidariedade com os que não têm nada.

Mangueira dá uma demonstração desse luxo todo ano. Príncipe Obá II ia toda semana com seu traje de herói da Guerra contra o Paraguai, medalhas e espada, falar com Dom Pedro II. Alguns puxa-sacos do Imperador tentavam ridicularizá-lo. Estes eram o lixo do Rio de lá. Obá II não se abatia.

Assim, o mais admirável na vida de Obá II foi não temer o poder. Numa época em que só votavam os machos da classe alta (um senador podia ser eleito com 14 votos), ele se tornou represen-

tante do Rio de cá. Apresentava ao Imperador, toda semana, infalivelmente, reivindicações populares: a viúva sem pensão, o cortiço que vai ser derubado, a rua com vala... Além disso escrevia nos jornais, pedindo, denunciando, exigindo providências do governo.

Príncipe Obá II foi o poder dos que não têm poder.

SIMBORA MANGUEIRA COM O REI DOS ESFARRAPADOS, PRÍNCIPE DO POVO!

O mais admirável na vida do Príncipe Obá II foi não temer o poder

•JOEL RUFINO É HISTORIADOR E ASSESSOR DA SECRETARIA ESTADUAL DE CULTURA DO RIO DE JANEIRO•





A cordilheira do samba

MANGUEIRA NÃO É APENAS UMA, SÃO VÁRIAS. TAL COMO A ÁRVORE, CONHECIDA COMO *MANGIFERA INDICA* PELOS BOTÂNICOS, A MANGUEIRA QUE DÁ SAMBA TEM DIVERSOS GALHOS E RAMIFICAÇÕES. O QUE SE CONVENCIONOU CHAMAR DE MORRO DA MANGUEIRA É, NA VERDADE, UM CONJUNTO FORMADO POR VÁRIOS MORROS NÃO MUITO ALTOS, UMA ESPÉCIE DE CORDILHEIRA DO SAMBA. CADA UM DELES COM PERSONALIDADE PRÓPRIA, COM SUAS PEQUENAS HISTÓRIAS QUE, ARTICULADAS ENTRE SI, FORMAM UM CAPÍTULO ÚNICO, GENIAL, DA HISTÓRIA DO SAMBA E DE UMA DE SUAS MANIFESTAÇÕES MAIS ORIGINAIS E AUTÊNTICAS: A ESCOLA DE SAMBA ESTAÇÃO PRIMEIRA DE MANGUEIRA.

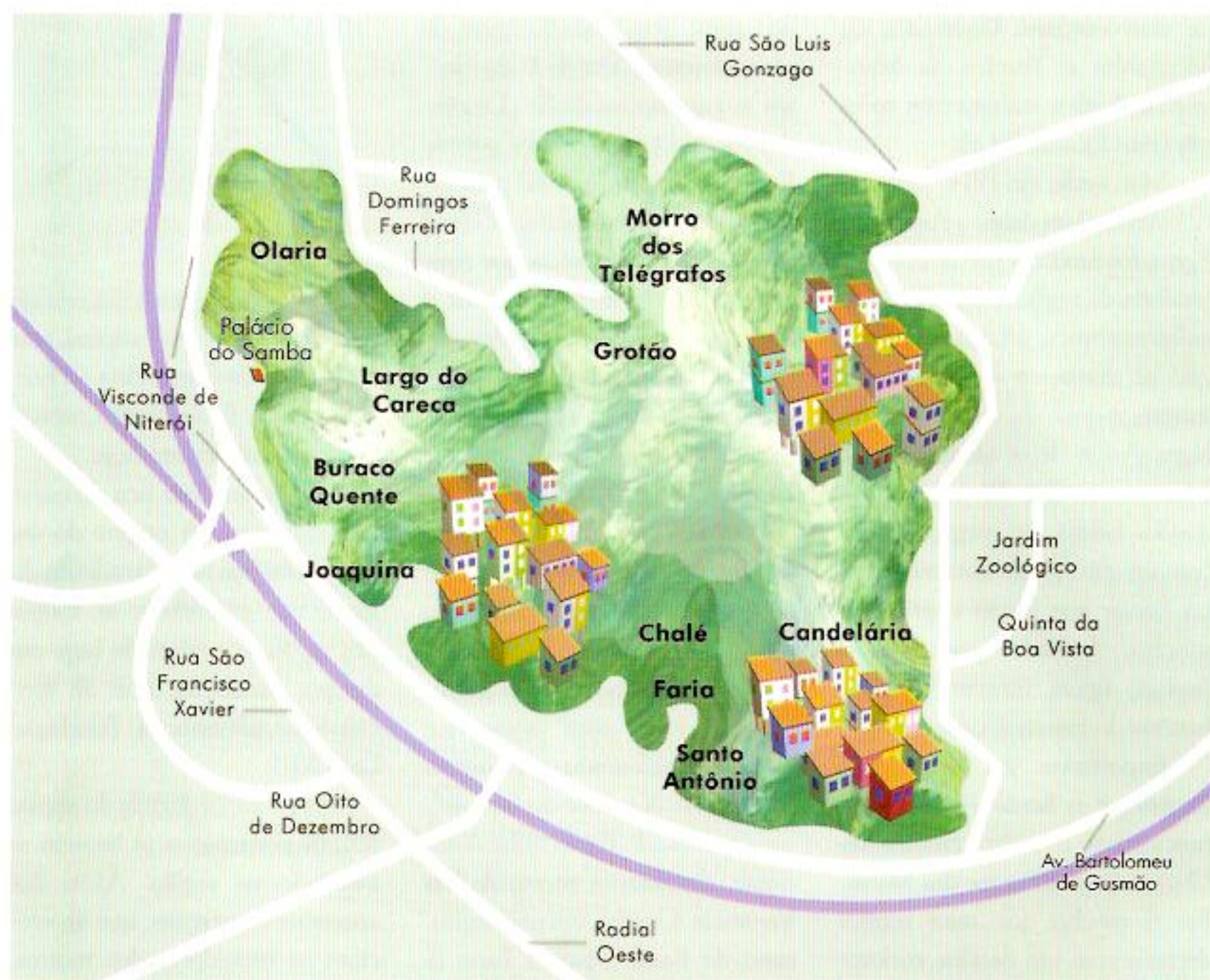
A colonização da Mangueira teve início pelo lado Norte, o Morro dos Telégrafos. Tudo começou ainda no Império, quando a Quinta da Boa Vista era a residência de D. Pedro II. Em 1852, inauguraram-se as linhas telegráficas e os postes passavam pelo morro, daí seu nome. A estrada que ligava a capital do Império, o Rio, às duas mais importantes províncias, São Paulo e Minas, contornava suas margens.

Por conta disso, desde cedo a encosta norte foi urbanizada. Ganhou ruas calçadas e casas de alvenaria. A parte pobre nasceu do outro lado, o Sul, e aos poucos transbordou, ocupando tudo em volta.

Com a inauguração da Estrada de Ferro D. Pedro II, em 1861, esta vertente do morro passou a ganhar certa evidência. Foi um processo demorado. Cartola, que chegou em Mangueira em 1919,

vindo do Catete, recordava que “só havia uns cinquenta barracos”. Habitavam aquelas paragens ex-carroceiros do Imperador, soldados, pequenos empregados do Paço Imperial e imigrantes nordestinos.

A ORIGEM. O local mais famoso das bandas de cá é o *Buraco Quente*. E não é à toa: ali foi fundada a Escola de Samba, no dia 28 de abril de 1928, na casa de Seu Euclides da Joana Velha, por



sete integrantes do Bloco dos Arengueiros: Seu Euclides (Euclides Roberto dos Santos), o dono da casa, Massu (Marcelino José Claudino) primeiro mestre-sala da Mangueira, o grande Cartola (Angenor de Oliveira), Zé Espinguela (José Gomes da Costa), Satur (Saturnino Gonçalves), pai de D. Neuma, Pedro Caim e Abelardo da Bolinha. A estes, deve-se acrescentar, por justiça, o que deveria ser o oitavo arenguei-

ro: Carlos Cachaça. Na época, no entanto, Carlos Cachaça, segundo relato de Cartola, “andava de amores com uma moça lá de Inhaúma, por nome Maria Aída, e pouco parava no morro”.

Endereço oficial da primeira reunião: Travessa Saião Lobato, 21. Francisco de Paula Negreiros Saião Lobato, que dá nome à Travessa, foi o dono das terras da área, que recebeu como doação do Imperador D. Pedro II. Por sua

condição de dono do pedaço, ganhou homenagem em outra rua importante da região, que leva o nome do seu título de nobreza, Visconde de Niterói, e onde está localizado o Palácio do Samba.

RANCHOS E CORDÕES. O Buraco Quente é cheio de histórias. No início do século, entre 1910 e 1913, bem antes da fundação da Escola de Samba, o morro da Mangueira já escrevia seu nome no carnaval carioca por meio ▶

de dois cordões: Guerreiros da Montanha e Trunfos da Mangueira. Ambos tinham suas sedes em casas localizadas ali.

Mais tarde, em 1914, surgiram os ranchos. Um deles, o Pérolas do Egito, foi fundado por uma figura lendária da região, a Tia Fé, preta velha autêntica, filha de africanos, que se vestia de baiana o ano inteiro, e dona de um terreiro no lugar. Antes de se estabelecer na Mangueira, Tia Fé morou na Saúde, bairro dos negros e dos baianos que sabiam das coisas. Foi na Saúde que surgiu o primeiro rancho, fundado por Hilário Jovino, figura fundamental na história do carnaval carioca.

Importante na Mangueira também é o **Santo Antônio**. Lá funcionava o outro rancho da Mangueira, o Príncipe das Matas. Foi o rancho que mais tempo durou e com um detalhe curioso: suas cores eram o verde e o rosa. Apesar da coincidência, Cartola nega que tenha se inspirado no Príncipe das Matas quando escolheu as cores da Mangueira: "As cores verde e rosa foram uma homenagem ao rancho em que meu pai, Sebastião de Oliveira, saía, lá em Laranjeiras, o Arrepiados".

TRADIÇÃO. O Santo Antônio tem seus casos. Ganhou o nome quando outro morro de Santo Antônio, no Largo da Carioca, pegou fogo e os moradores transferiram-se para lá, levando junto a imagem

do santo. Tem tradição entre os mangueirenses. Era de lá que saíam as pastorinhas do Seu Laurindo, pai de Dona Cecília e avô de Pelado. Seu Laurindo foi patrono da Unidos da Mangueira, de cores rosa e azul-pavão, escola que mais tarde foi incorporada pela verde e rosa do Buraco Quente. Fizeram parte de sua ala de compositores Geraldo Pereira, Nelson Sargento, Alfredo Português, Pelado e Zagaia. Um time de primeira.

Ao lado do Santo Antônio, fica o **Chalé**. Ganhou este nome porque um dos seus primeiros moradores, de alcunha Bartole, construiu bem no alto do morro um belo chalé para morar, que logo virou referência para outros moradores: "O chalé do Bartole".

O morro do **Faria** tinha outro nome, chamava-se morro da Tia Venância. Um dia, um pernambucano de nome Manuel Faria lá instalou-se, abrindo uma tendinha. O local ganhou fama e virou ponto de encontro: "Vou para o Faria", dizia-se. Lá rolavam famosos pagodes.

Joaquina Portuguesa chegou em Mangueira por volta de 1920. Como outras dezenas de moradores, abriu uma tendinha para sua subsistência. Acabou virando nome de uma localidade: a **Joaquina**. A velha senhora morreu há muito tempo, a tendinha fechou, mas o nome continuou para sempre.

Ao lado do morro do Faria fi-



ca a **Candelária**, onde deveria ter sido construído um hospital pela Irmandade da Candelária. O hospital nunca ficou pronto, mas o nome permanece até hoje.

O Pindura Saia fica do outro lado do morro. A origem do seu nome está ligada às lavadeiras do local, que estendiam as roupas nos varais. É conhecido hoje em dia por Fundação, pois ali funciona atualmente a Fundação Leão XIII.

Na primeira década do século XX, os portugueses já haviam se instalado na região. Além dos armazéns comerciais, que abasteciam os moradores dos morros, surgiram ainda indústrias como a Cerâmica Brasileira e a Fábrica de Chapéus Mangueira. Existiam também três olarias. Uma delas era a Olaria do Gama, que acabou batizando o local onde funcionava. Lá morou, e morreu, um dos maiores valentes do morro, Chico Porrão, sócio número 1 da Escola. ■

Livros consultados: *Fala Mangueira*, de Marília Barboza, Carlos Cachaça e Arthur de Oliveira Lima; e *Cartola, os tempos idos*, de Marília Barboza e Arthur de Oliveira Lima

O mais lindo discurso

O destino me fez advogado criminal, após militância na política estudantil. E, por isso, ouvi os mais famosos tribunos políticos e forenses brasileiros da segunda metade do século XX. Soaram nos meus ouvidos as palavras polêmicas de Getúlio, Juscelino, Lacerda, Raul Pila, Brizola, Tancredo e tantos outros.

Testemunhei brilhantes defesas de Sobral Pinto, Araújo Lima, Evandro, Evaristo, advogados que, com elegância, lançavam argumentos em prol de suas teses.

Na década de 70, em pleno regime militar, quando favelas eram removidas para dar lugar aos espigões ou conjuntos habitacionais, ouvi, com grande emoção, o mais lindo discurso.

Os responsáveis pela política habitacional, quando as liberdades estavam garroteadas, pensaram em transformar o morro da Mangueira em conjunto residencial, o que, certamente, implicaria em remover do morro barracos e seus moradores.

O ministro do Interior e o presidente do BNH, de então, solicitaram à Diretoria da Escola de Samba, uma visita noturna ao morro, sem qualquer publicidade.

Ministro, presidente do BNH, empresários e diretores da Estação Primeira subiram e desceram o

morro, dando oportunidade para que autoridades, anonimamente, conhecessem o Buraco Quente, Pendura Saia e Candelária.

Era noite de lua cheia, o sobe e desce terminou na casa de Cartola, onde homens de governo, tomando cerveja ou café, expunham suas idéias, desejos, planos para o morro da Mangueira.

De repente, na sala de D. Zica, uma voz ecoou e com veemência argumentou contrariando o pensamento das autoridades do país. Dizia o orador

que nenhum mangueirense poderia ser removido, pois a ligação morador e ambiente era tão grande, que o afastamento do morro determinaria a morte de quem lá morava.

Usando, audaciosamente, da palavra, um homem simples, pai de vários filhos, vice-presidente da Mangueira, em plena ditadura, se

opunha à vontade do governo.

A voz cadente era de Homero José dos Santos. Ali, na casa de Cartola, ouvi o mais lindo e eficiente discurso. Seu Tinguinha, com belas palavras, impediu a remoção, permitindo que, até hoje, os mangueienses morem na Mangueira.

*Seu Tinguinha,
com belas
palavras,
impediu a
remoção da
Mangueira*

•ALCYONE BARRETTO É ADVOGADO E MEMBRO DO CONSELHO DE CARNAVAL DA MANGUEIRA•





VOCÊ JÁ VIU ALGUÉM SE PERDER NUMA RETA?

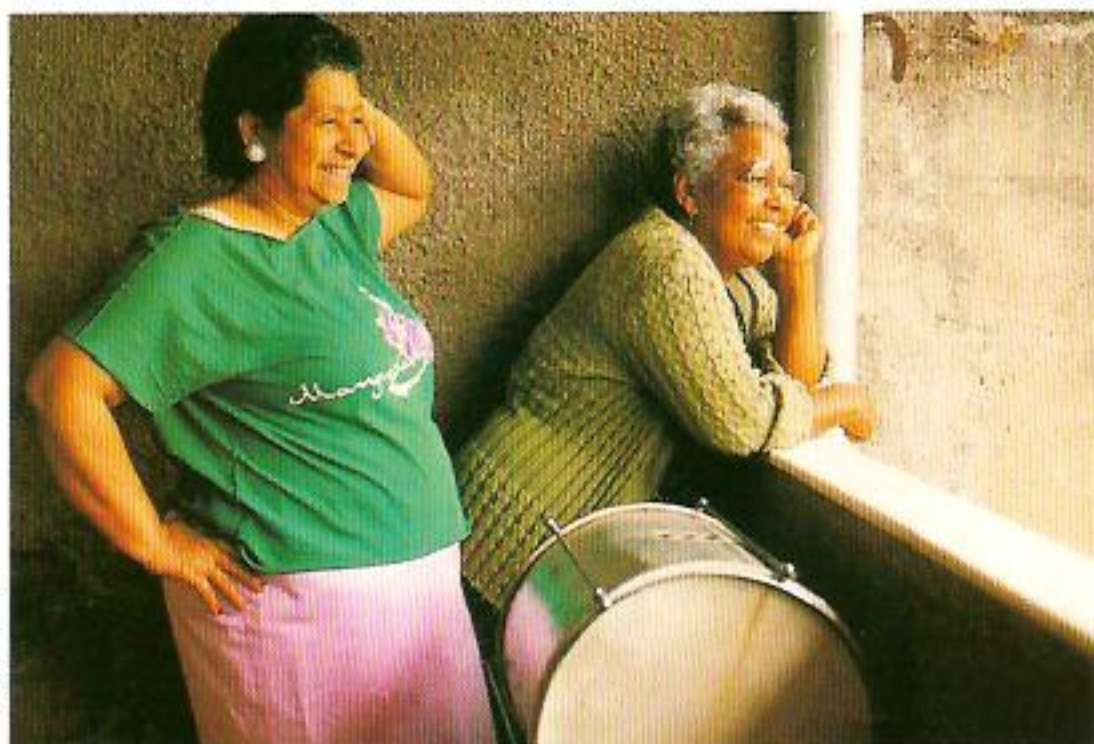


OX

Cabelos crespos e cacheados.
Beleza é nossa matéria-prima.

Atendimento ao consumidor: 0800-121015
e-mail: ox@sol.com.br

A Mangueira é tão grande, que nem cabe explicação



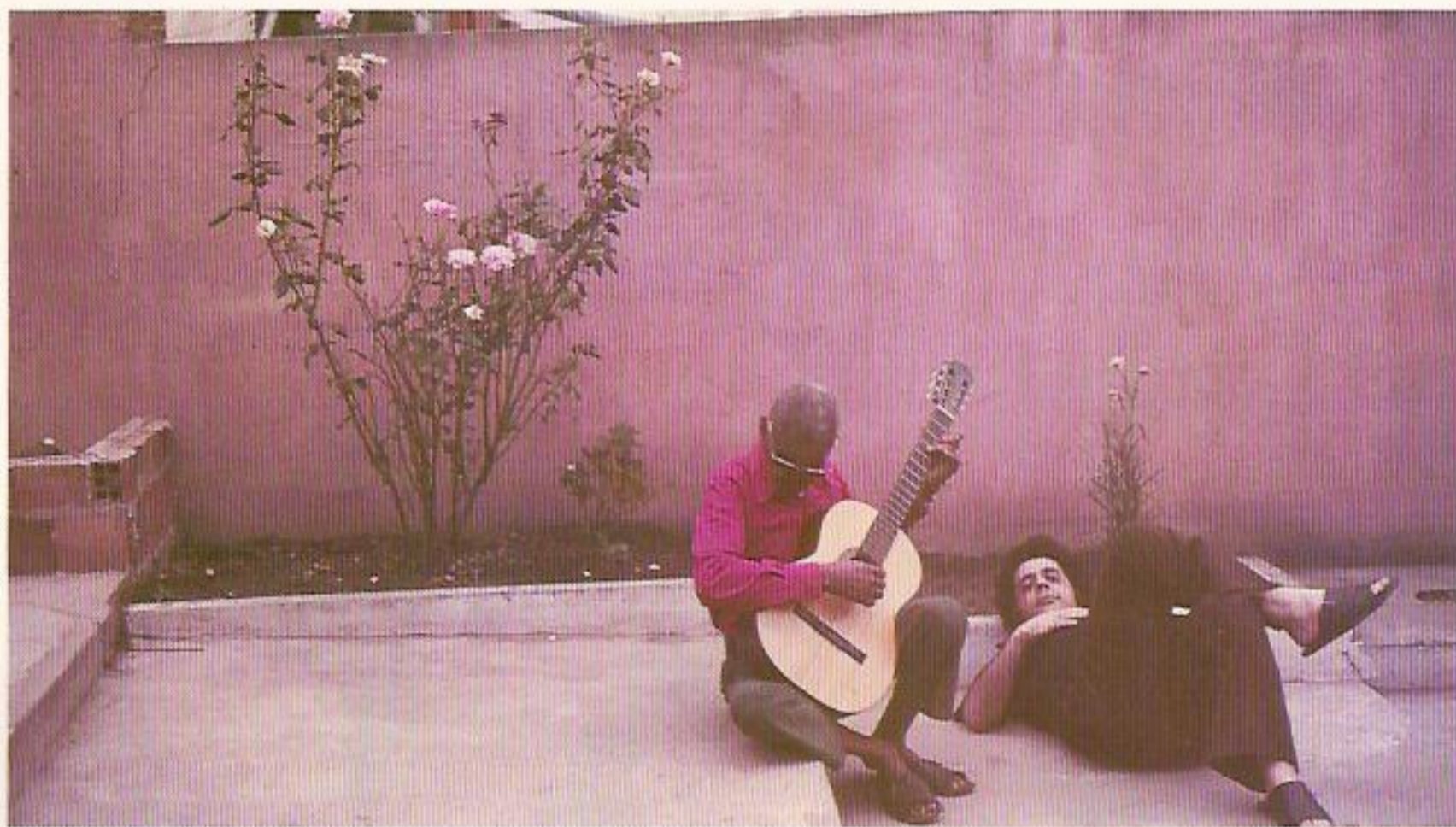
DONA NEUMA
E DONA ZICA,
ÍCONES DA
TRADIÇÃO
VERDE-E-ROSA

PERFILANDO AS POSSÍVEIS ATRAÇÕES QUE ME FIZERAM MANGUEIRA, AS RAZÕES DESTES DESFILE PODEM SER INTERMINÁVEIS. MAS TALVEZ PELO FATO DE SER UM CONTUMAZ FOTÓGRAFO COLORISTA, ESTE ÍMÃ CROMÁTICO PELO VERDE-E-ROSA SEJA UM IRREFUTÁVEL ARGUMENTO DESTA ENCANTADORA ESPIRITUALIDADE.

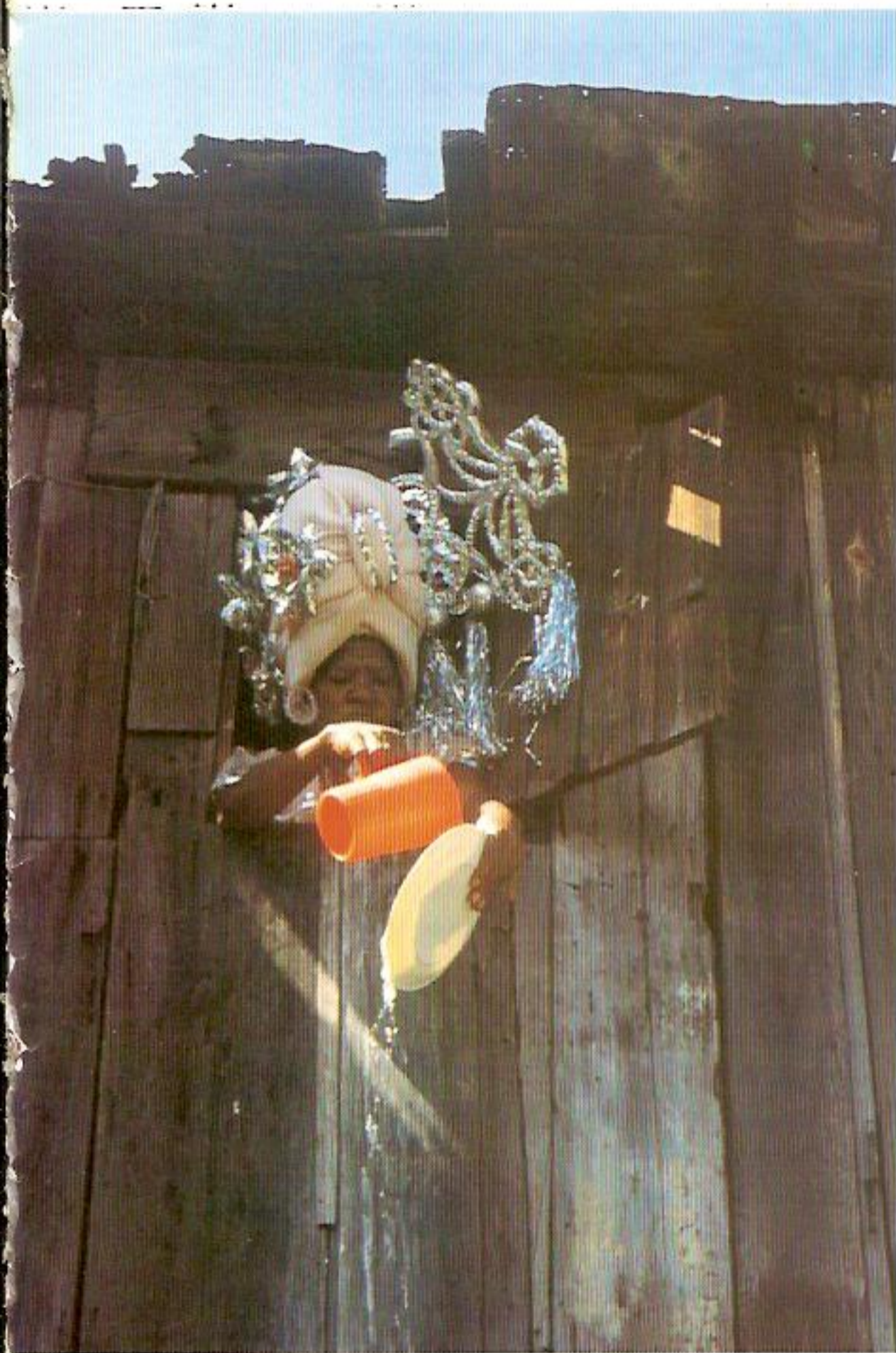
OUTRAS RAZÕES, TAMBÉM PALPÁVEIS, FORAM AS RELAÇÕES DE AMIZADE COM CARTOLA E DONA ZICA, QUANDO AINDA ELES HABITAVAM UM QUARTO DE SOBRADO NA CIDADE, SE NÃO ME ENGANO, RAMALHO ORTIGÃO OU RUA DA CONCEIÇÃO; DAS RELAÇÕES CARINHOSAS COM DONA NEUMA, CARLOS CACHAÇA E SUA MULHER MENINHA; DO RESTAURANTE ZICARTOLA, BERÇO DE BAMBAS QUE SE FIZERAM TRONCOS NA DÉCADA DE 60.

A PERCUSSÃO, O SENTIMENTO CALCADO NO PULSAR DO BUMBO RITMANDO O CORPO, MARCAÇÃO QUE LEMBRA AS BATIDAS DE CORAÇÕES SUBURBANOS CONTENTES E FELIZES DAS RAZÕES MAIS SIMPLES, FIZERAM DE MIM UM AGREGADO DE PAIXÃO DISFARÇADA, MAS DE INTENSO AMOR. E ▶





NO QUINTAL
DE SUA CASA,
CARTOLA
TOCA PARA
SÉRGIO
CABRAL



QUANDO O SURDO SE ESCUTA
SUANDO NA BATERIA, MARCANDO
O TEMPLO E A EXISTÊNCIA, TRANS-
FORMO-ME NO MENINO CHORÃO
DE RUA AMPARADO NA MULTI-
DÃO VERDE SANTA, ESPERANDO O
DIA DA ROSA QUE NASCE.

E ASSIM SE FAZ, SEMPRE QUANDO
ELA PASSA. PORQUE SE NÃO EXIS-
TISSE A MANGUEIRA, NÃO TERÍ-
AMOS O FRUTO DA POESIA, TAM-
POUCO AS FOLHAS E O SAMBA DE
RAIZ, EXTRATOS ENRIQUECIDOS
NA ALMA DA SUA GENTE POBRE
DO MORRO.

POR ISSO, QUANDO ME PERGUN-
TAM POR QUE SOU MANGUEIRA,
"NÃO SEI, SEI LÁ NÃO SEI NÃO, A
MANGUEIRA É TÃO GRANDE QUE
NÃO CABE EXPLICAÇÃO". FINALI-
ZANDO ESTA DECLARAÇÃO DE
AMOR, VEJO QUE ENTRE O CÉU E
O INFINITO A MANGUEIRA MAIS
PARECE UM CÉU NO CHÃO
(ALUSÃO POÉTICA CAVALGADA
DO HERMÍNIO BELLO DE CAR-
VALHO), MAS QUE NO MEU PEN-
SAMENTO ELA É UMA ESTRELA
ILUMINADA QUE NO CARNAVAL
NOSSO DE CADA DIA GRATIFICA A
RAZÃO DE VIVER. ■

•WALTER FIRMO•

Ora, nós somos a Mangueira!

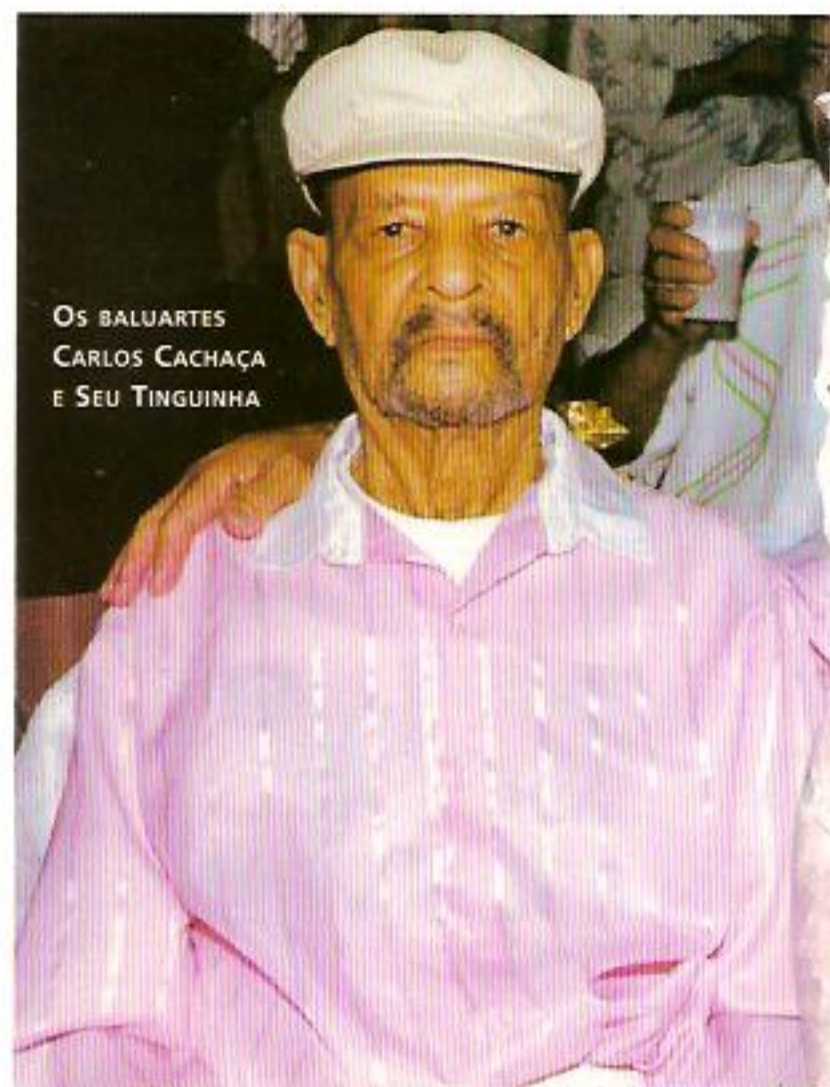
Será talvez através do olhar de seu filho Elmo que se possa enxergar melhor a doce e quase tímida figura de seu Tinguinha – Homero José dos Santos. Da varanda de sua casa verde e rosa na Joaquina, uma das províncias desse país que é a Mangueira, seu Tinguinha parecia observar o mundo com uma certa benevolência. Ou com a complacência de quem sabe que o tempo amacia as asperezas e torna relativas todas as coisas, realçando apenas as que são, na verdade, fundamentais. Seu Tinguinha costumava referir-se ao filho como “o menino”, preocupando-se com as muitas e variadas ocupações do “menino”, à frente da Mangueira, de que Elmo José dos Santos tornou-se um excepcional presidente. Menino, que inflou de orgulho mestre Tinguinha ao se tornar Dr. Elmo, o advogado.

Aliás, como não se orgulhar desse doutor nascido e criado na colina sagrada de Mangueira? Como não se orgulhar de cada um dos meninos e meninas nascidos e criados no morro, que foram capazes de ultrapassar as linhas do

destino traçado para as crianças pobres e arrancar das escolas e faculdades do asfalto os títulos emoldurados em verde-e-rosa nas casas do Buraco Quente, Santo Antônio, Candelária, Chalé ou qualquer outra geografia da nação de Mangueira? Seu Tinguinha sentia esse orgulho e o declarava. Pois se até o rei do mundo foi à Mangueira bater cabeça e tentar umas desajeitadas embaixadinhas na Vila Olímpica gestada nos sonhos antigos do morro! Seu Tinguinha achava bom falar nessas conquistas. Ora, nós somos a Mangueira, poderia ele concluir, se o mesmo não dissesse com o sorriso discreto que lhe pontuava as frases. Ora, nós somos Mangueira! E talvez isso explique tudo. A paixão, o sucesso, os atletas verde-rosas e seus passos de sete léguas a transpor distâncias olímpicas mundo a fora.

A melhor palavra sobre seu Tinguinha seria a de Elmo, mas essa palavra ainda fica travada

na emoção. Semi-afogada no pranto pela saudade do pai que, em 25 de outubro de 99, uma segunda-feira, atendeu à convocação de papai-do-céu, cantou para subir e foi organizar a ala da bateria de Deus Nosso Senhor. Estava com pouco mais de 80 anos e partiu tranquilo: com a sabedoria natural do espírito depurado pelo viver, mestre Tinguinha já devia estar sentindo que sua ausência seria saudade mas não seria vazio: poucos dias depois da morte, na sexta-feira da mesma semana, chegava ao mun-



OS BALUARTES
CARLOS CACHAÇA
E SEU TINGUINHA

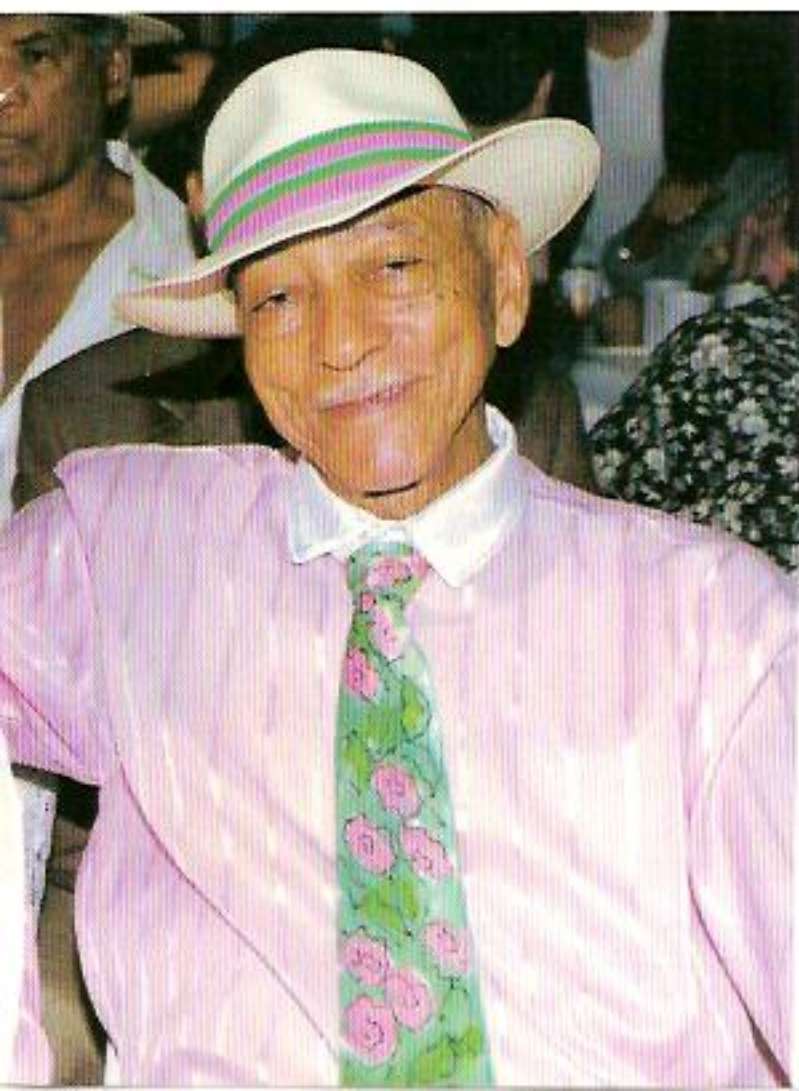
MESTRE TINGUINHA FOI O MENTOR DA ORQUESTRA DE PERCUSSÃO VERDE E ROSA

do Elmo José dos Santos Júnior, seu neto, filho de Elmo e Celia Domingues. Entrava no mundo mais um mangueirense e – quem sabe? – um nobre sucessor nas lidas da Estação Primeira. Onde Seu Tinguinha foi um organizador. Se Waldomiro Thomé Pimenta foi a alma da bateria da Mangueira, aquele que deu substância à batida única e inigualável que até hoje identifica a escola, foi Tinguinha o mentor da orquestra de percussão verde e rosa, aquele que convocou e trouxe à tona o orgulho dos ritmistas e seu desejo de se verem como instituição. Até o ano de 1959, havia na Estação Primeira um punhado de ritmistas geniais, mas com um visual bastante desorganizado: cada um saía como bem entendesse.

Seu Tinguinha contava que era comum terem de pintar os

sapatos na hora do desfile, para a indumentária ficar menos desigual. Naquele ano, Homero José dos Santos resolveu botar uma certa ordem na festa. Com essa idéia na cabeça, fundou a Ala da Bateria que passou a administrar itens como figurino e confecção de fantasias, guarda e conservação dos instrumentos, horários de ensaios e apresentações. A ala, com presidente, tesoureiro e secretários, aprendeu a se administrar muito bem, a funcionar exemplarmente. Passou a se apresentar tão bem vestida, que o pessoal chorava de orgulho ao ver os ritmistas descerem do Buraco Quente, da Candelária, das ruas e vielas do morro cheios de cuidado para não sujar os ternos com o emblema da escola, as meias, os sapatos brilhando de novos. Os demais segmentos passaram a seguir o padrão da bateria criado por seu Tinguinha. Histórias e detalhes que fazem parte da memória da Mangueira e todo mundo não só conhece, como relata seguindo a própria partici-

pação. Elmo nasceu ritmista e muito cedo se apaixonou pela caixa de guerra, o tarol, o mesmo instrumento que era a paixão do pai. Mas, embora a caixa seja o instrumento de sua predileção, Elmo – que também é compositor, autor de samba-enredo premiado na escola – ficou famoso tocando tamborim: sua personalidade artística atende pelo apelido de Rato do Tamborim. Com ela foi titular do conjunto Juventude Samba Show, sucesso no Brasil e no exterior. Motivo, aliás, de justo orgulho de seu Tinguinha, conselheiro atento desse filho cujos pés estão firmemente plantados nas raízes da Mangueira mas cuja cabeça é antenada com as exigências e necessidades do mundo. Agora que partiu para o céu dos bambas – foi seguido, no dia 14 de fevereiro último pela esposa e fiel companheira, a baiana dona Hilda –, seu Tinguinha, que era um dos baluartes da Velha Guarda, passou a ser o espírito tutelar do filho, que lhe guardou palavras e ensinamentos. E cuja voz ainda se tranca na garganta, e cujos olhos ainda se marejam ao tentar exprimir os próprios sentimentos. Voz que em breve se abrirá e olhos que em breve se iluminarão em cálida alegria ao escutar seu Tinguinha falando através dos tambores da bateria da Mangueira. Vibrando no couro das caixas de guerra. (LENA FRIAS) ■

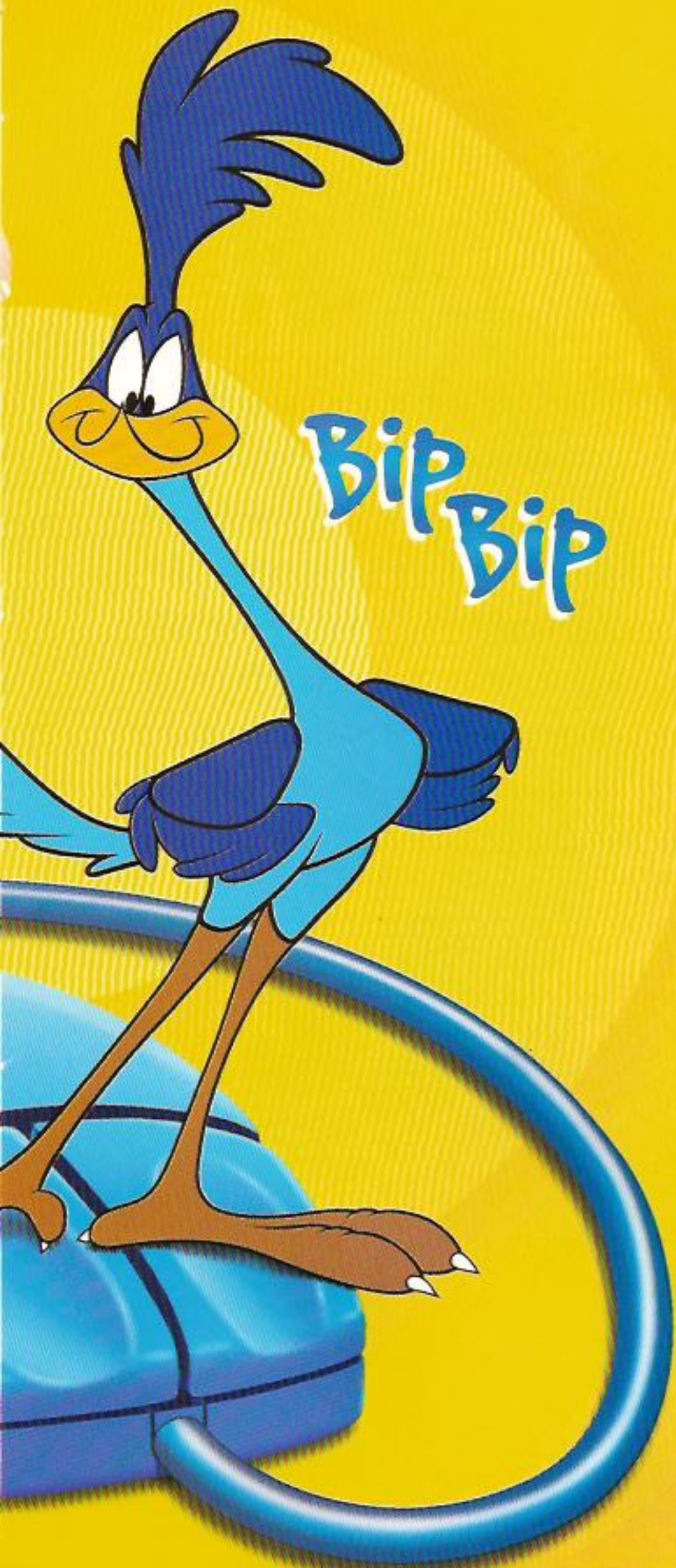


CLICOU, CHEGOU.



QUEM VENDE PELA INTERNET TEM QUE ENTREGAR RÁPIDO. PORQUE QUEM COMPRA PELA INTERNET QUER RECEBER VOANDO. POR ISSO, **MANDE SEU PRODUTO COM A AGILIDADE E SEGURANÇA DOS CORREIOS**. PARA MAIORES INFORMAÇÕES, LIGUE: SÃO PAULO 838 7416, DEMAIS CIDADES (0XX61) 317-2874. OU VISITE O SITE DO SEDEX: WWW.CORREIOS.COM.BR/SEDEXONLINE

COMÉRCIO ELETRÔNICO. VOCÊ VENDE VIA INTERNET E MANDA VIA SEDEX.



BIP
BIP

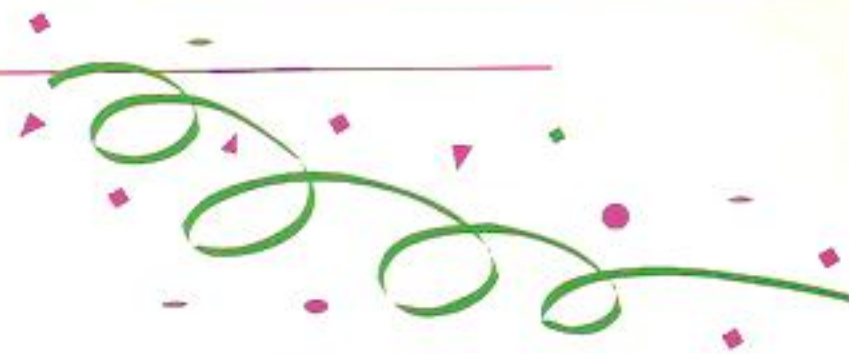


MANDOU, CHEGOU.
www.correios.com.br

“Manguueira é povo, é povo, é povo”

A REVISTA DA MANGUEIRA REUNIU PARA UMA CONVERSA SOBRE A ESTAÇÃO PRIMEIRA MANGUEIRENSES DE DIFERENTES ÁREAS, BAMBAS NAS SUAS ATIVIDADES E INCONDICIONAIS DA ESCOLA. PARTICIPARAM DA MESA O PRESIDENTE DA ESCOLA, ELMO JOSÉ DOS SANTOS; O COMPOSITOR ÁLVARO LUIZ CAETANO, ALVINHO; O COMPOSITOR NELSON SARGENTO; A CANTORA E COMPOSITORA LECY BRANDÃO; O ADVOGADO ALCYONE BARRETTO, DO DEPARTAMENTO JURÍDICO DA MANGUEIRA; O JOGADOR JÚNIOR, CRAQUE DO FLAMENGO, DA SELEÇÃO E DO FUTEBOL DE AREIA; O POETA, COMPOSITOR E PESQUISADOR HERMÍNIO BELLO DE CARVALHO; A PROFESSORA E PESQUISADORA MARÍLIA BARBOZA, PRESIDENTE DO MUSEU DA IMAGEM E DO SOM; E O JORNALISTA TIM LOPES. PARA OS BAMBAS, O CARISMA E A FORÇA DA MANGUEIRA RESIDEM NUM SEGREDO QUE VOCÊ VAI CONHECER LENDO A REPORTAGEM. O BATE-PAPO FOI COORDENADO PELA JORNALISTA LENA FRIAS.





REVISTA DA MANGUEIRA - O que é que diferencia a *Mangueira das demais escolas*? Qual é o segredo, afinal?

NELSON SARGENTO - Com o coração não há segredo. Qualquer pessoa que usar de boa vontade e conhecimento do coração faz uma escola de samba bem feita como aconteceu com a Mangueira.

REVISTA DA MANGUEIRA - O que você, como pesquisadora da história da Escola acha, *Marília Barboza*?

MARÍLIA - A Mangueira é, inegavelmente, uma nação, no conceito mais perfeito. O dia em que o Brasil amar o verde e amarelo como a Mangueira ama o verde e rosa as soluções do país estarão todas tomadas. É esse auto-respeito, esse respeito à própria cor e a si mesma enquanto um todo.

REVISTA DA MANGUEIRA - Como você, *Elmo*, um presidente que deu uma virada administrativa na Escola e ampliou os projetos da Estação Primeira, principalmente na área social, acha que um mangueirense de raiz se sente em relação a essa feição ativa, dinâmica, a essa nova Mangueira?

ELMO - O principal é o amor pela nossa bandeira, passado de pai para filho. Você vê nessa administração de hoje a Chininha (Eli

Gonçalves da Silva), filha de dona Neuma. Vê Neuci (da Silva Gomes), presidente da ala das baianas, quarta geração de fundadores da Mangueira. Meu pai foi o fundador da ala da bateria, minha mãe uma velha baiana. Isso vai passando de geração para geração. É uma coisa muito forte. Eu costumo sempre dizer: se eu, como presidente, chegar na avenida e disser que a Escola precisa de uma gota de sangue de cada mangueirense para fazer uma boa apresentação, eu vou encher vários barris. Cada mangueirense vai querer dar o sangue pela Escola.

NELSON SARGENTO - Pode contar com o meu.

JÚNIOR - É a questão da identificação. Ninguém impõe assim: você vai ser Mangueira. Então por que eu sou Mangueira? Eu não tive um pai que frequentou a Mangueira, eu não tive uma mãe que frequentou a Mangueira, não tive pessoas ligadas à Mangueira. Mas me arrepiei todo e me identifiquei com a Mangueira. É uma coisa que você não sabe, é o inexplicável. Aconteceu comigo e eu sigo essa escola. Contando isso eu torno a me arrepisar.

ALVINHO - O segredo da Mangueira se resume numa palavra só: o amor. Na nossa quadra tem uma frase do mestre Ataliba que foi


passada para o Elmo pelo Nelson Sargento: "Por mais que os galhos cresçam, o tronco sempre será maior". O Elmo fez uma mudança violenta na Mangueira, mas antes ele criou o Conselho Superior da Escola, formado pelos grandes baluartes, pessoas que são as raízes da Mangueira. Nada se faz aqui sem a aprovação desse Conselho. A Mangueira hoje, na realidade, é uma escola de samba do mundo.

REVISTA DA MANGUEIRA - Mesmo com as antenas voltadas para o mundo lá fora, a Escola está bem enraizada no seu solo?

ELMO - É isso. O mais novo do Conselho tem 73 anos. O mais velho tinha 97 anos, foi o nosso querido mestre Carlos Cachaça, que era o presidente de honra da Escola. Meu pai, mestre Tinguinha, fazia parte. Só entra no grupo um novo conselheiro se falece alguém.

REVISTA DA MANGUEIRA - O modelo da atual Mangueira já tem seguidores entre as outras escolas?

ELMO - Nossa escola hoje tem 28 cursos profissionalizantes. Mas existe uma carência muito grande das comunidades vizinhas, como Jacarezinho, Tuiuti, Manguinhos, Morro do Macaco. Os presidentes de associações de moradores estão sempre nos procurando. ▶



Querem participar dos trabalhos sociais e colocar suas comunidades nos cursos profissionalizantes. A Xerox do Brasil já está há 12 anos conosco, mas nós estamos batalhando há seis meses para arrumar também uma outra grande empresa para poder ampliar os cursos profissionalizantes e atender a essas outras comunidades próximas. De repente eu senti as tias rezadeiras e os mestres que tomam conta e dão conta fazerem uma corrente forte, pedindo a Papai do Céu para que isso aconteça. E eu digo: vai acontecer.

LECY - Mangureira é mesmo uma coisa de identidade. Eu conheci o Elmo no Juventude Samba Show, no tamborim. E esse homem chega a presidente. É uma coisa de carteira de identidade. Aqui tudo tem uma razão, nada é à toa. Tem uma coisa que a Mangureira é exemplo e se diferencia: sua quadra é ao pé do morro, uma coisa que poucas escolas têm. É uma questão de não se afastar de sua comunidade. Outra coisa é a preocupação social com a sua comunidade. A escola tem índice zero de criança envolvida com coisas negativas. Um grande papel da Mangureira é esse aí: ela não deixou o seu jovem abandonado.

NELSON SARGENTO - Tudo que há no mundo do samba, ou pelo menos a maior parte, a Mangureira

criou. A primeira ala de compositores, o primeiro jornal de morro, foi a primeira a contratar um profissional para fazer enredo, em 1948. A Mangureira realmente é pioneira.

ALVINHO - E continua agora, Nelson. Criou o primeiro Conselho Superior de escola de samba; criou a Velha Guarda de bateria; e continua criando coisas novas.

MARÍLIA - Vocês já repararam no que nós estamos falando o tempo todo? É a legitimidade. Existe o que é legal e o que é legítimo. Aqui, além de legal é legítimo.

HERMÍNIO - Acho que Mangureira é um sentimento e sentimento você não explica. Por isso esse verso que eu fiz, "a Mangureira é tão grande que não cabe explicação" e que o Paulinho da Viola pôs a música. Acho que tudo o que eu tinha que falar da Mangureira está um pouco no meu trabalho. Como o que eu fiz agora para o Arquivo da Cidade com a diretora, a antropóloga Lélia Celso Frota. O CD duplo *Mangureira - sambas de terreiro e outros sambas*. É quase um tombamento do sentimento manguereense, se fosse possível tomar um sentimento espiritual. O trabalho condensa tudo isso - essa nossa angústia por ver que as escolas estão se perdendo, e a nossa felicidade de

saber que a Mangureira não quer se perder de seus caminhos.

JÚNIOR - Há dois anos, eu e o meu filho Rodrigo, na época com 13 anos, estávamos na avenida. Aí, na hora da Mangureira, nós paramos do lado do carro de som. Então o Elmo começou a fazer um discurso e se emocionou. E eu olhei para o lado, para o meu filho. E falei: "Rodrigo tu tá chorando? Por que?" E ele: "Pô, o cara falou pra cacete!" Então é esse tipo de coisa, é a emoção, o amor.

ALCYONE - Nesse papo aqui se procurou historiar e explicar a

"A MANGUEIRA
CRESCER MUITO
E NÃO SÓ NO
SAMBA, MAS NA
SUA CIDADANIA"

LECY BRANDÃO



"TUDO QUE
HÁ NO MUNDO
DO SAMBA,
OU PELO MENOS
A MAIOR PARTE,
A MANGUEIRA
CRIOU"

NELSON SARGENTO



Mangureira. Eu volto à pergunta, "qual é o segredo da Mangureira?" Acho que foi revelado naquele carnaval dos 50 anos, *Dos Carroceiros do Imperador ao Palácio do Samba*, quando o Julinho (o falecido Júlio Mattos, carnavalesco da Mangureira) fechou o desfile com um grande pandeiro e atrás do pandeiro escreveu uma frase que revelava esse segredo: "Mangureira é povo, é povo, é povo".

REVISTA DA MANGUEIRA - Qual é, hoje, a auto-imagem da Mangureira, levando-se em conta que nos últimos anos, houve uma clara mudança de patamar, não só do ponto-de-vista dos projetos sociais, mas como organização, como estrutura. O Elmo tem um papel importantíssimo nisso e cabe pensar em como fica daqui para a frente.

MARILIA - Hoje uma coisa está clara para mim. Olhando o passado, a história das escolas, vejo, na verdade, uma grande segunda mudança. A primeira, foi feita

nos anos 40 por Paulo da Portela. Ele pegou aquele segmento de escravos que formava a base da sociedade, que não podia sair na rua com um violão que apanhava, e disse: vamos parar e pensar. Nós somos artistas, estamos produzindo arte. Então vamos nos organizar que conseguiremos ser ouvidos. E fez isso. Só que, naquele tempo, a própria comunidade não estava para receber o Paulo. Hoje, a Mangureira é o que foi a Portela nos anos 40. E o Paulo achou exatamente o que o Elmo faz hoje: a Mangureira não pode ficar aqui sozinha, ela tem que sair, se mostrar pra fora. Se articular com o poder constituído e mostrar quem ela é, que não está de prato na mão.

JÚNIOR - O grande lance foi o Elmo trazer pessoas como o Nelson pra se juntar. Pessoas que têm uma marca Mangureira na testa desde o nascimento. Outra coisa foi ele ter escolhido as pessoas certas, no lugar certo. Hoje

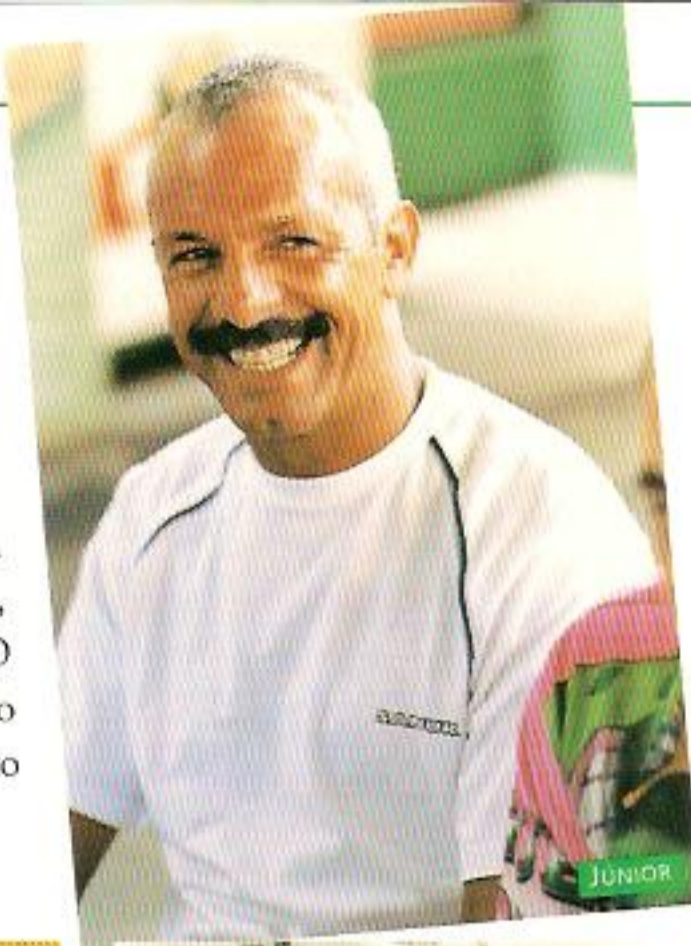
qualquer um pode vir à Mangureira, trazer mulher, filho, sem qualquer problema. Essa credibilidade só se adquire através de trabalho e honestidade. O Elmo tem carta de crédito de pessoas que fizeram a Mangureira e estão no Conselho. Tem conta aberta. Os resultados estão aí para mostrar. Ele não tem contestação de ninguém.

REVISTA DA MANGUEIRA - Estamos falando em credibilidade.

JÚNIOR - Tem um outro dado, o empresarial. A Xerox há anos mantém a parceria com a Mangureira. Pergunta se eles querem sair. Pelo contrário, tem muita empresa querendo entrar.

ELMO - Eu afirmo sempre, e as pessoas às vezes até riem, que o grande padrinho da Mangureira é Papai do Céu. Muitas vezes, nos momentos de dificuldade, eu senti Papai do Céu segurar no meu dedo. Ele nos concedeu conciliar para conseguir uma ►

química perfeita. Juntando os elementos negativos e elementos positivos, cada um dando um pouquinho de si, ajudando à sua maneira. O importante é o seguinte: não pode faltar nenhum elemento dessa química.



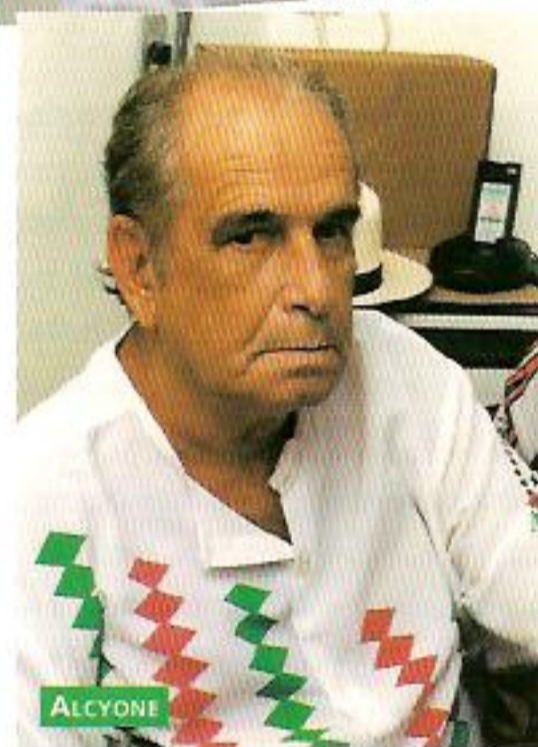
aqui. Eu quero ir pro pagode!" Aí desceu para a rua com a Célia, foram para o meio do samba. Coisa difícil de se acreditar: uma pessoa que normalmente quando sai à rua é assediada, na Mangueira, simplesmente estava lá no meio do povo, sambando, e nego nem sabia quem era.



MARÍLIA

LECY - Aqui não tem um patrono. Temos na presidência um cidadão civil, com todos os credenciamentos, a autoridade e legitimidade. A Mangueira cresceu muito e não só no samba, mas na sua cidadania. Mas tem também uma mulher por trás disso, que não pode deixar de ser lembrada: é a Célia Regina, a mulher do Elmo, uma pessoa que pensa 24 horas na escola.

TIM LOPES - A Mangueira hoje não é só quadra. É também aquela Vila Olímpica do outro lado. Eu acho essa questão da cidadania



ALCYONE

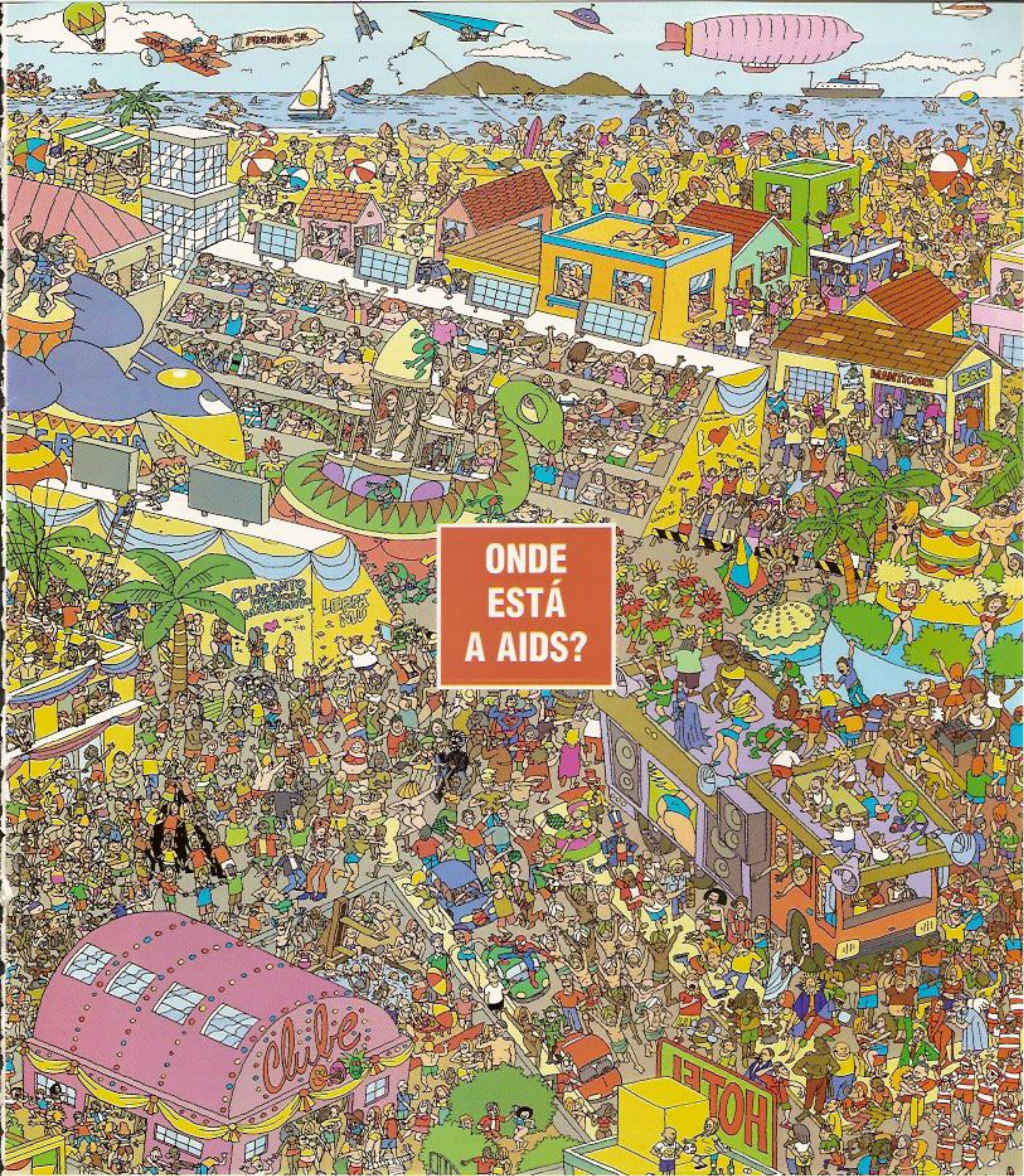
muito importante. Esses meninos da Mangueira hoje são outros, com o coração muito maior. Só um presidente como Elmo, que é passista, de dentro da quadra, pode dizer que ninguém é dono da Mangueira. No fundo, no fundo, todos nós mangueirenses somos um pouquinho donos dela.

ALVINHO - Dia desses a Vera Fischer chegou, já às cinco da manhã. A Célia foi com ela para a janela, ficaram olhando a banda do Bola Preta lá fora. Então, a Vera disse: "Eu não quero ficar



HERMINIO

MARÍLIA - Há 25 anos eu escrevo sobre a Mangueira, lendo, estudando e ouvindo. Mas hoje, depois dessa conversa, ficou claro para mim qual é o segredo da Mangueira. Sabe o que eu diria? Quando a Mangueira usa os baluartes, ela trata do presente. Quando ela prepara os jovens na Vila Olímpica, está de olho no futuro. E quando ela não deixa os seus mortos serem esquecidos, preserva o seu passado. Foi isso que eu aprendi hoje aqui. Aliás, eu só aprendo nessas rodas. ■



ONDE ESTÁ A AIDS?

CARNAVAL 2000
Mais, Festejar é tão fácil quanto viver!

Você nunca sabe quem tem o vírus. Use camisinha e proteja-se da aids.

Todos os anos, durante o Carnaval, milhões de pessoas viajam pelo Brasil com um único e nobre propósito: perder a cabeça. Embalados pela maior festa popular do mundo, foliões de todas as origens pulam de cidade em cidade para namorar, beber e se divertir.

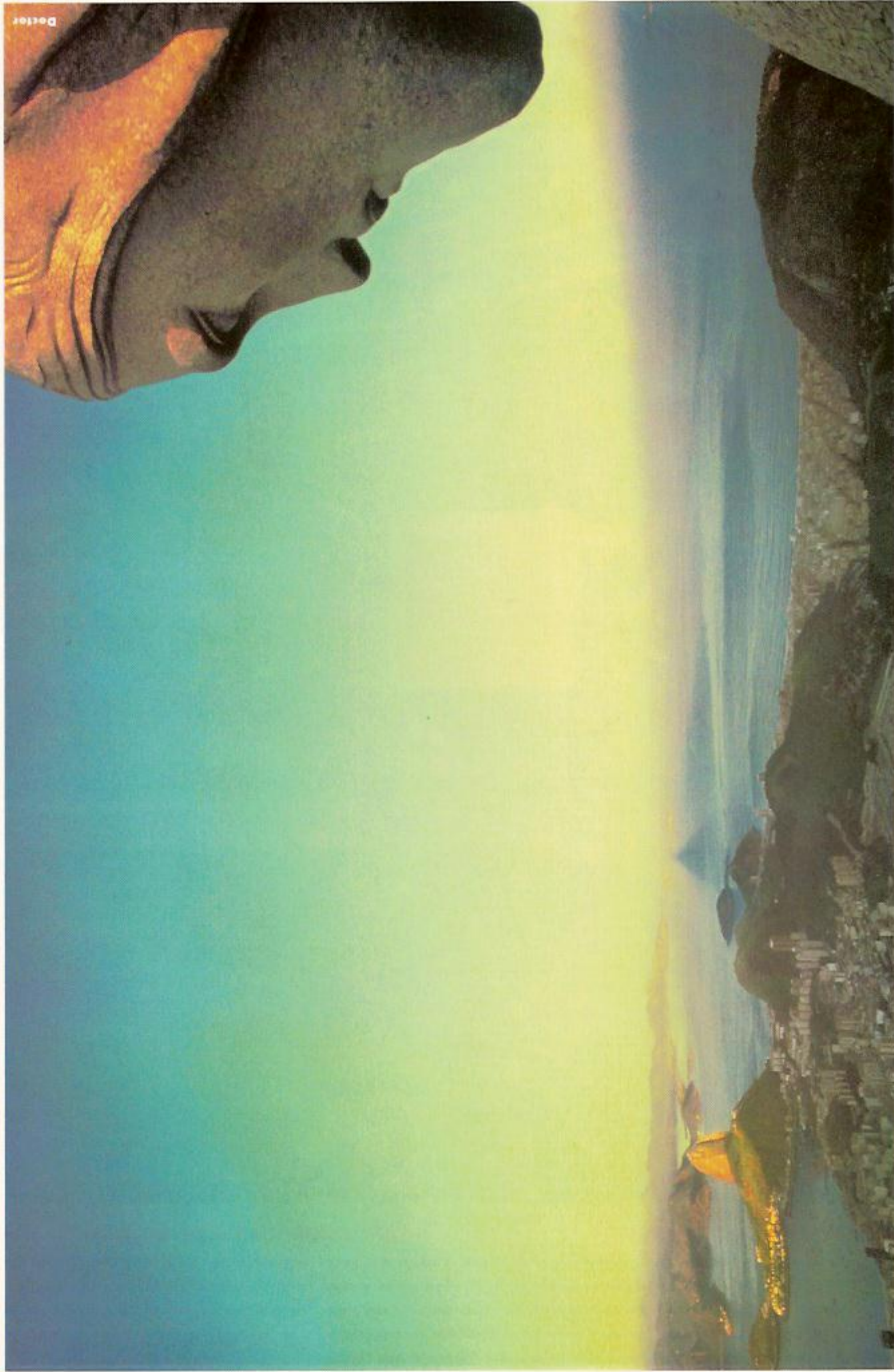
O problema é que, nessas horas de euforia, muita gente esquece que existem mais de 500 mil pessoas vivendo com aids no Brasil, sendo que a maior parte não sabe que é portadora do vírus. E o que é mais sério: a camisinha muitas vezes fica de fora no melhor momento da festa. Quando você estiver mais pra lá do que pra cá no fim de cada noite,

lembre-se de usar camisinha. Na Quarta-Feira de Cinzas, você vai acordar de ressaca. Mas a única coisa que vai continuar no seu sangue é a saudade do Carnaval que passou.

MINISTÉRIO DA SAÚDE

GOVERNO FEDERAL

DISQUE SAÚDE 0800 61 1997



Doctor

num lugar onde um arquiteto já construiu o pão-de-açúcar e a baía de Guanabara
a gente tem mesmo que caprichar muito.



ATLÂNTICA

Empreendimentos Imobiliários S.A.

Tel.: 824-9200 • www.atlanticaemp.com.br

Um domingo de festa

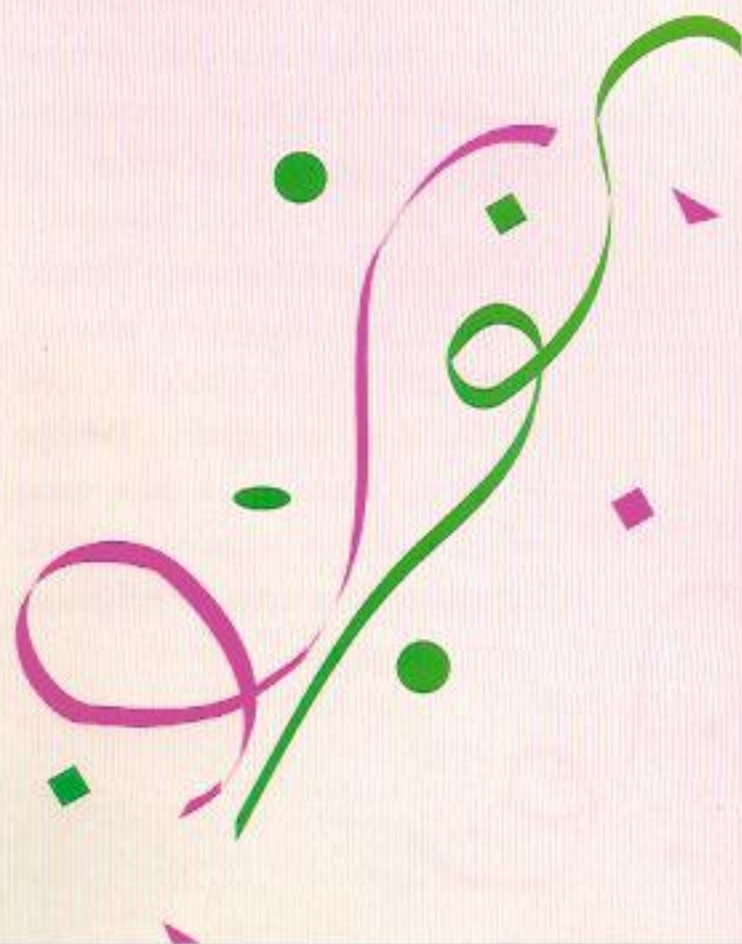
O último encontro festivo que tive com Dias Gomes foi no Barracão Cultural da Mangueira, ali perto do Balança-mas-não-cai, num domingo quando se comemorava o aniversário do Alcyone Barreto. Estávamos numa mesa, eu e a Cláudia, minha mulher, quando chegou o Dias e Bernadete, e se sentaram conosco. Fazia algum tempo que não nos víamos e, por isso mesmo, nossa alegria foi maior; especialmente de minha parte, porque a presença do Dias era sempre a garantia de um alto astral, de conversa inteligente e piadas às vezes malvadas mas sempre divertidas. Logo a mesa se ampliou com a chegada de outros amigos, nosso e do aniversariante. Feijoada, samba, confraternização. Um domingo inesquecível, uma das boas lembranças que guardo do amigo que se foi.

Quando é que a Mangueira vai transformar em enredo a vida e obra de Dias Gomes?

Mas se uma escola de samba é que nos facultou um de nossos últimos encontros, foi também a escola de samba, como fato artístico e cultural, que nos reuniu na primeira parceria: a peça *Dr. Getúlio, sua vida e sua glória* que tem, como estrutura dramática, um enredo de escola de samba. Dias achava que eu entendia do assunto e por isso me convidou para escrever a peça com ele. Nasceu assim, uma parceria e uma amizade que durariam o resto da vida.

Por falar nisso, quando é que a Mangueira vai transformar em enredo a vida e a obra do Dias Gomes, o grande dramaturgo que inseriu o espetáculo do samba no teatro brasileiro?

• FERREIRA GULLAR É ESCRITOR E POETA •



Show da Mangueira empolga Rio e São Paulo



Mais que o cenário, o samba da Mangueira é uma beleza. Com duas únicas apresentações – a primeira em 14 de fevereiro, no Canecão do Rio, e a outra dois dias depois, no Olímpia de São Paulo – o show *Mangueira Verão 2000* mostrou que a Estação Primeira vem disposta a levantar a Sapucaí com o enredo *D. Obá II, Rei dos Esfarrapados, Príncipe do Povo*. Lotadas, as duas casas vieram abaixo com o público entoando, em coro, o belíssimo samba deste ano.

Foram mais de duas horas de empolgação a cargo de artistas e ritmistas da Mangueira. Logo na abertura, Beth Carvalho fez brotar a emoção da platéia com uma interpretação comovente de *Alvorada*, do compositor Carlos Cachça, morto ano passado e principal homenageado nos shows pré-carnavalescos deste ano.

Vista assim no palco, a Estação Primeira mostrou, com a simplicidade de seus integrantes e a beleza de suas músicas, porque o “tão pouco, quase nada”, dos ver-

sos de Cachça, se transformaram em lenda da história do samba no Rio de Janeiro.

As mulheres brilharam. Depois de Beth, teve Rosemary, Alcione e Leci Brandão. A porção masculina também não deixou por menos, representada por estrelas de primeira grandeza, como Chico Buarque, Luiz Carlos Vinhas, Emílio Santiago, MPB4 e, no final, pelo sempre glorioso Jamelão, ovacionado por uma platéia que dançava embalada ao som da bateria da Mangueira do Amanhã.

A força social do samba

– É a abertura do carnaval em grande estilo, digna de entrar para o calendário oficial da cidade do Rio de Janeiro – entusiasmava-se Álvaro Luiz Caetano, vice-presidente de Eventos da Escola, para quem o show vai virar o grito do carnaval carioca, a exemplo do Baile Verde-e-Rosa, que há mais de dez anos acontece no Scala.

Entre produção e apresentação, o espetáculo envolveu o trabalho de mais de 130 pessoas, entre elas os bailarinos da Escola Carlinhos de Jesus, informou o diretor e roteirista Tulio Feliciano. A Mangueira aproveitou a ocasião para render homenagens a Chiquinha Gonzaga, Tom Jobim, Dorival Caymmi, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Braguinha, Cartola e Chico Buarque, compositores que já foram enredo da Escola.

Este ano, 10 dias antes do primeiro espetáculo, os 2.100 ingressos já estavam esgotados. O sucesso se explica, segundo Vinícius França, produtor de Chico Buarque, pela seriedade do projeto:

– As empresas estão participando cada vez mais, pois perceberam que o espetáculo é bonito, bem dirigido e com um grau de profissionalismo exemplar. ■

Na madrugada do dia 15, o público que lotou o Canecão, no Rio, voltou pra casa de alma lavada. A terceira edição do pré-carnavalesco da Mangueira, além de empolgar, contribuiu para os projetos sociais da Escola, com o apoio de empresas como Icatu-Hartford, Sul América Seguros, Light, Losango, Brasilcap e Leite de Rosas, entre outras.

Encantada com o show e convencida de que é preciso ver de perto o trabalho social que a Mangueira está desenvolvendo para entender a sua grandeza, Kati de Almeida Braga, presidente do Grupo Icatu, fez um convite:

– Conclamo meus companheiros empresários a visitar essas obras, certa de que ficarão entusiasmados e a Mangueira encontrará novos parceiros que ajudem a levar adiante esse maravilhoso projeto.

Projeto, aliás, que já conta com o apoio de bons parceiros. Fiel desde o primeiro show, a Sul América comprou um setor inteiro com 48 mesas de quatro lugares tanto no Canecão, como no Olímpia. Fidelidade que se explica na profunda admiração da seguradora pelo trabalho desenvolvido na Mangueira.

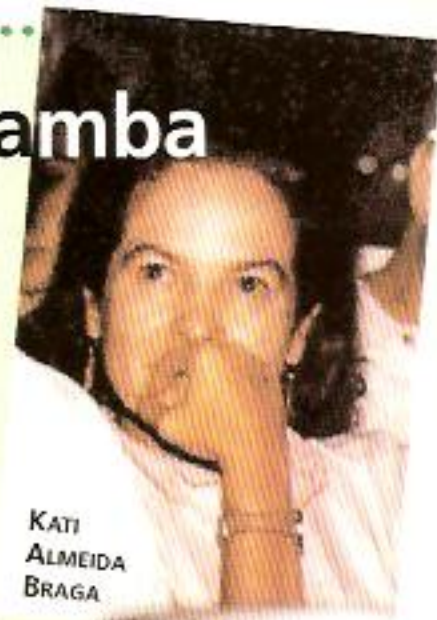
– A Mangueira, além de representar muito bem esse movimento espetacular que é o carnaval, promove uma obra social maravilhosa. Garanto que não existe no Brasil um trabalho dessa dimensão – assegurava Marcos Mascarenhas, vice-presidente de Marketing da Sul América.

Emocionado, o presidente da Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), Renato Guerreiro, não escondia o orgulho de ser mangueirense e amigo da agremiação.

– Participar da Mangueira é participar da escola de cidadania, escola de vida. A Mangueira é a referência mais importante daquilo que a sociedade civil deve assumir no país. Resolve, ela própria, seus problemas. É um exemplo para todo o povo brasileiro.

Os elogios ao desempenho da Mangueira nos trabalhos comunitários, em especial na formação dos jovens, estão em toda a parte, como no depoimento de Alexandre Machado, consultor de Comunicação da Presidência da Petrobras:

– O Brasil repousa numa série de símbolos que unem a idéia de ser brasileiro. A Mangueira é um desses símbolos, talvez um dos mais fortes. Não é só uma escola de samba, é o símbolo de coisas que todos queremos preservar: prazer, solidariedade, sentimento de raiz e identidade cultural.



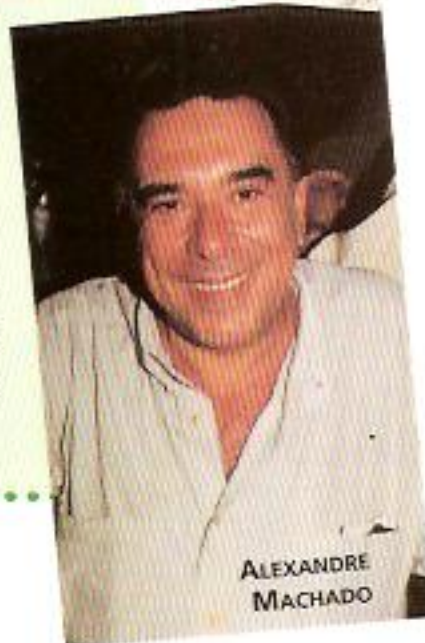
KATI
ALMEIDA
BRAGA



MARCOS
MASCARENHAS



RENATO
GUERREIRO



ALEXANDRE
MACHADO



NO CANECÃO,
JAMELÃO E
CHICO FORAM
OVACIONADOS

Parcerias ajudam a construir a história da comunidade

Na Mangueira, parceria virou tradição. Tradição que vem sendo construída nos últimos anos com a mesma credibilidade que fez da Verde-e-Rosa símbolo maior das escolas de samba do Rio. Tradição que, com muito samba no pé, está mudando a história da Nação Mangueirense. Foi justamente esta credibilidade que permitiu à Estação Primeira, a partir da gestão do presidente Elmo José dos Santos, inaugurar importantes parcerias com em-

presas em torno dos projetos socioculturais voltados para a comunidade. Mas se hoje as empresas parceiras da Escola participam com capital suficiente para responder a parte significativa dos custos destes projetos, a Mangueira quer mais:

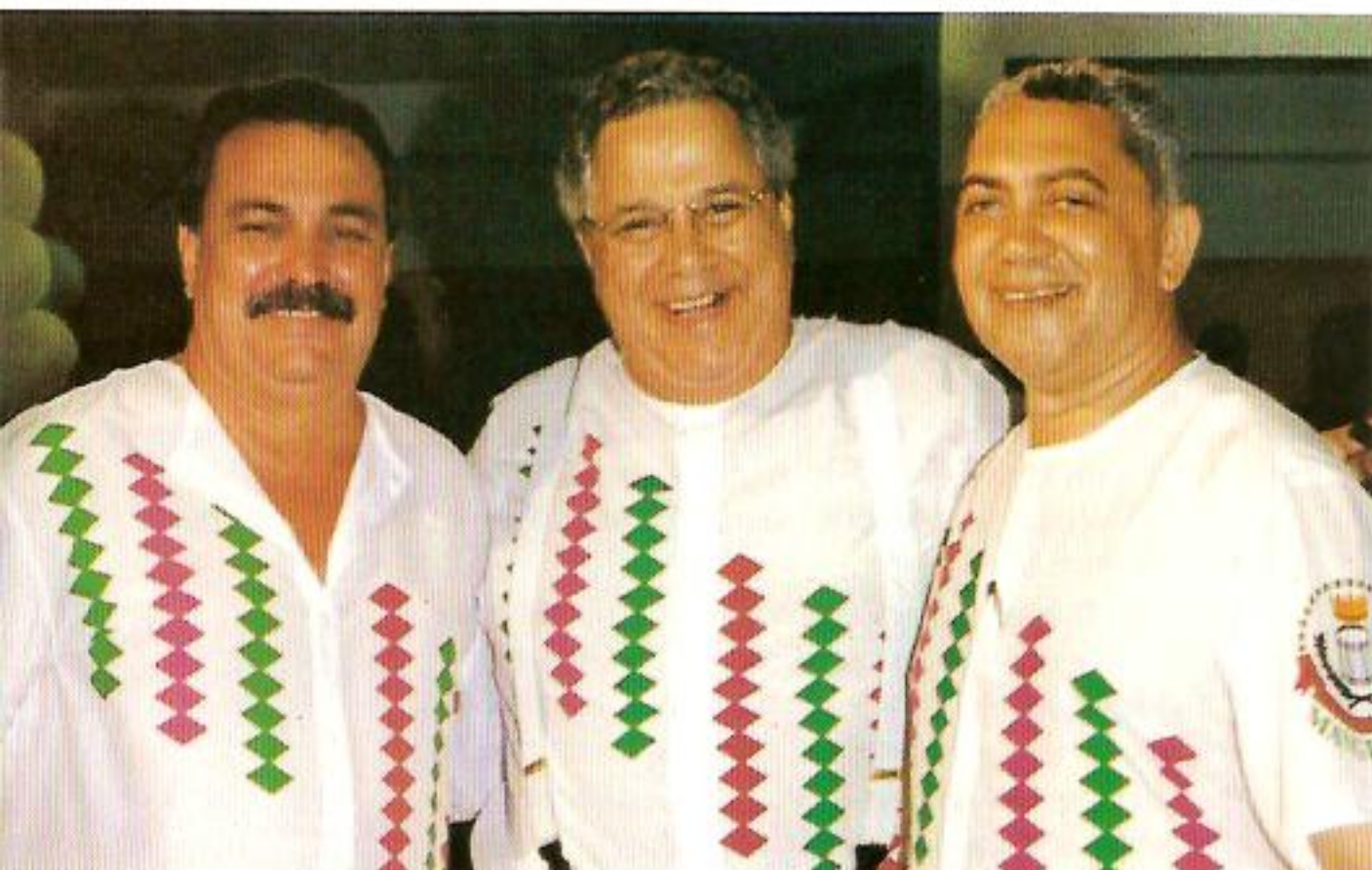
– A meta é buscar volume mensal de recursos que mantenha integralmente as atividades comunitárias – diz José Maria Monteiro, vice-presidente de Projetos Especiais da Mangueira.

Para sacramentar o apoio das empresas, o Conselho Superior da Mangueira, formado por baluartes da Verde-e-Rosa, aprovou em 98 a proposta do presidente Elmo de criar a figura do mantenedor, a pessoa jurídica que contribui com aportes mensais, pelo período mínimo de dois anos, de acordo com a sua disponibilidade.

Para democratizar a contribuição e permitir o acesso das pequenas empresas, a Mangueira criou várias faixas de contribuição. Em contrapartida, o mantenedor recebe, de acordo com a sua faixa, desde ingressos para o show anual da Mangueira, até lugares para assistir ao desfile da Sapucaí. Mensalmente a Mangueira envia aos mantenedores um relatório das suas atividades e, com as contribuições, mantém o fluxo de caixa e pode programar o horizonte financeiro dos seus projetos.

– O aporte mensal de recursos livrou a Mangueira de enfrentar picos e vales de entradas financeiras – explica Monteiro.

O novo modelo financeiro foi inaugurado em novembro de

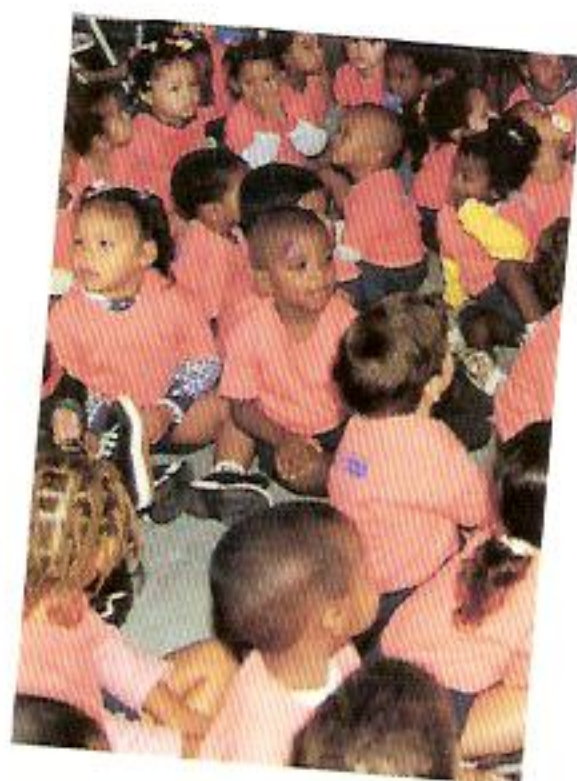


ALVINHO, JOSÉ MARIA E ELMO NO PALÁCIO DO SAMBA



97, com a realização do show de Chico Buarque no Rio e em São Paulo, quando foi desenvolvido um abrangente trabalho de relações públicas para aproximar a Escola de potenciais patrocinadores. Empresas foram convidadas a participar do espetáculo, adquirindo ingressos, cuja parte da renda seria revertida para os projetos sociais da Verde-e-Rosa.

O êxito da iniciativa levou a alta direção da Mangueira a, logo



após o show, voltar aos empresários para agradecer a adesão e convidá-los a conhecer seus projetos comunitários. A Escola organizou duas visitas aos quatro pontos da Mangueira – Praça Onze, Barracão de Alegoria, Palácio do Samba e Vila Olímpica. O resultado está aí para quem quiser conferir. Hoje, a Escola que é campeã na passarela chega em primeiro também nas parcerias e nos projetos sociais. ■

DE BRAÇOS DADOS COM A MANGUEIRA

Mantenedoras

- | | | |
|---------------------------------|------------------|-------------------|
| • Banco Fator | • Dannemann | • Losango |
| • Brasilcap | • Denison Brasil | • Promon |
| • Brasilsaúde | • Ecovias | • Quatro / A |
| • Brasilveículos | • Giovanni-FCB | • Xerox do Brasil |
| • Cervejaria Continental | • Icatu-Hartford | |
| • Construtora Andrade Gutierrez | • Leite de Rosas | |

Parcerias

- | | | |
|----------------------------|--|--|
| • Abravest | • GMBH Neima | • Secretaria Estadual de Trabalho |
| • Bingo Arpoador | • Loterj | • Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social |
| • BM&F | • Nieli Cosméticos | • Secretaria Municipal de Educação |
| • BR Distribuidora | • Posto Mangueira | • Secretaria Municipal de Saúde |
| • Brinquedos Rosita | • Quartzo Uniformes | • Sintraconst - Rio |
| • Clube Escolar | • Raízes Cosméticos | • Supermercados Cristal |
| • Colégio Santa Mônica | • Refinações de Milho Brasil | • Universidade Castelo Branco |
| • Conservadora Grimaldi | • Secretaria Estadual de Ação Social Esporte e Lazer | • Valmari Dermocosméticos |
| • Embeleze | • Secretaria de Estado de Educação | • Wanda Engel Aduan |
| • Fidasa | | |
| • Fundação Roberto Marinho | | |

Passe o
carnaval
com bastante
dinheiro.

Não fique no sufoco neste carnaval. Se precisar de dinheiro é só passar na Losango. Aqui, você pega dinheiro emprestado e resolve sua vida rapidamente. Ligue 0800-224252. Não se esqueça que carnaval é época de folia, festa, diversão e gastos.

EMPRÉSTIMO PESSOAL
Losango
DINHEIRO QUE RESOLVE.

A Lembrança de Nelson

Quantas vezes subi o morro cantando... Vou abrir a porta. Mais uma vez, podes entrar: é Dia das Mães, eu resolvi lhe perdoar... Tire o teu sorriso do caminho que eu quero passar com minha dor. Deus me ensinou o bem, Deus me deu essa bondade. Mas não demore que a outra pode lhe encontrar... Quando piso em folhas secas, caídas de uma mangueira... Meus cabelos brancos me obrigam a perdoar uma criança... Em Mangueira, quando morre um poeta, todos choram. Vivo feliz em Mangueira porque...

Quantas músicas lindas fez Nelson Cavaquinho! Só estou lembrando de algumas delas – talvez as mais queridas, as que se incrustaram indelevelmente em minha memória – pois são tantas e cada uma melhor do que a outra! Nelson é um dos maiores compositores de nossa música popular, um dos nossos maiores artistas por qualquer critério.

E que cara legal! Lembro de encontrá-lo pelas madrugadas do Rio de Janeiro, em bares da zona sul e botequins do centro, cantando suas músicas, acompanhando-se ao violão, no célebre estilo “galope” que inventara e do qual era o mestre único...

Uma certa noite, ficamos subitamente os dois sozinhos, diante um do outro e de nossos copos de bebida. As outras pessoas afastaram-se por motivos

diversos e eis-me então, aqui e agora, face a face com Nelson Cavaquinho. Ele bebeu um gole, abraçado ao violão, e me olhou nos olhos:

– Será que você podia me ajudar a fazer um samba que eu pensei?

Fiquei tonto: como eu poderia ajudar o gênio a compor?

– Eu, Nelson? Quem sou eu? Em que poderia ajudar?...

**Nelson
Cavaquinho
é um dos
maiores artistas
por qualquer
critério**

– Pensei fazer um samba que dissesse assim: tenho pena de quem tem pena de mim...

– Muito bom, Nelson! “Tenho pena de quem tem pena de mim...” Gostei.

– Mas aí é que está o problema que eu queria que você me ajudasse...

– Que problema?

– Eu queria que você me dissesse por que eu tenho pena de quem tem pena de mim.

– Mas prá que, Nelson?

– Prá eu poder terminar o samba...

Eu não sabia a resposta. Perdi assim uma oportunidade de ouro para me tornar parceiro de Nelson Cavaquinho, ou seja: de tudo aquilo que eu já disse antes – de um dos maiores compositores de nossa música, um dos maiores artistas de nosso país.

•LUIZ CARLOS MACIEL É JORNALISTA E ESCRITOR•





CARNAVAL EXTRA!

**SÓ O HIPERMERCADO
MAIS BARATO
DO BRASIL PODERIA
OFERECER VARIEDADE,
ECONOMIA E MUITO
MAIS PRA VOCÊ.**



MAIS BARATO

O EXTRA FAZ A MAIOR NEGOCIAÇÃO, PARA OFERECER O MENOR PREÇO PRA VOCÊ.

MAIS FÁCIL DE PAGAR

VOCÊ PAGA O PREÇO A VISTA EM TODOS OS CARTÕES DE CRÉDITO E CONTA COM O CHEQUE EXTRA LEVE, O PRÉ-DATADO PARA ATÉ 90 DIAS.

MAIS COMPLETO

SÃO MAIS DE 70.000 ITENS À SUA ESCOLHA EM TODAS AS SEÇÕES.

MAIS CONFORTO

AS LOJAS DO EXTRA FICAM ABERTAS 24 HORAS, PARA VOCÊ PODER APROVEITAR AO MÁXIMO O CARNAVAL. VEJA OS HORÁRIOS DAS LOJAS E CAIA NA FOLIA.

extra

HIPERMERCADOS



- **BARRA:** AV. DAS AMÉRICAS, 1510 - BARRA DA TIJUCA - TEL.: 494-2955
- **BOULEVARD:** RUA MAXWELL, 300 - VILA ISABEL - TEL.: 576-5082
- **ILHA:** AV. MAESTRO PAULO E SILVA, 100 - TEL.: 383-8157
- **NITERÓI:** RUA DESIDÉRIO DE OLIVEIRA, S/Nº - NITERÓI - TEL.: 621-6766
- **TIJUCA:** RUA MARIZ E BARROS, 1037 - SAC: 568-8222



- **ALCÂNTARA:** ESTRADA RAUL VEIGA, 243 - ALCÂNTARA - TEL.: 603-8998
- **FREEWAY:** AV. DAS AMÉRICAS, 2000 - BARRA DA TIJUCA - TEL.: 439-2000
- **NOVA IGUAÇU:** AV. GUADALAJARA, 3424 - NOVA IGUAÇU - TEL.: 668-1173

Velha Guarda lança CD

A Velha Guarda da Mangueira, conjunto que recentemente ganhou o importantíssimo reforço de três bambas do partido alto e do primeiro escalão de compositores da escola - Jurandir, Tantinho e o baluarte e diretor de harmonia da escola, Xangô -, lançou seu primeiro CD. Mesmo com as dificuldades de distribuição de um selo estreante e alternativo, o Nikita, em pouco mais de dois meses havia vendido cerca de 6 mil cópias. Durante o mês de fevereiro, às quintas-feiras, o grupo animou as noitadas de samba da Casa Rosa, na rua Alice.

O CD da Velha Guarda tem alguns dos sambas mais lembrados pelos antigos da Mangueira,

mas que ainda não haviam sido gravados, como *Palácio Encantado*, de Jurandir e Irsen Pinto, maravilhosamente interpretado pelo vozeirão de Jurandir. Com exceção do *pout-pouri* que encerra o disco, com alguns dos maiores clássicos da Verde-e-Rosa (*A Mangueira não morreu*, *Fala Mangueira*, *Salve a Mangueira*, *Despedida de Mangueira*), as demais músicas são inéditas.

A idéia do disco saiu do violonista Josimar Monteiro, um dos sócios da Nikita que, na discussão sobre o primeiro lançamento do selo, bateu o pé e exigiu a Velha Guarda da Mangueira, grupo com o qual trabalha há cerca de dez anos. Mesmo antes de sair do Pará e vir morar no Rio, a

gravação era uma idéia fixa. “Eu não entendia por que eu só ouvia falar de Velha Guarda da Portela, e não de Velha Guarda da Mangueira”, disse.

Quando veio para o Rio, entrou em contato com a Mangueira e com a Velha Guarda por intermédio do portelense Noca da Portela e César Faria, pai de Paulinho da Viola. Conheceu seu Aloísio, marido de Tia Zélia, uma das pastoras da Velha Guarda, violonista como ele. Com a morte de Aloísio, a Velha Guarda ficou sem violão. Josimar ocupou o lugar. Ele optou por colocar no CD músicas dos compositores “da antiga” da Mangueira e alguns de compositores de escolas “coirmãs”, como Noca da Portela

Projeto resgata sambas de terreiro

A Mangueira parecia ter voltado no tempo na noite do dia 17 de fevereiro. Na quadra de ensaios da Escola, a bateria não tocava no ritmo rápido dos desfiles atuais. O ambiente, em geral lotado nos ensaios, com gente suada se acabando de pular, era tranquilo. Quem comandava a festa era o pessoal mais antigo.

Passeavam pelas mesas, entre gente bem vestida da zona sul da cidade, Preto Rico, Zé Ramos, Xangô, Comprido e tantos outros que fizeram - e ainda fazem - a história da Mangueira. No meio da quadra, as antigas pastoras sambavam sorridentes e plácidas.

Era o lançamento do livro-CD *Mangueira - Sambas de Terreiro e Outros Sambas*, um projeto de fôlego reali-

zado pelo Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, com produção artística de Hermínio Bello de Carvalho, que apresenta 57 músicas, a maioria inédita, e outras em gravações especialíssimas, como as faixas que trazem Cartola cantando, acompanhado ao violão por Jacob do Bandolim, em 1969. Junto com os dois CDs, um livro com fotos de época, perfis dos grandes compositores da Mangueira e descrição detalhada de como foi concebido e realizado o trabalho, o primeiro do projeto *Pela Memória do Samba - Arquivo Musical*, do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro.

REGISTROS. Muitas das músicas que foram cantadas naquela noite e que estão nos dois CDs corriam o risco



(*Divino*) e a imperiana Dona Ivone Lara (*Outros Caminhos*).

Também participam do disco cantores e compositores que prestigiaram a Velha Guarda em shows anteriores. “É gente que sempre cantou de graça nos nossos shows”, disse Ary, o líder do grupo. Participam do CD Mário Lago, Fernanda Abreu, Lenine, Guilherme de Brito, Délcio Carvalho e Moacyr Luz, que canta sua homenagem a Carlos Cachaca, em parceria com Aldir Blanc.

Entre lindos sambas do pes-

EM FEVEREIRO,
GRUPO SE
APRESENTOU EM
LARANJEIRAS,
NA CASA ROSA



soal da antiga da Mangueira estão o primeiro que levou a Mangueira ao título, em 1929, *Chega de Demanda*, de Cartola, com versos de Paulinho Tapajós, o samba-enredo de 1948, *Vale do São Francisco*, de Nelson Sargento e Alfredo Português, e *Incompatibilizado*, de Geraldo Pereira, entre outros.

Mas no meio de todos esses clássicos, o grande sucesso é uma música feita quase que com exclusividade para o disco. “Todo mundo quer ouvir estes grandes sambas antigos, mas depois de três ou quatro, o pessoal quer mesmo é balançar. Então todo mundo pede *Candongueiro*”, partido alto de Tatinho e Xangô, em homenagem à melhor roda de samba da atualidade, realizada em Pendo-tiba, Niterói.

“Eu nunca tinha ido ao Candongueiro e fui assistir à Velha Guarda da Mangueira lá. Fiquei louco”, diz Tatinho, que fez o partido e apresentou a Josimar Monteiro com outros sambas inéditos seus. “Ele nem quis ouvir os outros”, diz, com seu sorriso franco. ■

de ficar apenas na memória dos mais antigos ou perderem-se para sempre. São sambas anteriores até mesmo à fundação da Mangueira, músicas do Bloco dos Arengueiros.

Na apresentação do CD-livro, Hermínio Bello de Carvalho resume um dos critérios para o trabalho: “Optamos pelo registro de lindos sambas de Mangueira por vozes estranhas ao mercado, mas familiares a gente do samba. Vozes por vezes rascantes, mas sempre emocionadas, timbres rasurados pelo tempo, vozes pungentes e sinceras com a de Menininha (mulher de Carlos Cachaca)”.

PESQUISA. A diretora do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, Lélia Coelho Frota, idealizadora do projeto, diz que como a intenção era resgatar os grandes

sambas da Mangueira, a pesquisa musical ficou a cargo do presidente da ala dos compositores da Escola, Anésio dos Santos, o Comprido. A partir daí foram entrevistados grandes nomes da Escola que lembraram sambas antigos de Geraldo Pereira, Padeirinho, Zagaia, Gradim, Geraldo da Pedra e outros mais. Também foram realizadas rodas de samba com a presença de Zé Ramos, Nelson Sargento, Jurandir, Tatinho, Xangô e Dona Neuma, que tiraram do baú da memória os grandes sambas da Escola.

O CD-livro, com tiragem de 3 mil exemplares, não será vendido, mas seus participantes receberam alguns exemplares como pagamento de direito autoral. Para quem gosta do chamado samba de raiz, dois discos e um livro imperdíveis.

JAMELÃO

O solista maior do samba

O mais famoso intérprete de samba do país é, na verdade, como ele mesmo se intitula, um solista. O solista maior do samba de nossa terra que ganha em Mangueira, na voz de Jamelão, o tom dramático do canto de um povo. Aos 86 anos, Jamelão continua ativo, freqüentando a quadra da Mangueira e soltando a garganta para engrandecer os sambas da escola.

Foi cantando que ganhou um lugar na história. "A voz dele é maravilhosa, sem igual", elogia dona Neuma, resumindo o orgulho de todo componente da Mangueira. Mas, embora seja exuberante enquanto canta, é um homem de poucas palavras. Quietos e senhor de muitas histórias, o sambista que nasceu em São Cristóvão só chegou ao morro com 13 anos. Levava um tamborim, que logo abandonou, ao descobrir-se capaz de cantar muito bem, o que lhe garantiu presença entre os mestres da escola.

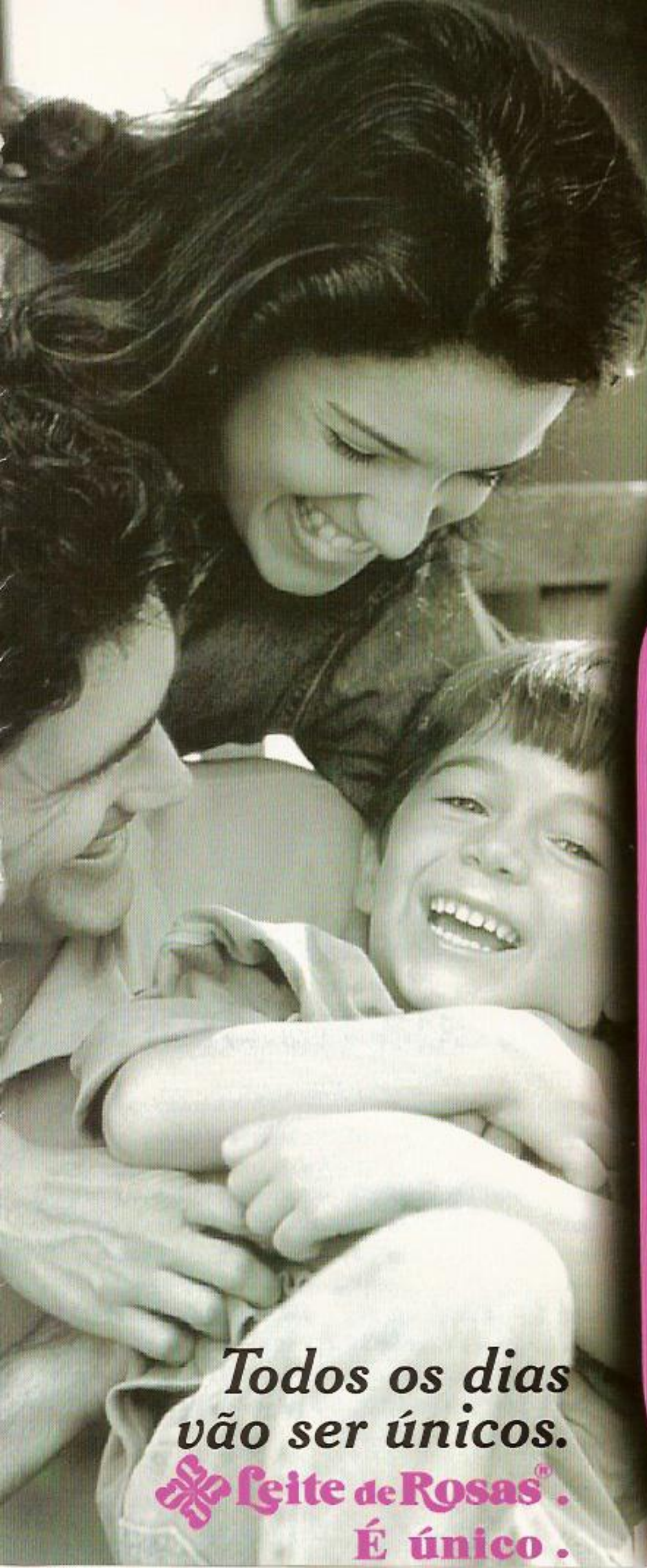
Filho de um pintor e uma lavadeira, descobriu cedo o pendor pela música. O primeiro contato foi com um cavaquinho ganho do pai, que cedeu lugar ao tamborim que lhe valeu a entrada na escola verde e rosa. O primeiro desfile como puxador, no entanto, foi na Deixa Malhar, do Estácio.

Sua vida, no entanto, não foi feita só de música. Na infância era Suarê, moleque bom de bola, no campo do Piedade Futebol Clube. Nessa época, vendia jornais na porta de dancings e, mais tarde, foi trabalhar em uma fábrica de tecidos. Na juventude, conheceu a mulher de toda a sua vida, Delice Ferreira dos Santos, com quem tem uma filha - e dois netos.

A estréia no rádio foi por volta de 1945, em um programa de auditório, mas foi como cantor da noite que conquistou espaço entre os grandes intérpretes do samba-canção e garantiu gravações de sucesso. O primeiro emprego foi como crooner na gafieira Jardim do Méier. Depois, vieram os dancings - o Avenida, na Galeria Cruzeiro, e o Brasil, na Avenida Chile.

Morador de Vila Isabel, Jamelão chega ao ano 2000 cheio de energia. A lenda viva se prepara para entrar na Avenida e defender o samba da Mangueira. Ele sabe que as arquibancadas aguardam respeitosamente a entrada em cena do mestre de mais de 50 carnavais. ■





Leite[®] de Rosas

DESODORANTE



Conteúdo: 310 ml

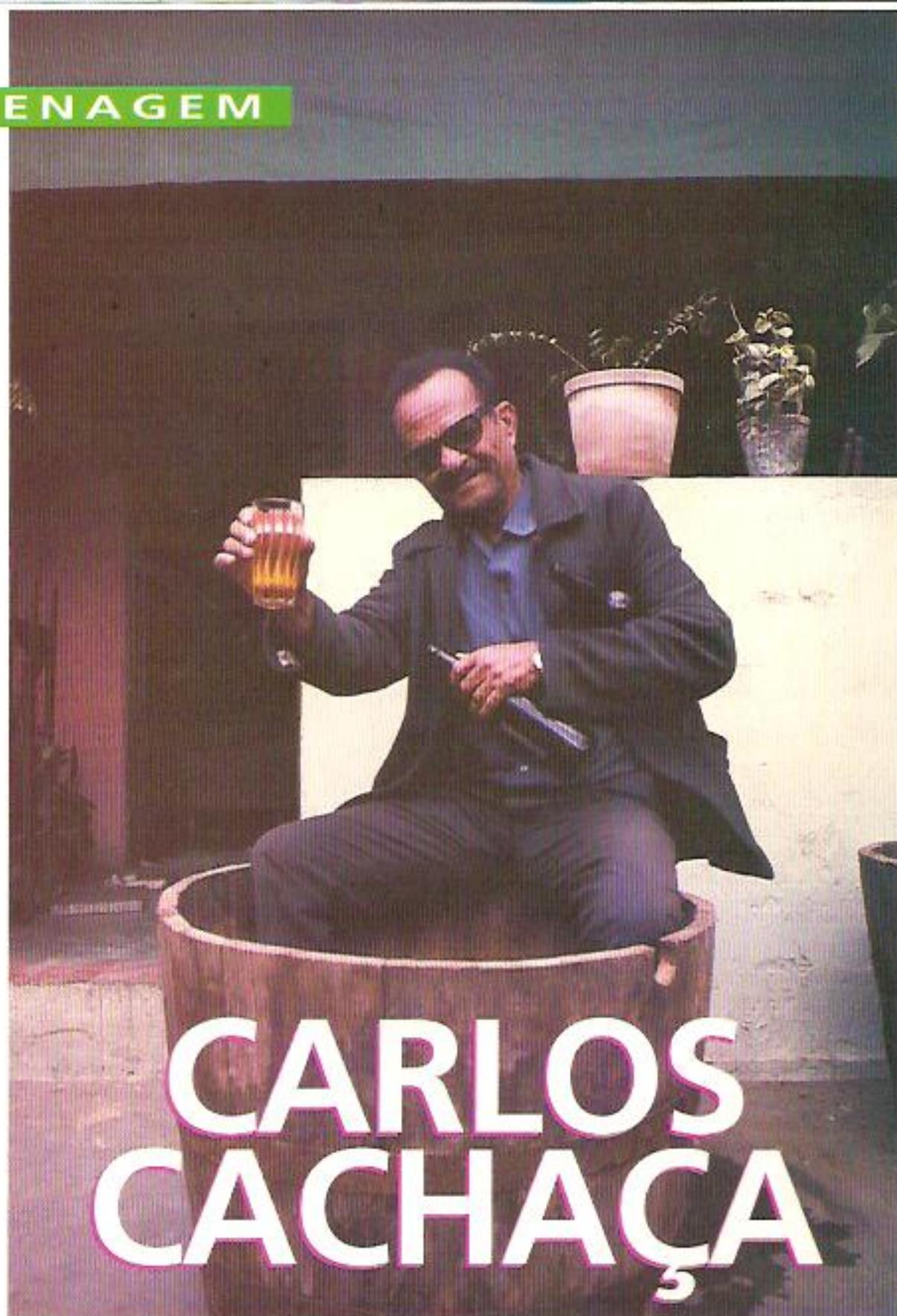
Lote AJ /26

Validade: 01/2002



*Todos os dias
vão ser únicos.*

 **Leite de Rosas[®].**
É único.



CARLOS CACHAÇA

O poeta da alvorada no morro

Quando as primeiras pessoas procuravam um pedacinho de terra para morar no morro de Mangueira, ele já estava lá. Carlos Moreira de Castro viveu 97 anos. Viu nascer a comunidade mangueirense, testemunhou seu crescimento, ouviu os primeiros batuques, fundou o Bloco dos Arengueiros, do qual surgiu o Grêmio Recreativo Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira. Não assinou a ata de fundação, em 1928 ou 1929, mas mesmo assim é considerado tão fundador quanto seu parceiro e concunhado Cartola.

Aos 17 anos, para se diferenciar de outros Carlos

que frequentavam rodas de samba e feijoadas na Praça Onze, no Centro do Rio, e eram apreciadores de uma boa cerveja, ganhou o apelido que viria a consagrá-lo como um dos grandes compositores da história da música popular brasileira: Carlos da Cachaça, mais tarde simplificado para Carlos Cachaca. “É porque eu preferia cachaça a cerveja”, costumava explicar o óbvio.

Morreu sem estar preso ao passado, olhando o futuro e entendendo as modificações pelas quais passaram as escolas de samba, de cuja história é um dos principais protagonistas. Falando dos desfiles, em um



de seus últimos depoimentos à jornalista Lena Frias, disse: “Mudar é natural, acabar com as escolas de samba é que acho difícil”.

Carlos Cachça não foi só um compositor inspirado ou testemunha ocular do crescimento da Mangueira e da chegada do samba no morro. Algumas de suas músicas foram marcos na história do samba, como *Homenagem*, de 1934, parceria com Cartola que, pela primeira vez, cantava vultos históricos e mantinha relação entre a música e o enredo, o que terminou virando praxe e, mais tarde, obrigatório. Foi também de sua autoria o primeiro samba feito na Mangueira, por volta de 1922, conforme depoimento seu ao jornalista Sérgio Cabral, publicado no livro *As Escolas de Samba do Rio de Janeiro*:

“Que harmonia/Lá em Mangueira/Que dá prazer/Pra se brincar”, dizia a letra. A última vez que a Mangueira desfilou com um samba da dupla Carlos Cachça e Cartola foi em 1948, com o antológico *Vale do São Francisco*. Logo depois, em 1949, Carlos Cachça abandonou o dia-a-dia da Mangueira, mas nunca se afastou completamente. Tanto que, no final da vida, ganhou do presidente Elmo José dos Santos o reconhecimento e o título de Presidente de Honra da escola.

INSPIRAÇÃO. Mesmo presenciando toda a história da Mangueira, Carlos Cachça não ficava só no morro. Adorava andar pelos quatro cantos da cidade procurando um bom samba e, evidentemente, uma forma de justificar o apelido, como dizia sua mulher Menininha, irmã de dona Zica, viúva de Cartola. E estas andanças deram lindos sambas que, segundo ele, não saíam de sua imaginação. Dizia que suas letras eram baseadas na realidade. Nas coisas que vivenciava e observava.

Freqüentava o Salgueiro, a Portela, a Vizinha Faladeira e, mesmo quando ganhava concursos de samba representando a Mangueira, podia ser visto

comemorando – ou bememorando – em outras comunidades. Como aconteceu quando ganhou o concurso do jornal *A Pátria* com seu samba *Homenagem*. Sem apoio da Escola, que estava brigada com o jornal, Carlos se apresentou sozinho, mas terminou vencedor, para sua própria surpresa. Foi comemorar no vizinho Tuiuti, conforme relatou a Sérgio Cabral.

Mas foi na Mangueira que surgiu o samba mais conhecido de sua fertilíssima parceria com Cartola. Os dois desciam o morro do Pindura Saia, o dia raiando, quando, segundo conta Dona Zica, os versos começaram a sair “Alvorada, lá no morro que beleza/Ninguém chora. Não há tristeza/Ninguém sente dissabor/E o sol colorindo, é tão lindo, é tão lindo...” A mesma versão consta de seu único disco solo, de 1976.

Na alvorada de um dia de agosto do ano passado, menos de um mês depois de completar seus 97 anos, Carlos Cachça foi encontrar-se com o grande companheiro e afilhado de crisma, Cartola; com Néelson Cavaquinho, parceiro de uma música só; com Noel Rosa, freqüentador assíduo da Mangueira; com Geraldo Pereira e outros mais. Foi ver o seu Brasil, terra adorada (outra parceria com Cartola), lá do alto, de onde o morro da Mangueira mais parece o céu no chão, na visão de Paulinho da Viola, e ocupar seu lugar entre os grandes da cultura da raça humana, como resume sua biógrafa e parceira no livro *Fala, Mangueira*, Marília Barboza, presidente do MIS (Museu da Imagem e do Som): “Toda cultura precisa de um gênio que lhe sintetize as características. Como Homero para os gregos, como Camões para Portugal. E a nossa cultura popular teve”. Seu nome é Carlos Moreira de Castro, o Carlos da Cachça. Ou, mais simplesmente, Carlos Cachça. Que passou a ser chamado de Carlos Água Mineral quando desistiu da branquinha. ■



**MUDAR É
NATURAL,
ACABAR COM
AS ESCOLAS
DE SAMBA
É QUE ACHO
DIFÍCIL**

Dom Obá voltou!

Por obra e graça da Mangueira, o reino dos excluídos e marginalizados volta à lembrança popular através da restauração de uma figura que perambulou pela nossa cidade do Rio de Janeiro, com seus delírios de poesia, seu semblante visionário e sua pregação surrealista, mesmo antes do surrealismo existir. Dom Obá II (como terá sido o primeiro?) faz parte de uma galeria infindável de seres não-compreendidos por todos, mas amado por muitos, que parecem ter uma missão muito especial e desafiadora. Cabe a eles nos arrastar para o mundo que não cabe inteiramente em nosso entendimento. Esses tipos maravilhosos existiram e continuam a existir. Muitas vezes a gente passa por eles e nem se dá conta de sua presença. Parecem mais uma sombra, quase sempre incômoda, mas que está ali para nos despertar, para espicaçar o nosso mundinho arrumado.

O enredo da Mangueira para este ano 2000, e em comemoração aos 500 anos da descoberta do Brasil, subverte a história oficial. Traz esta figura que contestou a razão para apontar a realidade cruel e indiferente, criada e alimentada por uma elite, ela sim, delirante de suas próprias possibilidades. Mais uma vez a escola de samba, como um organismo popular e coletivo, revela para nós mes-

mos lances desconhecidos, personagens escondidos, que contribuíram, e de maneira decisiva, para que o nosso país tivesse uma feição própria, original, autêntica.

O rei dos esfarrapados, príncipe do povo, é da mesma dinastia do Bispo do Rosário; do Dr. Jacarandá, um negro alto que andava vestido de fraque, cheio de livros de direito debaixo do braço;

de dona Olímpia de Minas, que a própria Mangueira já homenageou; do Camundongo, que vivia numa casa com rodas, parando em vários bairros da cidade e colocando para tocar na sua vitrola tosca os discos de cera que ele possuía. Todos anjos visionários, exalando poesia e benquerença, povoando com a sua imaginação um mundo

que seria tão bom se a gente pudesse nele viver.

O sonho, a utopia de Dom Obá II, vão desfilar nesta segunda-feira de carnaval, não apenas fazendo a merecida apologia da figura, mas também questionando e denunciando que o “clarão da igualdade” ainda não apareceu para fazer com que o negro respire felicidade.

Abram alas, toquem trombetas, Dom Obá II vai passar!

O enredo da Mangueira para este ano 2000 subverte a história oficial

•HAROLDO COSTA É ATOR E PESQUISADOR•

SASSE CAIXA AUTO

AQUI VOCÊ TEM
ATÉ 1 ANO
PARA PAGAR
O SEGURO DO SEU AUTOMÓVEL.



Vem para o Sasse Caixa Auto você também.

Descontos
Especiais.

Livre escolha
de oficinas e
Assistência
Dia e Noite.

Pagamento
de sinistro
independente
do motorista.

SASSE CAIXA
Automóvel **SEGUROS**

0800.16.6383
www.sassecaixa.com.br

O negro invisível

Com o advento do ano 2.000 e na vigência das celebrações pelos 500 anos da chegada dos colonizadores portugueses ao Brasil, a questão do Negro permanece, aqui, praticamente inalterada e, em alguns aspectos, até retrocedida em relação ao século XX.

Por culpa de um processo abolicionista que não adotou medidas posteriores que assegurassem aos escravos e seus descendentes, como um todo, o direito pleno à cidadania, a sociedade brasileira engendrou o seu maior problema.

Chegado o novo século, a fraca auto-estima da massa afro-descendente é uma triste realidade, circunstância essa agravada pela completa alienação dessa massa em relação à sua verdade histórica, à de seus ancestrais africanos e à de seus irmãos nas Américas e no mundo.

A produção escrita que tem-se ocupado do assunto, primeiro, viu o indivíduo negro como objeto de ciência e, principalmente, da criminologia e da psiquiatria forense, ramos da Medicina Legal. Depois, o tratou como estatística, num grande esforço acadêmico que, salvo honrosas exceções, nenhum benefício trouxe à solução do problema, só trazendo láureas aos cientistas, raramente negros ou mestiços, que estudaram a questão e a materializaram em suas massudas teses universitárias.

Mero objeto e nunca sujeito de sua própria História, no Brasil o indivíduo de origem africana tem sido alvo de um cruel processo de exclusão e invisibilização. Nas obras de referência, por exemplo, como dicionários biográficos e enciclopédias, esse importante segmento da nacionalidade só tem interesse etnográfico, nelas raramente figurando heróis, sábios e os grandes homens de pele escura. Para essas publicações, em geral, o vocábulo “negro” define, no Brasil, mais uma categoria social, já que os “grandes homens”, quando afro-descendentes, são apenas “nascidos em lar

humilde” e nunca enfocados em sua real origem étnica – ao contrário dos “grandes ingleses de origem judaica” ou “judeus norte-americanos” apropriadamente verbe-tizados nas obras mais respeitáveis.

Essa contumaz invisibilização da afro-descendência no seio da sociedade brasileira tem a seu favor, também, outros fatores. Observe-se que um filho de negro nem sempre é, na aparência fenotípica, um “negro”, como o termo é entendido no Brasil: aqui, um pai de forte aparência negróide pode, através de um casamento misto e em razão de mestiçagens sucessivas ocorridas na mesma família, gerar filhos “brancos”. A consequência deste fato, embora vista como meramente estatística, é também psicológica, pois minimiza a presença da descendência africana e reforça a falácia estatística que enquadra o Negro, no Brasil, como minoria.

É evidente que um desfile de Escola de Samba, hoje, face às injunções da mídia e do mercado e pela natural carnavalesca e folclorização de que se nutre, não é o melhor veículo de conscientização política nem de mensagens visando à elevação da auto-estima do povo negro. Mas a visibilização, pela Mangueira, neste desfile, da figura de Cândido da Fonseca Galvão, o “Dom Obá”, tem, pelo menos, um peso simbólico. Visto apenas – antes do livro do historiador Eduardo Silva – como um tipo de rua, megalomaníaco, dado ao álcool e a assédios sexuais, ele, Dom Obá, na verdade nos faz pensar. E, assim, traz à luz uma vasta galeria de ilustres negros antes invisíveis, como Guerreiro Ramos, o criador da moderna sociologia brasileira; Antenor Nascentes, o pai dos dicionários; Paulo Silva, mestre dos mestres da música erudita; Souza Marques, educador pioneiro; Mercedes Batista, a inventora da dança-afro, e muitos, muitos outros.

•NEI LOPES É ESCRITOR, COMPOSITOR, ADVOGADO•

QUADRA

Samba, suor e muita cerveja

A quadra da Mangueira este ano ferveu. Nos últimos ensaios antes do carnaval, a média era de 10 mil pessoas lá dentro, e pelo menos o dobro do lado de fora. A animação pode ser medida pelo consumo de cervejas: mais de 20 mil latas em cada noite. O samba rolou até 5 horas da manhã, com direito a batalha de confetes e serpentinas. E a canja do Cordão do Bola Preta que, num dos últimos ensaios, deixou a quadra arrasando uma multidão pela rua Visconde de Niterói.



COMUNIDADE

Os novos baluartes

Antes de eleger-se presidente da Mangueira, Elmo tinha uma idéia fixa: unir toda a comunidade, dos velhos mangueirenses à nova geração, em torno de um objetivo comum. Inspirado na sabedoria de Mestre Ataliba – “por mais que os galhos cresçam, o tronco sempre será maior” –, ele investiu nessa idéia. Assim que foi eleito, criou o Conselho Superior da Mangueira, formado por 22 baluartes, com idade mínima de 73 anos. Por esse Conselho, que se reúne de seis em seis meses,

passam todas as decisões importantes da Verde-e-Rosa. Na última reunião, realizada no início de fevereiro, no Palácio do Samba, os conselheiros tiveram uma tarefa difícil, a de eleger os substitutos de Carlos Cachaça, Mestre Tinguinha e Toninho Caolho, falecidos ano passado. A responsabilidade de ocupar os lugares de tão ilustres figuras ficou com Dona Neil, Paulão da Candelária e Raimundo de Castro.



BRASIL-ARGENTINA

Amizade verde e rosa

A amizade de Diego Guelar, ex-embaixador da Argentina no Brasil, com o presidente da Mangueira, Elmo José dos Santos, sobreviveu à mudança do diplomata para Washington. Guelar fez questão da presença de Elmo e Célia nas duas festas de despedidas que promoveu, no Rio e em Brasília. E em artigo na *Folha de S. Paulo*, fez três agradecimentos ao deixar o

país: ao presidente da República, ao presidente do Congresso e ao presidente da Mangueira. A amizade do diplomata argentino com o presidente da Mangueira cresceu depois que Guelar visitou os projetos sociais da Escola. Encantado com o que viu, passou a frequentar a Mangueira e virou Verde-e-Rosa. De Washington, Guelar já mandou quatro cartas para Elmo.

GUILHERME DE BRITO

“A escola do coração”

Carioca de Vila Isabel, Guilherme de Brito está sofrendo de coração frouxo, um mal que, segundo ele, vai se agravando à medida que envelhece. Agora, por exemplo, toda vez que entra na quadra da Mangueira fica com saudades de Nelson Cavaquinho, seu parceiro durante mais de 40 anos.

Com ele, Guilherme diz ter aprendido muito. “Aprendi, por exemplo, a ser Mangueira, a escola do coração pela qual desfilei dois anos”, lembra o compositor. Nos últimos anos, vem recebendo muitas homenagens, que o deixam à beira das lágrimas. Cada vez tem mais dificuldade de controlar a emoção. A mais recente foi a inauguração do Museu da Seresta, no distrito de Conservatória.

Freqüentador das serestas da cidade serrana, não é de hoje que Conservatória corteja o poeta.

Em frente à estação ferroviária, uma grande placa estampa o que talvez seja o mais famoso verso de sua parceria com Nelson Cavaquinho: “Tire o seu sorriso do caminho que eu quero passar com a minha dor”.

O Museu da Seresta será repositório do acervo artístico de velhos seresteiros como ele próprio, Silvio Caldas, Nelson Gonçalves e Gilberto Alves. A simples idéia da homenagem detonou a síndrome do coração frouxo. “A idade vai chegando e amolecendo o coração. Eu acabo sempre chorando nessas ocasiões”, diz o compositor. E neste mês de março ainda tem mais uma homenagem, na Câmara Municipal, onde irá receber a Medalha Pedro Ernesto. Os mangueirenses se unem a essas homenagens ao grande compositor.

**UM GÊNIO DEU À LUZ ESTA IDÉIA,
UM ESPECIALISTA ESTÁ DANDO À IDÉIA MAIS LUZ.**



TV-PRODUCTS



A OSRAM, o maior especialista em lâmpadas do mundo, está recriando a invenção de Thomas Edison, em parceria com clientes, técnicos, fornecedores, arquitetos, engenheiros, supermercadistas e com o consumidor. Cada nova solução que chega ao mercado traz economia, precisão, durabilidade e beleza. Edison inventou um produto necessário à vida moderna, a OSRAM está dando mais vida a essa idéia.

IDÉIAS QUE ACENDEM SUA VIDA.

OSRAM

Desde que o
Samba
é
Samba
o Rio dá o tom da festa

E A FESTA CHEGOU. AQUECIDA POR DEZENAS DE RODAS DE SAMBA E POR OUTRAS DEZENAS DE BLOCOS, QUE SE FORMAM ESPONTANEAMENTE POR TODA A CIDADE, A FOLIA TOMOU CONTA DAS RUAS. O SAMBA CHEGA AO SAMBÓDROMO FERVENDO NA PELE DOS CARIOCAS E ESTÁ MAIS VIVO DO QUE NUNCA. QUANTO MENOS ESPAÇO NA MÍDIA PARA ESSE TIPO DE MANIFESTAÇÃO POPULAR, MAIS ELA SE REVIGORA. NA VERDADE, O SAMBA ESTÁ CADA VEZ MAIS FORTE. TODO DIA SURGE UM ESPAÇO NA CIDADE PARA OUVIR O QUE DE MAIS AUTÊNTICO EXISTE NA MÚSICA BRASILEIRA. E ESSES ESPAÇOS ESTÃO CHEIOS, NO PALCO E NA PLATÉIA, DE UMA GOSTOSA MISTURA DE INSTRUMENTISTAS JOVENS E DE VELHOS SAMBISTAS E CHORÕES, TROCANDO EXPERIÊNCIA, COMPARTILHANDO O PRAZER DE OUVIR A GOSTOSA MÚSICA CARIOCA. SE O SAMBA É A MAIOR EXPRESSÃO DA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA, O CARNAVAL É O CENÁRIO DE SUA GLORIFICAÇÃO. JUNTOS, SAMBA E CARNAVAL FAZEM NESTE INÍCIO DE MARÇO A SIMBIOSE IDEAL, A SÍNTESE DA GRANDE ALEGRIA DO POVO ESPARRAMADA NAS RUAS.

BLOCOS

• **Bloco do Bip-Bip**

Dias 04/03 - Sexta-feira e 07/03 - Terça-feira

O bloco vermelho e branco leva o mesmo nome do botequim de onde sai, famoso reduto da boemia e do samba. De suas rodas de samba participa o que há de melhor na música popular "carioca". Mantém a tradição dos velhos botequins pés-sujos. Nenhum lugar para sentar, muita cerveja e samba de primeira. A camiseta deste ano é ilustrada por Chico Caruso e pode ser adquirida no próprio bar. Concentração: em frente ao Bip-Bip, Rua Almirante Gonçalves, 50, Copacabana. Para o desfile do dia 04, a concentração começa às 22h do dia 03, sexta-feira. O bloco desfila ao primeiro minuto (00h01) do sábado de carnaval. Na terça, a concentração começa a partir das 19h e o bloco sai às 21h.

• **Cordão do Bola Preta**

Dia 04/03 - Sábado

Uma instituição do carnaval carioca. A mais antiga agremiação carnavalesca em atividade, desfilando desde 1918. Percorre as ruas do Centro, sempre pela manhã. Apesar do sol escaldante, seus foliões não desanimam jamais, embalados por sua excelente banda que toca sem parar a famosa marchinha *Quem não chora não mama*. As cores são o branco com bolas pretas, como reza o nome. Concentração: em frente à sede do Bola Preta, na esquina das Ruas Evaristo da Veiga e Treze de Maio, na Cinelândia, a partir das 9h.

• **Bloco do Barbas**

Dia 04/03 - Sábado

É um dos mais antigos blocos da Zona Sul. Surgiu do famoso bar Barbas, que ficava na rua Álvaro Ramos, em Botafogo, e reunia intelectuais, políticos e sambistas em suas mesas. O bar fechou, mas o bloco continuou, sempre sob a batuta de Nelson Rodrigues Filho. Uma de suas atrações é o banho de água de um carro-pipa que molha os foliões durante o percurso. Suas cores são o branco e o vermelho. A camiseta é desenhada pelo compositor Edmundo Souto, e custa R\$ 10,00. Concentração: esquina das Ruas Assis Bueno e Arnaldo Quintela, em Botafogo, a partir das 14h.

• **Simpatia É Quase Amor**

Dia 05/03 - Domingo

É o 16º desfile do bloco que, como acontece todos os anos, arrasta uma multidão pelas ruas de Ipanema. A camiseta deste ano é de autoria do cartunista Jaguar e pode ser adquirida por R\$ 10,00 no Bar Paz e Amor, em Ipanema (esquina de Nascimento Silva com Garcia D'Ávila) na hora do desfile. As cores do bloco (amarelo e lilás) são uma homenagem ao Engov, que previne e cura ressaca. Concentração: Praça General Osório, em Ipanema, a partir das 17h.

• **Bloco Que Merda é Essa**

Dia 05/03 - Domingo

Este ano completa seis anos de desfile. Sua sede social é o Bar Paz e Amor, que fica na esquina de Garcia D'Ávila com Nascimento Silva, em Ipanema. As camisetas estão à venda no bar por R\$ 10,00. Sua cor predominante (marrom) reflete o nome do bloco. Concentração: Bar Paz e Amor, a partir das 14 h.

• **Bloco de Segunda**

Dia 06/03 - Segunda-feira

Seu nome faz jus ao dia em que desfila, com uma brincadeira de duplo sentido. Mas, diferentemente do que o nome sugere, a animação é de primeira. Conta com o auxílio luxuoso da bateria da Mocidade Unida do Morro Santa Marta. Seus enredos e sambas são sempre marcados pela sátira política. Suas cores: branco, vermelho e azul. A camiseta pode ser adquirida no próprio dia do desfile, ao preço de R\$ 10,00. O enredo para este ano é *Nós sem Rumo*. Concentração: Cobal do Humaitá (lado da Voluntários da Pátria), a partir das 17h.

• **Bloco do Clube do Samba**

Dia 07/03 - Terça-feira

Um dos blocos mais antigos e tradicionais do carnaval de rua da cidade. Este ano completa 21 anos de idade. Fundado por sambistas de renome, como João Nogueira, Paulo César Pinheiro, Mauro Duarte, Gisa Nogueira, Paulo César Feital, Jorge Simas, Beth Carvalho, Sérgio Cabral, Elizete Cardoso e Clara Nunes, entre outros. João Nogueira é um de seus organizadores. A camiseta

do bloco preto e branco custa R\$ 10,00 e pode ser encontrada no bar Bip-Bip (Rua Almirante Gonçalves, 50, Copacabana) e na barraca do Clube do Samba, no Terreirão da rua Benedito Hipólito, no Centro. Concentração: Avenida Atlântica esquina com Santa Clara, a partir das 14h.

RODAS DE SAMBA E CHORINHO

• **Bip-Bip**

Todos os dias, a partir das 18h. É considerado um dos templos do samba carioca. Comandado por Alfredo Jacinto Melo, o Alfredinho, considerado o segundo melhor garçon do Rio, embora não sirva a ninguém. Às terças tem chorinho e aos domingos, roda de samba, sempre após as 19h. Circulam por lá feras do quilate de Nelson Sargento, Elton Medeiros, Walter Alfaiate, Paulão 7 Cordas, Beth Carvalho e muitos outros. Rua Almirante Gonçalves, 50, Copacabana. Telefone: 267-9696.

• **Espírito do Chope - Grupo Sarau**

Aos domingos, a partir das 19h, couvert a R\$ 4,00. O grupo Sarau, comandado por Bruno Rian (filho do bandolinista Déo Rian), arma uma das melhores rodas de chorinho da cidade. Já passaram por lá, como convidados ou homenageados, Paulinho da Viola, César Faria, Dino 7 Cordas, Déo Rian, Raul de Barros e Sérgio Cabral. Cobal de Botafogo, Rua Voluntários da Pátria, 448, Botafogo. Telefone: 266-5599.

• **Pagode da Tia Elza**

Um dos mais antigos pagodes de mesa da Zona Sul. Toda primeira sexta-feira do mês, após as 23h, com o grupo Ondas do Pagode. No repertório muito Fundo de Quintal, Luiz Carlos da Vila e Jorge Aragão. Entrada franca. Aos sábados o grupo Samba com Opinião, de Márcia Duarte, Ivan Milanez, Jair do Cavaquinho e Waldir 59, comanda o samba a partir das 17h, couvert a R\$ 5,00. Estrada Dona Castorina, 105, Horto.

• **Candongueiro**

Dois sábados por mês, das 22h até o dia clarear. Embora seja do outro lado da Baía, é uma das mais animadas rodas de samba cariocas. Os convidados são sempre de alto nível, como Monarco e a Velha Guarda da Portela, Walter Alfaiate, João Nogueira, Paulo César Pinheiro, Cristina Buarque, Noca da Portela, Nei Lopes, Wilson Moreira, Wilson das Neves, Nelson Sargento, Xangô e a Velha Guarda da Mangueira, Walter Alfaiate. Couvert a R\$ 10,00. Estrada Velha de Maricá, 1154, Pendotiba, Niterói. Telefone: 616-1239.


• **Roda de Samba da Praça Mauro Duarte**

Walter Alfaiate comanda a roda de samba todo primeiro sábado do mês, na Praça Mauro Duarte, dividindo o papel de mestre de cerimônia com as filhas e filhos do falecido compositor que deu nome à praça. O movimento existe há 10 meses. São frequentadores da roda de samba, entre outros, Noca da Portela, João Nogueira, Paulo César Pinheiro, Cristina Buarque, Gisa Nogueira, Paulinho Tapajós, Edmundo Souto, Dorina, Marquinhos de Oswaldo Cruz, Tia Surica da Velha Guarda da Portela, Moacyr Luz, Wilson Moreira, Nelson Sargento, Jair do Cavaquinho, Agenor de Oliveira, Jorge Simas e Eliane Faria. Ruas São Manuel e Fernandes Guimarães, Botafogo.

• **Emporium 100 (Coisa da Antiga)**

De quarta a sexta, a partir das 18h. Sábado, a partir das 20h. Couvert a R\$ 5,00. Às sextas e sábados tem consumação mínima de R\$ 4,50. A programação é a seguinte: Quartas: Galotti, Mariana Bernardes, Pedro Holanda e Pedro Miranda, roda de samba às 21h. Quintas: grupo Urubu Malandro, chorinho e samba, às 21h. Sextas: chorinho com a dupla Carlinhos e Pedrinho, às 19h, e roda de samba com os bambas do conjunto Dobrando a Esquina – Marcelo Menezes (violão), Luciane (cavaquinho), Lenildo (bandolim) e Paulino (percussão) – a partir das 23h. Aos sábados, samba com o grupo Benguelê. No primeiro sábado de cada mês tem o grupo Tio Samba, sempre às 22h. Rua do Lavradio, 100, Lapa. Telefone: 852-5904.





- **Espaço das Artes**

De terça a sexta, couvert a R\$ 5,00. Samba, chorinho e bossa nova. Rua do Lavradio, 22, Lapa. Telefone: 242-1208.

- **Puxando Conversa - Jardins do Museu da República**

Todas as segundas e quartas-feiras do mês, às 18h30, com entrada franca. Exibição de vídeo com depoimentos dos compositores de samba cariocas, seguido de animada roda de samba. Costumam andar por lá Xangô da Mangueira, Délcio Carvalho, Jair do Cavaquinho, Monarco, Surica, Toninho Geraes, Dorina, Ari do Cavaco, Barbeirinho, Ratinho, Walter Alfaiate, Zorba Devagar e muitos mais. Rua do Catete, 153, Catete.

- **Semente**

Sábado às 22h, couvert a R\$ 5,00, consumação mínima de R\$ 5,00. Roda de samba com a cantora e compositora Teresa Cristina e grupo (Bernardo, João Calado, Pedrinho). Às vezes, componentes da Velha Guarda e da Ala dos Compositores da Portela aparecem e dão canjas. Rua Joaquim Silva, 138, Arcos da Lapa.

- **Severina**

Às terças, a partir das 22h, roda de samba com Luís Filipe de Lima, Galotti, Pedrinho e Marquinho Basílio, couvert a R\$ 5,00. Aos domingos, a partir das 19h, Confraria dos Carecas, comandado por Paulinho Soares. Rua Ipiranga, 54, Laranjeiras. Telefone: 556-9398.

- **Butiquim do Martinho**

Todos os dias, às 19h, couvert a R\$ 5,00. Segundas: roda de samba com Martinália. Terças e quartas: pagode com Compasso da Vila. Quintas: chorinho com Chorando pra Você e aos domingos pagode com Toque de Arte. O "patrão" Martinho da Vila eventualmente dá o ar da graça. Shopping Iguatemi, em Vila Isabel.

- **Seis e Meia do Sintrasef - Federação das Bandeirantes**

Roda de samba mensal promovida pelo Sindicato dos Trabalhadores do Serviço Público Federal. Pagode de mesa com convidados. Primeira quinta-feira do mês, às 18h30, entrada franca. Rua Marechal Câmara, 186/3º, Castelo. Telefone: 533-2509.

- **MPB de Raiz - Asa Branca**

Aos sábados, a partir de 12h, com feijoada. Mulheres pagam R\$ 3,00 e homens R\$ 5,00. O MPB de Raiz é comandado pelo radialista e produtor musical Adelson Alves. Rua Mem de Sá, 17, Lapa. Tel: 224-2342.

- **Casarão da Associação de Capoeira**

Primeiro domingo do mês, às 17h, couvert a R\$ 5,00, roda de samba com Galotti, Luís Filipe, Pedrinho e Marquinho Basílio. Próximo à Estação Cantareira, S. Domingos, Niterói.

- **Casa da Mãe Joana**

Todas as sextas e sábados Darcy Maravilha comanda roda de samba, a partir das 22h. Couvert a R\$ 8,00 e consumação mínima de R\$ 5,00. Rua São Cristovão, 73, São Cristovão.

- **Pagode da Ruça**

Todos os sábados, a partir das 17h, roda de samba. Couvert a R\$ 3,00. Rua Araxá, 85, Grajaú.

- **Pagode do Trem - Dia Nacional do Samba**

Desde o ano passado faz parte do calendário de eventos oficiais da cidade. O pagode rola dentro de um trem que sai da Central em direção a Oswaldo Cruz. Cada vagão leva um grupo musical. Na estação de Mangueira, o comboio dá uma parada especial para receber mais sambistas. O trem vai lotado e em grande animação. Em Oswaldo Cruz, formam-se várias rodas de samba. Central do Brasil, 2 de dezembro.

O Rio sem o general de suas bandas

Certamente Deus está querendo organizar uma senhora festa. Então chamou o Albino. E nos deixou com cara de tacho, olhando pro céu e procurando descobri-lo entre azuis e estrelas. Poxa, Albino, onde é a boa?

Por puro fastio de escrever, ele levou consigo uma memória carioca única e estuante, protagonista que foi de tudo quanto esta cidade do Rio de Janeiro é e significa. Porque Albino sempre esteve aqui e lá, o tempo todo, onipresente. Quando menos se esperava, naquele jeito de falar meio no arranco, saía-se com um caso, uma narrativa, uma figura que, sozinha, traçava um clima e dizia tudo.

Fazia isso com olho travesso, rosto molhado de leve malícia, um sorriso de menino grande, como quem diz: "Viu? Se um dia eu escrever essas coisas, vai ser um espetáculo, não é? Pode ser até que haja feito anotações, mas a dele, de fato, passava por outros caminhos. Albino Pinheiro era um griot, um aedo, um conversador e tanto. Um mestre da crônica oral. Dizia e, quem quisesse, passasse adiante.

Isso nos ambientes de fino trato, no meio do samba, nas rodas de choro. Nas muvucas da Zona Norte, nas bossas da Zona Sul, nos cafos da Zona Oeste, nas macumbas, a palestrar na maior intimidade com pais de santo e orixás. Era assim no salão e no terreiro, onde se destacava sua figura bonita, sempre vestida em tons claros, calça branca, a camisa aberta até o segundo ou terceiro botão, malandro sofisticado. Parecia um oxalá, o avatar negro de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Testemunha e figura central. Quem poderia deixar de vê-lo e reverenciá-lo? Era um príncipe. Das altas cortes e dos lupanares. Dos engomados e pés-no-chão. Das virginais e das vagabundas. Você chegava no morro e lá estava ele nas

biroschas, traçando umas, escutando piadas – adorava as bem pesadas –, morrendo de rir. Lá estava ele nos botecos e bares da cidade derrubando cervejas, especialista em chopes e gorós, aquela entrega sensual e sem culpa. "Gosto de beber. É pra ficar bêbado mesmo. Acho ótimo".

O mais completo mensageiro da alegria que o Rio de Janeiro conheceu. Alegria, irreverência e bem-querer que foram as suas armas na luta contra a única coisa que realmente detestava: o autoritarismo, o não, a ditadura. Irreverência moleque de que nasceu a seminal e multiplicadora banda de Ipanema. Foi com ela que pulverizou a empáfia dos generais, ao aceitar o título de General da Banda.

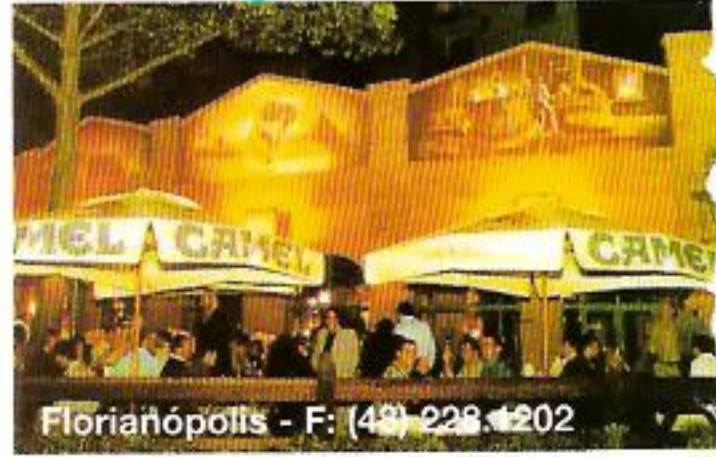
Albino, o agitador cultural, o conselheiro, a presença constante. Projeto Seis e Meia, que ganhou versão nacional e inspirou o Projeto Pixinguinha. Música popular. Cantores e artistas. Teatro. Carnaval. Meu Deus, tudo tem Albino.

O ai-Jesus das mulheres, doce negreiro, aplicado mulateiro. Sumia e a gente perguntava: cadê o Albino? Pergunta tola, pura retórica. Todo mundo sabia que só podia estar em ofício de conquista e corte, mergulhado na paixão por moças de cor sépia, pastoreando alguma cabocla, a honrar o mistério da mulher, entre lençóis safadinhos.

Vir ao Rio e não conhecer o Albino era o mesmo que ir a Roma e não ver o Papa. E agora? O Rio sem o Papa, sem o nosso General da Banda, sem o papel crepom dos banhos de mar à fantasia. Sem a sua clara presença nos chopes dos bares cariocas. Meu Deus! O Rio sem Albino Pinheiro, como é que pode?

Artigo de Lena Frias reproduzido do JORNAL DO BRASIL de sexta-feira, 25 de junho de 1999, dia seguinte à morte de Albino Pinheiro

SAMBA, SUOR E CHOPP GELADO





Você e escolher
aonde tomar nossas
cervejas exclusivas



Itaim (São Paulo) - F: (11) 366.1515



Natal - F: (84) 202.1089



Garanta um

carnaval tranquilo

Você é marinheiro de primeira viagem? Não se assuste. Assistir ao desfile das escolas de samba no Sambódromo não é nenhum bicho de sete cabeças. Você não participa de nenhuma excursão nem comprou qualquer pacote em agências de viagem? Tá certo, é uma pessoa independente, que quer participar da festa “por dentro”, como o mais autêntico folião. Sem problemas. Mesmo sendo um cara descolado, que já compareceu diversas vezes aos desfiles, não custa tomar certos cuidados, seguir algumas dicas. Tudo isso para você poder curtir com tranquilidade o desfile e torcer feliz pela Mangueira (a Verde-e-Rosa é a segunda escola a desfilarm na segunda-feira de carnaval, com início previsto para as 18h).

• TRANSPORTES

Evite o carro, é difícil estacionar. As ruas em torno do Sambódromo ficam interditadas, o acesso só é permitido para automóveis credenciados. Se você insistir em ir de carro, evite estacionar nos locais proibidos pela Cet-Rio. O policiamento é rigoroso, os reboques atuam direto, e você corre o risco de passar o resto do carnaval sem automóvel. Pense bem: imagine você na quarta-feira de cinzas, mal recuperado da folia, tendo de enfrentar a fila do depósito, a fila do banco, e ainda ter de pagar a multa. Acaba com qualquer bom humor.



A melhor forma de se chegar à Sapucaí é de Metrô. É barato e divertido. Se ao lado da sua casa não tem Metrô, escolha a estação mais próxima, estacione seu carro e embarque na divertida viagem. No trajeto você encontrará dezenas de foliões fantasiados e com alto grau de animação, todos cantando o samba da escola em que irão desfilar. Tem fantasia de tudo quanto é escola e de todos os tipos. Do luxo ao lixo. O Metrô funciona sem parar das 15h de domingo até as 23h da terça-feira de carnaval. Somente três estações não funcionam no domingo: Presidente Vargas (Linha 1), Maracanã e Del Castilho (Linha 2), mas nos outros dias o funcionamento destas estações é no horário normal, das 6h às 23h. O Sambódromo é servido por duas estações da linha 1: estação da Central, para quem tem ingresso no lado ímpar, e estação Praça Onze, para quem tem ingresso no lado par.



Uma boa opção para quem tem um pouco mais de dinheiro é o táxi. Para ir, basta pegar qualquer um na porta de sua casa. Já para voltar é difícil encontrar um táxi que leve pelo preço de tabela. A maioria cobra pela corrida. Negocie. Se você estiver em grupo sai mais barato. É uma boa opção para quem está muito cansado e não quer caminhar até o Metrô. A Liesa tem convênio com duas empresas de táxis especiais, que ficarão à disposição do folião em áreas exclusivas na Passarela do Samba: a Coopertramo (560-2022), no lado ímpar, e a Coopatur (537-1009), no lado par.

Um outro esquema alternativo de transporte são as vans, que levam até 14 pessoas. Existem aos milhares pela cidade e as negociações variam conforme o número de pessoas e o serviço prestado. Algumas empresas alugam o veículo, com motorista, como a On Time (580-7893/860-5385) ou a BSL (699-0435). É bom ligar com certa antecedência.

• ALIMENTAÇÃO

Acompanhar o desfile das escolas exige certo preparo físico. O espetáculo é lindo, mas cansativo. O desfile começa às 19h, com previsão de acabar por volta das 5h da manhã do dia seguinte. Além da longa duração, o calor é forte. Portanto, escolha roupas leves e frescas. Não coma nada muito pesado. Prefira frutas, saladas e alimentos energéticos. Tome líquidos para não desidratar.



No Sambódromo, os camarotes são abastecidos por serviços de bufê. Para o pessoal que vai de frisas, cadeiras de pistas e arquibancadas, existem várias lojas da rede Bob's espalhadas por todos os setores, que vendem bebidas, sanduíches e salgadinhos.



Para quem vai desfilar e tem que chegar cedo na concentração, é grande a variedade de ofertas. Dezenas de barraczinhas de ambulantes, autorizados pela Prefeitura, vendem bebidas, refrigerantes e vários tipos de comidas – saquinhos de biscoitos e salgadinhos, milho verde, o tradicional cachorro-quente, o folclórico churrasquinho de filé “miau”, sopas de entulho e ervilha e os caldos de feijão e mocotó, que fazem tão bem à alma, principalmente depois que você desfilou.



Vale a pena dar um pulo no Terreirão do Samba, que fica do lado ímpar do Sambódromo, perto da concentração. Lá você encontra várias barracas de comidas e bebidas. Algumas barracas são ligadas a figuras de escolas tradicionais e decoradas com as cores da escola preferida.





- **ATENDIMENTO MÉDICO**

O atendimento médico é realizado pela Secretaria Municipal de Saúde, com postos localizados no Museu do Carnaval, na Praça da Apoteose, no setor 1, na Concentração e no setor 2. Atendimentos mais graves são feitos por uma equipe do Corpo de Bombeiros. Havendo necessidade, estes casos serão encaminhados para a urgência do Hospital Souza Aguiar.

- **ENCONTROS**

De preferência marque com os amigos na casa de alguém e sigam juntos para o Sambódromo. É menos tumultuado e mais seguro. Caso seja inevitável, evite marcar na área da concentração e prefira o lado de fora do Sambódromo. O portão da Brahma, do lado par, é um bom lugar. Do lado ímpar, o Batalhão de Choque da PM.

- **TELEFONES**

A Telemar instalou vários telefones públicos ao longo da Passarela do Samba, aptos para ligações locais, estaduais e até internacionais. A empresa também tem à disposição máquinas de vendas automáticas de cartões telefônicos.

- **FOTOS E LEMBRANÇAS**

Caso você queira fazer uma foto para recordar aquele momento especial ou comprar alguma lembrancinha, não se preocupe. Vários quiosques estão distribuídos ao longo da Passarela, vendendo camisas das escolas, CDs com os sambas-enredos e outras gracinhas. A Kodak tem quiosques com filmes e máquinas descartáveis.

- **MENORES**

Crianças de qualquer idade podem assistir ao desfile, desde que acompanhadas dos pais. É bom seguir a orientação do Juizado de Menores: para facilitar a localização, menores de cinco anos devem portar alguma identificação, costurada à roupa, com o nome da criança e responsáveis, telefone e endereço. A sede do Juizado de Menores fica ao lado do Sambódromo, na concentração, lado par, esquina de Presiden-

te Vargas com Marques de Sapucaí. Para lá poderão ser encaminhados menores perdidos.

- **DEFICIENTES FÍSICOS**

Nos setor 13 da Passarela do Samba tem lugar reservado para deficientes físicos e acompanhantes, com rampas e banheiros adaptados.

- **ACHADOS E PERDIDOS**

É chato, mas acontece. Você perdeu seus documentos ou outro objeto importante. Bate um tremendo desespero. Calma, a esperança é a última que morre. Quem sabe outra pessoa não encontrou seus pertences e os colocou em uma das 12 caixas coletoras que a Empresa de Correios e Telégrafos (ECT) distribuiu pelo Sambódromo? Com certeza você faria o mesmo, caso achasse os documentos de alguém. Só precisa ter um pouco de paciência, pois a ECT não funciona durante o carnaval. Na quarta-feira de cinzas, procure a Agência Central, na Avenida Presidente Vargas, 3077, Setor de Achados e Perdidos, a partir das 13h. Boa sorte. E da próxima vez, mais atenção!

- **O QUE PODE E O QUE NÃO PODE**

Parece desnecessário dizer, mas não custa lembrar. Não leve armas, fogos de artifício (não precisa, as escolas promovem belos shows pirotécnicos quando iniciam seus desfiles e é mais seguro.), tóxicos ou lança-perfumes, garrafas, latas ou recipientes metálicos, de vidro ou de borracha. Estão liberados confetes e serpentinas e o radinho de pilha, para quem gosta. Pequenas caixas de isopor e almofadas também.

- **KIT CARNAVAL**

Se você tomar pequenos cuidados, coisa simples, pode acompanhar o desfile melhor. Além dos documentos – o mínimo necessário – e dos ingressos (verifique antes de sair se estão no seu bolso), vale a pena levar uma capa de chuva descartável (dessas que dobram todas, até ficarem minúsculas) e um Engov, por precaução. Para se proteger do sol, um bom chapéu ou boné e um par de óculos escuros. Divirta-se.



BB Responde 0800 78 5678

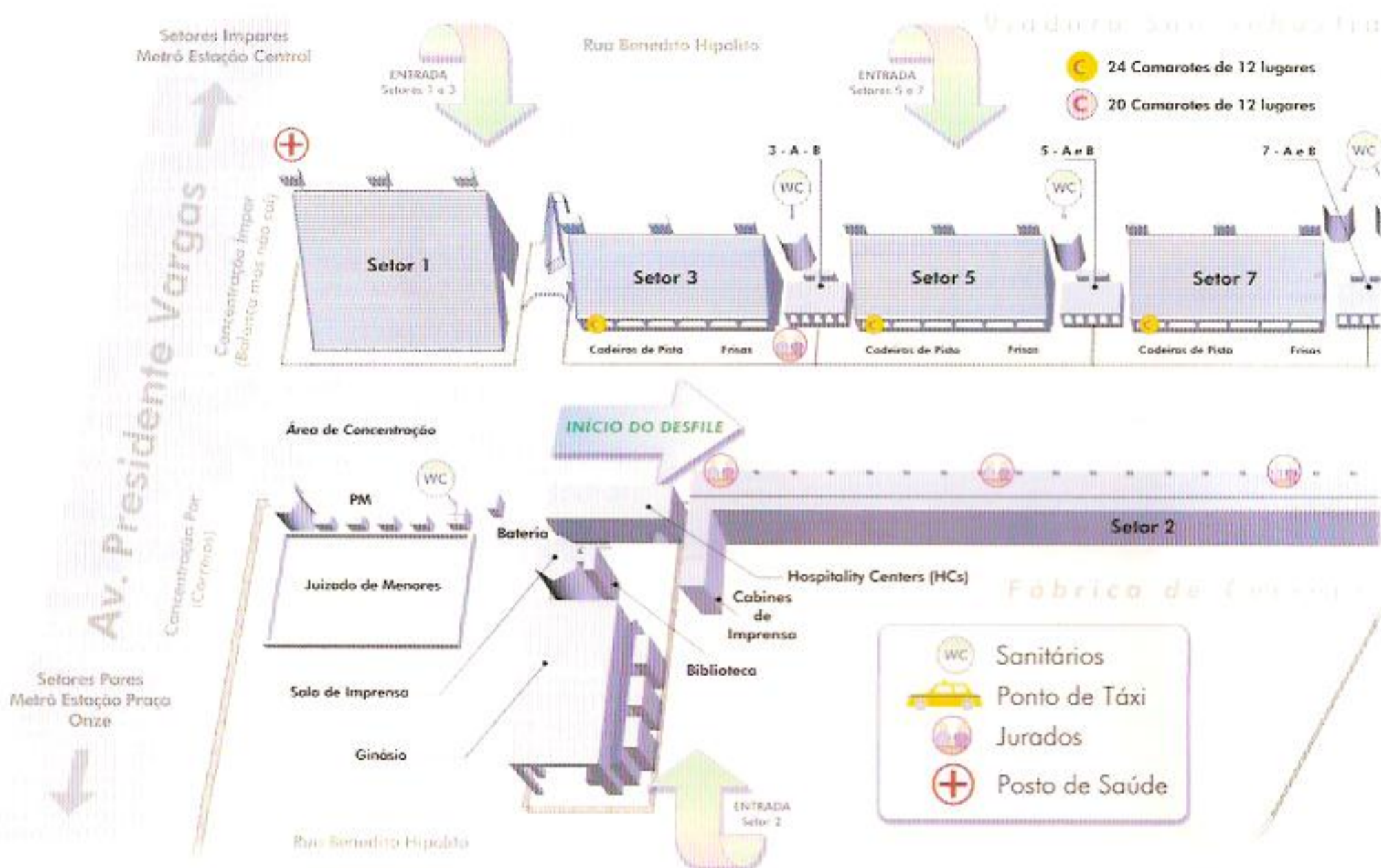
www.bancobrasil.com.br

Conservadora ou arrojada?

Não importa o seu estilo, o Banco do Brasil tem sempre a melhor opção para você investir com rentabilidade e segurança. Banco do Brasil. O banco que mais investe por você.

BANCO DO BRASIL

A passarela



Cante o samba da Mangueira

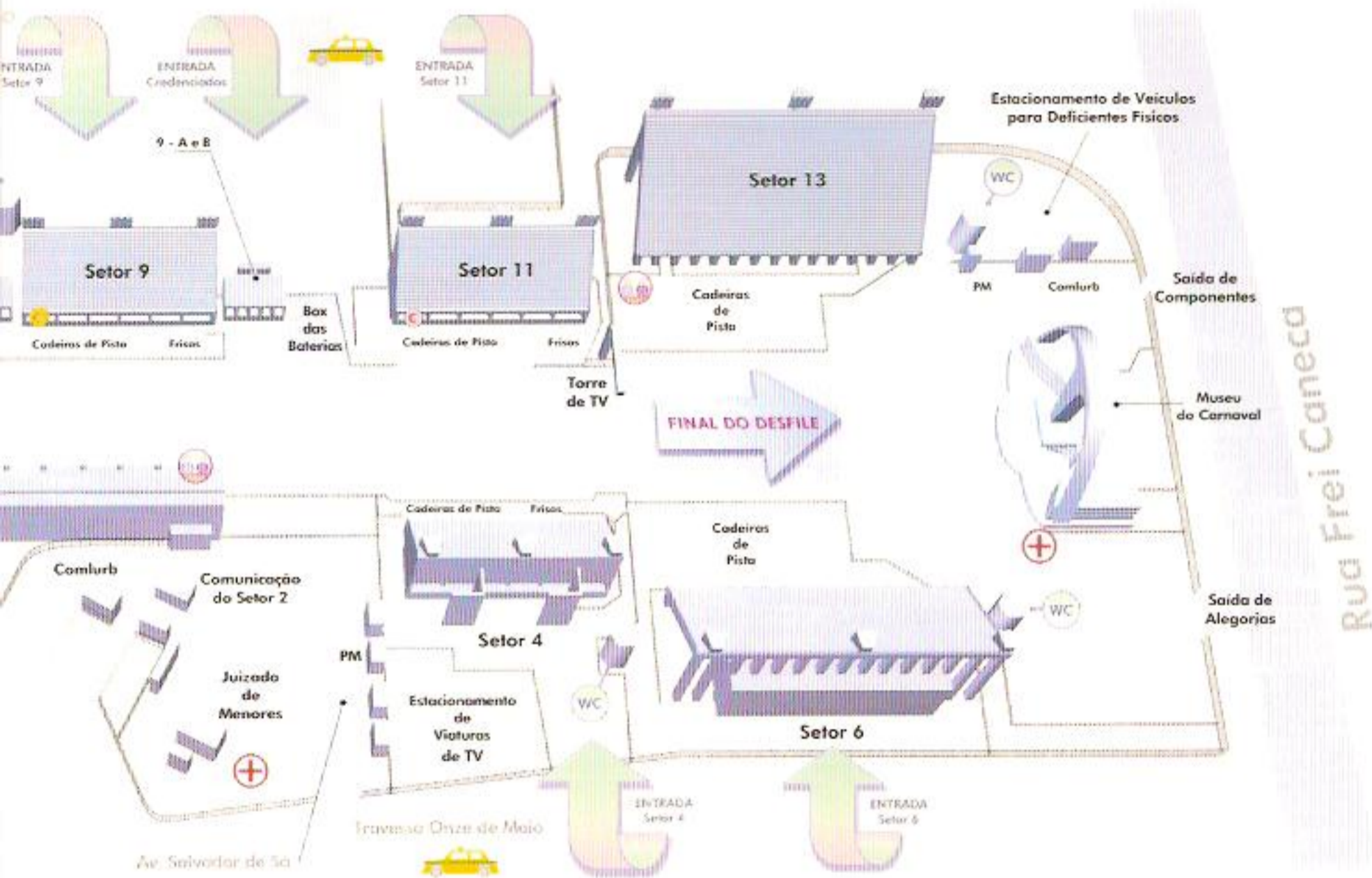
**DOM OBÁ II -
REI DOS ESFARRAPADOS,
PRÍNCIPE DO POVO**

autores: Marcelo D'Aguiã, Bizuca,
Gilson Bermini e Valter Veneno

Axé, Mãe África
Berço da Nação Iorubá
De onde herdei o sangue azul da
realeza
Sou guerreiro de oyó,
Filho dos Orixás

Vim da corte do sertão,
Pra defender a nossa pátria
Mãe gentil

do samba



Sou "Dom Obá" o príncipe do povo,
Rei da ralé
Nos meus delírios, um mundo novo
Eu tenho fé

No rio de lá,
Luxo e riqueza
No rio de cá
Lixo e pobreza

Frequentei, o palácio imperial
Critiquei, a elite no jornal
Desejei, liberdade
500 anos! Brasil
E a raça negra não viu
O clarão da igualdade
Fazer o negro respirar felicidade

Sonho ou realidade?
Uma dádiva do céu (do céu, do céu)
Vi no morro da mangueira
Sambar de porta-bandeira
A princesa Isabel

FICHA TÉCNICA

Cores: Verde e rosa

Fundação: 28.04.28

Presidente: **Elmo José**

Carnavalesco: Alexandre Louzada

Mestre-sala e Porta-bandeira:

Marquinhos e Geovana

Mestre de bateria: Russo

Localidade: Morro da Mangueira



0800 20 2000



*A Telemar está ajudando a aproximar
crianças da escola.*

Sua empresa de telecomunicações está apoiando a campanha "Recicle uma Vida", da Ação da Cidadania – Comitê Rio. Se você tem cartuchos de impressora usados, deposite-os nas urnas espalhadas pela cidade. A renda obtida com a reciclagem dos cartuchos irá beneficiar crianças carentes, através da bolsa-escola cidadã. Saiba onde estão as urnas pelo telefone que a Telemar colocou à sua disposição: 0800 20 2000. Ligue para a vida. Participe.



 **TELEMAR**
Soluções para você